

LINGUAGEM EM FOCO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
APLICADA DA UECE

METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR

José Jackson Coelho Sampaio

VICE-REITOR

Hildebrando dos Santos Soares

EDITORA DA UECE

Erasmio Miessa Ruiz

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso

Francisco Horácio da Silva Frota

Francisco Josênio Camelo Parente

Gisafran Nazareno Mota Jucá

José Ferreira Nunes

Liduína Farias Almeida da Costa

Lucili Grangeiro Cortez

Luiz Cruz Lima

Manfredo Ramos

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Marcony Silva Cunha

Maria do Socorro Ferreira Osterne

Maria Salete Bessa Jorge

Silvia Maria Nóbrega-Therrien

CONSELHO CONSULTIVO

Antônio Torres Montenegro (UFPE)

Eliane P. Zamith Brito (FGV)

Homero Santiago (USP)

Ieda Maria Alves (USP)

Manuel Domingos Neto (UFF)

Maria do Socorro Silva Aragão (UFC)

Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça (UNIFOR)

Pierre Salama (Universidade de Paris VIII)

Romeu Gomes (FIOCRUZ)

Túlio Batista Franco (UFF)

PAULA LENZ COSTA LIMA
ANA CRISTINA PELOSI DE MACEDO
EMILIA MARIA PEIXOTO FARIAS
ANTÔNIO LUCIANO PONTES
(ORGANIZADORES)

LINGUAGEM EM FOCO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
APLICADA DA UECE
Volume 3 - Nº 4 - 2011 - ISSN 2176-7955



LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

© 2013 *Copyright by* Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLA

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará - EdUECE

Av. Paranjana, 1700 - Campus do Itaperi - Reitoria - Fortaleza - Ceará

CEP: 60740-000 - Tel: (085) 3101-9893. FAX: (85) 3101-9893

Internet: www.uece.br - E-mail: eduece@uece.br / editoradauece@gmail.com

Editora filiada à ABEU



COORDENAÇÃO EDITORIAL

Erasmio Miessa Ruiz

DIAGRAMAÇÃO

Fábio Nunes Assunção

CAPA

Fábio Nunes Assunção

REVISÃO DE TEXTO

Paula Lenz Costa Lima

Ana Cristina Pelosi de Macedo

Emilia Maria Peixoto Farias

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária Meirilane Santos de Moraes

CRB-3/785

Linguagem em Foco - Revista do Programa de Pós-Graduação
Em Linguística Aplicada da UECE / Universidade Estadual
do Ceará . v.3. n.4. (2011) .- Fortaleza: EdUECE, 2011 -

Periodicidade semestral

ISSN: 2176-7955

1. Linguística aplicada. 2. Linguagem. 3. Metáfora. 4. Cognição.
6. Processos Metafóricos. Universidade Estadual do Ceará,
Centro de Humanidades

CDD: 000

LINGUAGEM EM FOCO
Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE
Volume 3 - Nº 4 - 2011 - ISSN 2176-7955

CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA

Ângela Paiva Dionísio (UFPE)
Antonieta Cellani (PUC-SP)
Antonio Carlos Xavier (UFPE)
Antonio Paulo Berber Sardinha (PUC-SP)
Antonio Mendoza Fillola (Universidade de Barcelona)
Carlos Alberto Marques Gouveia (Universidade de Lisboa)
Célia Magalhães (UFMG)
Charles Bazerman (UCSB, Estados Unidos)
Denise Bértoli Braga (UNICAMP)
Eduardo S. Junqueira Rodrigues (UFC)
Elizabeth Reis Teixeira (UFBA)
Giovana Ferreira Gonçalves (Universidade Federal de Pelotas)
Heloísa Collins (PUC-SP)
Ieda Maria Alves (USP)
Ingedore Koch (UNICAMP)
Jean-Pierre Cuq (Universidade de Nice-França)
Júlio César Araújo (UFC)
Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP)
Leila Barbara (PUC-SP)
Luiz Fernando Gomes (UNISO-Sorocaba-SP)
Luiz Paulo Moita Lopes (UFRJ)
Mailce Borges Mota (UFSC)
Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos (UFSC)
Marcelo Buzato (UNICAMP)
Matilde V. R. Scaramucci (UNICAMP)
Mônica Magalhães Cavalcante (UFC)
Nina Célia Almeida de Barros (Universidade Federal de Santa Maria)
Orlando Vian Júnior (UFRN)
Stella Esther Ortweiler Tagnin (USP)
Tania Regina de Souza Romero (Universidade Federal de Lavras - MG)
Thaís Cristófaró Silva (UFMG)
Vera Lúcia Menezes (UFMG)
Vlândia Maria Cabral Borges (UFC)

PARECERISTAS PARA ESTE NÚMERO TEMÁTICO

Paula Lenz Costa Lima (UECE)
Ana Cristina Pelosi de Macedo (UFC)
Emília Maria Peixoto Farias (UFC)
Antônio Luciano Pontes (UECE)
Heloísa Pedroso de Moraes Feltes (UCS)
Solange Coelho Vereza (UFF)



SUMÁRIO

Editorial	9
-----------------	---

ARTIGOS

Metáfora e cognição: resultado de um estudo de caso	13
<i>Aldo de Lima</i>	

A metáfora no discurso médico: uma análise das expressões metafóricas usadas pelo Dr. Gregory House, M.D.	23
<i>Ana Cristina Cunha da Silva</i>	

A força identitária da metáfora: um grito primitivo	35
<i>Dina Maria Martins Ferreira</i>	

A construção metafórica no discurso político: Lula x FHC	47
<i>Hyléa Vale Ramalho</i>	

Abstratização metafórica e evidencialidade no uso do predicado <i>ver</i> em discursos políticos	67
<i>Izabel Larissa Lucena</i>	

A constituição metafórica e metonímica de anúncios escolares	79
<i>Kennedy Cabral Nobre</i>	

As metáforas de semelhança na construção de referentes discursivos: qual a orientação argumentativa?	89
<i>Léia Cruz de Menezes</i>	

Metáfora e tradição discursiva	103
<i>Maria do Socorro de Oliveira Brandão</i>	

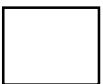
Metáforas conceptuais em gêneros convencionais e emergentes	115
<i>Maria Margarete Fernandes de Sousa e Flávia Cristina Candido de Oliveira</i>	

Metáfora, representação e textualidade nas formas da língua nacional	127
<i>Mariângela P. Galli Joanilho e André Luiz Joanilho</i>	

Dourado metáfora de um grupo: um estudo sobre o cômico e o ambíguo na fala de uma comunidade mineira	135
<i>Ormezinda Maria Ribeiro</i>	

O escândalo político no governo Lula e sua construção midiática: representação e metáfora	149
<i>Ruberval Ferreira</i>	

Normas da Revista	165
--------------------------------	------------



EDITORIAL

Este número da *Linguagem em Foco* apresenta artigos oriundos de apresentações no **III Congresso sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento (III CMLP)**, nos quais são discutidos e aplicados diferentes modelos da compreensão atual dos fenômenos de natureza linguística na perspectiva da intrínseca relação entre cognição, linguagem e pensamento metafórico. Em sendo assim, cabe-nos, interessados nos mistérios da manifestação do pensar no agir e no falar, ler cuidadosamente cada um dos ensaios a seguir que, de forma particular, ajudam na compreensão de fenômenos da linguagem.

Em **metáfora e cognição: resultado de um estudo de caso**, Aldo de Lima investiga o texto literário na tentativa de compreendê-lo e interpretá-lo como um laboratório de infinitos ensaios cujos conteúdo/forma remetem à origem da palavra poesia (poíesis): criação e ao conceito aristotélico de língua como energia: força em ação, vigor. O autor apresenta resultados de um estudo de caso sobre a compreensão da metáfora literária por adolescentes de 13 a 15 anos.

Em **A metáfora no discurso médico: uma análise das expressões metafóricas usadas pelo Dr. Gregory House, M.D.**, Ana Cristina Cunha da Silva adota os procedimentos metodológicos sugeridos por Cameron (1999a; 1999b; 2003), para investigar o discurso permeado de metáforas explicando uma situação médica que atinge um paciente. O corpus utilizado reúne cenas nas quais o Dr. Gregory House (personagem principal da série norte-americana HOUSE) se reúne com sua equipe para resolver problemas de diagnóstico em pacientes com casos raros e/ou complicados, momentos em que acontece o processo de negociação de significado.

Já no artigo intitulado **A força identitária da metáfora: um grito primitivo**, de autoria de Dina Maria Martins Ferreira, o objetivo é tentar demonstrar que o sentido primitivo pode ser entendido como pulsão metafórica da linguagem, que emerge no processo designativo. De acordo com a autora, em Derrida, o **sopro** é linguagem não articulada, aquela que manifesta o sensível do ser humano, que, buscando realizar-se na linguagem articulada, opera o deslocamento de sentido. Esse percurso do sensível pode ser retratado pelo movimento respiratório: na inspiração o sopro se faz sentir, e na expiração emerge a fala cuja força designativa expressa o pertencimento identitário.

A autora Hyléa Vale Ramalho, em seu artigo **A construção metafórica no discurso político: Lula x FHC**, analisa a construção metafórica dos discursos de Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva à luz da teoria funcionalista. Hyléa Ramalho argumenta que as experiências de vida bem diferenciadas entre os dois políticos reflete-se na construção de seus discursos; ratificando, assim, a hipótese de o emprego de metáforas estar associado ao conhecimento de mundo do indivíduo.

Em **Abstratização metafórica e evidencialidade no uso do predicado *ver* em discursos políticos**, Izabel Larissa Lucena analisa casos de abstratização metafórica do predicado **ver** em um corpus constituído por 30 discursos políticos proferidos na Assembléia Legislativa do Ceará, durante o período de 2005-2006. Os resultados mostram que o predicado **ver** é frequentemente utilizado, não como indicador de uma experiência visual, mas como predicado encaixador de um conteúdo

proposicional asseverado e, ainda, em um estágio mais avançado de abstratização, assume uma função discursiva.

Kennedy Cabral Nobre, em seu artigo **A constituição metafórica e metonímica de anúncios escolares**, analisa de que forma anúncios de escolas particulares de Fortaleza utilizam como argumento diversas metáforas primárias e/ou conceituais associadas aos alunos que são aprovados em exames de vestibular; e de que forma as qualidades conferidas aos alunos via essas metáforas são transferidas metonimicamente para as próprias instituições de ensino que produzem os anúncios. O resultado do estudo indica a utilização da metáfora e da metonímia como responsável pelas impressões ideologicamente positivas que os anúncios conferem às escolas, além da criação de um modelo cognitivo em que o papel da educação encontra-se perigosamente restrito. Por sua vez, Léia Cruz de Menezes, em **As metáforas de semelhança na construção de referentes discursivos: qual a orientação argumentativa?** analisa a constituição e a orientação argumentativa de expressões metafóricas de semelhança utilizadas por leitores do blog do jornalista Ricardo Noblat ao longo da discussão do caso policial Isabella Nardoni. Tomando como base os postulados de Lakoff e Johnson, a autora observa que são ricas as expressões linguísticas caracterizando as atitudes humanas como animais irracionais ou como de personagens de ficção, tais como 007, ET, Superman e Jocasa.

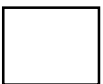
Já em **Metáfora e tradição discursiva**, a autora Maria do Socorro de Oliveira Brandão discute a recorrência de metáforas relativas ao paradigma do amor cortês no contexto medieval, que se traduzem como tradições discursivas no canto nordestino. Nesse sentido, o artigo intenta demonstrar que embora sejam distintas as contingências históricas, as motivações que condicionam o uso de tradições discursivas na obra dos trovadores medievais e dos cantadores modernos são as mesmas.

Em **Metáforas conceituais em gêneros convencionais e emergentes**, Maria Margarete Fernandes de Sousa e Flávia Cristina Candido de Oliveira promovem uma discussão, alicerçada em Lakoff e Johnson (1980), sobre Metáforas Conceituais, e Fauconnier e Turner (2002), sobre a teoria de Integração Conceitual, demonstrando em diferentes gêneros escritos como essas metáforas são construídas. Através da análise de um corpus de sete balõezinhos e dois poemas, pode-se observar como as metáforas conceituais se apresentam e como são construídas.

No artigo intitulado **Metáfora, representação e textualidade nas formas da língua nacional**, Mariângela P. Galli Joaquinho e André Luiz Joaquinho têm o objetivo de contribuir para a História das Ideias Linguísticas, da qual fazem parte, em diferentes momentos e abordagens, conceitos de metáfora e textualidade; e contribuir para a reflexão sobre os conceitos operados pela Semântica do Acontecimento. Em particular, interessa aos autores refletir sobre o que seja **língua** em uma semântica histórica da enunciação. Dessa forma, serão mostrados enunciados em que a metáfora aparece enquanto suporte material dos processos discursivos que constituem o conceito de língua, em artigos publicados no jornal O Estado de São Paulo, no Brasil, durante 1907. A condensação semântica da expressão metafórica permite que se revelem efeitos de sentido não negligenciáveis que trabalham a organização da memória e a representação de um imaginário sobre a língua.

O ensaio **Dourado metáfora de um grupo: um estudo sobre o cômico e o ambíguo na fala de uma comunidade mineira**, de autoria de Ormezinda Maria Ribeiro, trata de uma pesquisa sobre um grupo de falantes do município mineiro de Patrocínio e egressos dessa região. O aspecto cômico provocado pela ambiguidade nas construções desse grupo é determinado pela relação metafórica e metonímica e pelos efeitos da projeção de imagens, localizando a metáfora no modo de conceitualizar um domínio mental em termos de outro. Trata-se de um trabalho que investiga a variação linguística tomando como pressupostos a Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1998), e os mapeamentos metafóricos de Lakoff e Johnson (2002).

Concluindo este volume de relevantes artigos em torno do pensamento e da linguagem metafóricos, Ruberval Ferreira, em **O escândalo político no governo Lula e sua construção midiática: representação e metáfora**, investiga os processos linguísticos envolvidos no discurso da mídia sobre o escândalo do mensalão. O autor verifica que o interesse da mídia esteve mais relacionado a mostrar a deteriorização moral e corrupção no governo Lula do que a própria prática historicamente vigente na esfera político-administrativa do Brasil.



METÁFORA E COGNIÇÃO: RESULTADO DE UM ESTUDO DE CASO

Aldo de Lima

RESUMO

O texto literário usa de todas as modalidades da língua e de toda a criatividade do falante, o que lhe assegura a condição de ser o mais metafórico, o mais plástico dentre todos os textos: utópico e ideológico; sincrônico e diacrônico; poético e referencial; erudito e popular; acadêmico e experimental. Esta refinadíssima variação nos faz compreendê-lo e interpretá-lo como um laboratório de infinitos ensaios cujos conteúdo/forma remetem-nos à origem da palavra poesia (poésis): criação e ao conceito aristotélico de língua como *energeia*: força em ação, vigor. Este ensaio, cujo aporte se inscreve no contexto desta compreensão do texto literário, apresenta o resultado de um estudo de caso sobre a compreensão da metáfora literária por adolescentes de 13 a 15 anos.

Palavras-chave: Poesia, Metáfora, Cognição, Adolescente.

ABSTRACT

The literary text uses all modalities of language and all the creativity of the speaker, which provides it with the condition of being the most metaphorical, the most plastic among all texts: utopic and ideological; synchronic and diachronic; poetic and referential; classical and popular, academic and experimental. This well-refined variation makes us understand and interpret it as a laboratory for infinite essays which content/form lead us to the origin of the word poetry (poiesis): creation and the Aristotelian concept of language as *energeia*: power in action, force. This essay, whose theoretical principles are based on the context of this understanding of literary texts, presents the results of a case study on the understanding of literary metaphor by adolescents aged 13-15 years old.

Keywords: Poetry, Metaphor, Cognition, Adolescent.

Introdução

A Literatura interroga e depõe sobre a vida e o ser humano metaforicamente. Isto significa que no processo de comunicação um código comum que obrigatoriamente deve existir entre o emissor e o destinatário, na Literatura é quase ausente.¹ Sobretudo no âmbito da poesia, a metáfora literária é mais espessa, porque é muito distante do uso referencial do signo linguístico, de forma que compreender o que o poeta diz é sempre um desafio para o leitor:

o que a linguagem poética comunica é o que a linguagem veicular deixa de comunicar; enquanto esta última retrocede perante a ambiguidade (preocupação de concisão, por exemplo) e a exclui, sempre que a eficácia da comunicação estiver em perigo, a mensagem poética organiza sua mensagem ambicionando torná-la cada vez mais ambígua. (DELAS; FILLIOLET, 1975, p. 237)

Diante da ambiguidade do texto literário indagamos: como adolescentes de 13, 14, 15 anos compreendem a metáfora literária? Esta foi a pergunta que uma tese, *Compreensão da metáfora: um estudo de caso com adolescentes de 13 a 15 anos*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria da Literatura, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 2002, pretendeu responder.

Com este objetivo, foi realizada uma leitura sobre algumas teorias da metáfora desde os gregos até o século XX: Aristóteles, Cícero, Quintiliano, I. A. Richards, Marx Black e Hugo Friedrich. Esta leitura foi intercalada com as reflexões de Marcuschi, Lipps, Paul Ricoeur, Donald Davidson, Nelson Goodman, Garcia Lorca.

O gênero pesquisado foi a poesia. Este recorte significa que embora a linguagem literária seja, predominantemente, conotativa esta conotação é variável pois, se na prosa narrativa é possível uma certa conciliação entre o denotativo e o conotativo, na poesia tem-se um confronto porque a metáfora poética é mais desafiadora para a compreensão do que ela é na relação significante/significado, forma/conteúdo. *A forma-de-ser* dessa metáfora está bem conceituada nas palavras de Aleixandre para quem *só a poesia sabe que o vento se chama uma vez lábios e, em outra, areia* (FRIEDRICH, 1991, p. 208 - grifos do autor da citação).

1. O estudo: pressupostos teóricos

Como o *estudo* investigou a compreensão da metáfora, o apoio teórico no campo da cognição fundamentou-se na Psicogenética de Jean Piaget e na Psicologia Sociocultural de Lev Vygotsky. Por compreensão, o *estudo* seguiu a lição de que sobre ela:

1. Dentre as três funções essenciais do texto literário apontadas por Picard, apud Jouve, (a primeira é a “subversão na conformidade”; a terceira, “a modelização por uma experiência de realidade fictícia”) sublinhamos a segunda, que se caracteriza pela “eleição do sentido na polissemia”. O texto literário, como lembra Jouve, *remete sempre a uma pluralidade de significações. O leitor dispõe assim de certa latitude quanto à sua interpretação. A leitura literária é, mais do que qualquer uma, marcada subjetivamente: enriquecedora no plano intelectual, autoriza também o investimento imaginário* (JOUVE, Vicent. *A leitura*. São Paulo: Unesp, 2002, p. 137).

influenciam as condições textuais, pragmáticas (contextuais), cognitivas, interesses e outros fatores tais como conhecimentos do leitor e forma de codificação por parte do autor. Em suma, conhecimentos de língua, do tema e do mundo em geral. Por isso mesmo a compreensão de texto é uma questão complexa que envolve não apenas fenômenos lingüísticos, mas também antropológicos, psicológicos e factuais. [...] A noção de inferência é central em todo o estudo de compreensão de texto. As inferências são processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem um nova representação semântica. (OLIVEIRA, 1993, p. 64, 65)

Biólogo de formação, fato que contribuirá definitivamente na construção de suas teorias sobre o desenvolvimento cognitivo e na sua convicção de que todo ser vivo se adapta, através da ação, ao seu ambiente porque, em si, ele já é estruturado para essa adaptação, Jean Piaget é o autor da teoria mais completa sobre o desenvolvimento da inteligência humana. Uma teoria de grande conteúdo explicativo tanto no âmbito da Epistemologia como da Psicologia do Desenvolvimento. Por mais de setenta anos, Piaget observou, escreveu, polemizou e reviu a sua ciência a qual tem a vantagem de uma metodologia que inclui diversos testes na área da linguagem, do raciocínio lógico e do pensamento moral, favorecendo uma ampla apreensão e compreensão das suas observações empíricas.

Para defender e comprovar que uma questão específica da Epistemologia está no aumento dos conhecimentos, ou seja, na passagem de um conhecimento menor para um conhecimento maior, Piaget se valeu de um *método clínico*², o qual conduzirá não só a sua pesquisa científica como a de seus colaboradores e discípulos. De acordo com a lição piagetiana de que não existem conhecimentos absolutos, esse *método* consiste em observar, verificar, analisar, estudar a formação e o desenvolvimento progressivo do conhecimento na perspectiva dos *estádios*. A leitura literária por ser um desafio para qualquer leitor porque nela há mais *engenhosidade em perceber 'enigmas velados' do que 'semelhanças'* também está subordinada aos estádios do nosso desenvolvimento cognitivo. É destes *estádios* que se retirou uma das contribuições mais importantes da Psicogenética para responder a pergunta deste *estudo*, em especial o *estágio das operações formais*, porque a partir dele o ser humano, entre os seus 11-12 anos, levanta hipóteses e propõe resoluções independentes da sua experiência com o real, ou seja, o pensamento dispensa as bases empíricas para desenvolver-se no mundo da probabilidade.

2. Terezinha Carraher explica que *no método clínico-piagetiano, a finalidade do exame é compreender como o sujeito pensa, como analisa situações, como resolve problemas, como responde às contra-sugestões do examinador. As situações não são totalmente padronizadas, pois o examinador deve buscar a confirmação de suas interferências sobre o raciocínio das crianças durante o exame: sendo as inferências diferentes, o exame seguirá cursos diferente para crianças diversas. Outra divergência entre os pressupostos do método clínico e dos métodos psicométricos está na atitude do examinador com relação à motivação dos sujeitos. O método psicométrico pressupõe um sujeito motivado; no método clínico, o examinador tenta motivar o sujeito à reflexão, o que não é possível numa situação totalmente padronizada. Ao contrário do sistema de avaliação das respostas numa abordagem psicométrica, a avaliação das respostas no método clínico-piagetiano não se faz por uma contagem de acertos e erros. A finalidade desta análise das respostas é encontrar uma explicação que englobe todas as respostas dadas pelo sujeito, certas ou erradas. Esta explicação é possível apenas se formos capazes de encontrar a perspectiva a partir da qual o sujeito responde de tal modo que esta perspectiva implique nas respostas dadas pelo sujeito. Devemos, ao final da avaliação, ser capazes de dizer algo como 'para que este sujeito respondesse desta forma, ele só poderia pensar assim' (O método clínico; usando os exames de Piaget. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1994. p. 6-36).*

A breve existência do psicólogo e do educador russo Lev Vygotsky não o impediu de legar à humanidade uma obra científica de impacto, revolucionária até a contemporaneidade, para a Psicopedagogia, a Educação e a Psicologia Cognitiva.

Embora não trabalhe, a exemplo de Piaget, com estádios de desenvolvimento, a Psicologia Sociohistórica está na fundamentação teórica deste *estudo* porque sempre acreditamos numa pesquisa, de natureza didático-pedagógica, centrada nesta Psicologia e na Psicogenética. Muito embora Piaget tenha conduzido suas pesquisas numa estruturação biológica e Vygotsky numa estruturação social, materialista-dialética, ambas, além de construtivistas, levaram em consideração os mecanismos filogenéticos e ontogenéticos que favorecem o desenvolvimento humano. Por isso entendemos que uma complementa a outra: aquela na observação de como o conhecimento se constrói no contexto dos processos sociohistóricos do ser humano, esta na observação psicobiológica de como o conhecimento é construído.

Da Psicologia Sociohistórica tomou-se como base teórica um dos seus principais conceitos: a *zona de desenvolvimento proximal*, que permite ao professor, ao pesquisador ou ao par mais maduro interferir no processo de aprendizagem de sujeitos que já atingiram um desenvolvimento real. A ZDP manifesta a ênfase dada por Vygotsky à natureza das interações sociais, particularmente entre o adulto e a criança,

além de indicar elementos que colaboram na compreensão de como se processa a integração ensino, aprendizagem e desenvolvimento.

2. Procedimento metodológico

O *estudo*, que fixou a pesquisa empírica com adolescentes de 13 a 15 anos, orientou-se pelo seguinte procedimento metodológico:

- para a sua amostra: foram entrevistados, individualmente, doze adolescentes, sendo seis de Porto Alegre e seis do Recife: quatro de 13 anos (sempre dois para cada cidade), quatro de 14 anos e quatro de 15 anos. Em Porto Alegre, contamos com a colaboração dos Colégios Farroupilha e Marcelino Champagnat/PUCRS; no Recife, do Instituto Helena Lubenska e da Escola Mater Christi. Atendendo ao nosso pedido, a Coordenação desses estabelecimentos indicou aleatoriamente os alunos para as entrevistas, realizadas pelo autor do *estudo*, assim como as suas transcrições e análises;
- caracterização dos adolescentes: embora de geografias física e humana diferentes, são adolescentes de uma mesma classe social que usufruem, igualmente, de quase toda a tecnologia e de quase todo o progresso que o mundo contemporâneo oferece; todos de classe média, educação formal de acordo com as suas faixas etárias, alunos de escola particular;
- material para registro dos dados: foram utilizados um gravador e fita cassete para o registro das entrevistas; cópia de cinco poemas de João Cabral de Melo Neto: *O sertanejo falando*, *A educação pela pedra*, *Catar feijão*, *O vento no canavial*, *Pequena ode mineral*. Estes poemas contêm uma *pedra*, uma relação temático-metafórica, e foram escolhidos com o propósito de saber como os adolescentes a compreenderiam;
- tarefas: depois de informados sobre o objetivo da pesquisa, os adolescentes foram instruídos para fazerem uma leitura silenciosa dos cinco poemas, antecedida pela explicação de algumas

palavras que julgamos ser-lhes desconhecidas, a exemplo de *inenfática*, *carnadura*, *rebuçadas*, *açular*, *penugem*, *voragens*, *ode*; outras, casualmente indagadas, eram explicadas. Foram também avisados de que, após a leitura dos textos, haveria uma conversa sobre os mesmos entre eles e o pesquisador. As entrevistas tiveram uma duração de até uma hora, com um limite de até quinze minutos para a leitura dos poemas. Não lhes era identificado o autor, justificando-se que se tratava de um requisito da pesquisa; só no final da entrevista era informado o nome do poeta. A possibilidade de algum entrevistado conhecer João Cabral de Melo Neto poderia levá-lo, talvez, a inferir de imediato sobre ‘metáforas pernambucanas’, ou ‘metáforas nordestinas’. Após a leitura silenciosa, se iniciava a entrevista;

- classificação das perguntas: as perguntas foram classificadas como *introdutórias* e *inferenciais*. Esta classificação foi adotada a partir das lições de Marcuschi, in *O processo inferencial na compreensão de textos*; ⁴
- perguntas sobre os textos: as perguntas, sem número determinado, foram verbalmente apresentadas e surgiam de acordo com o conteúdo do diálogo entre o pesquisador e o entrevistado. Essa estratégia corresponde a uma orientação do *método clínico*. A entrevista acontecia a partir do depoimento dos adolescentes sobre os poemas. Não obstante a adoção de alguns conceitos da Psicologia Genética para o quadro teórico, aqui se justifica mais uma vez a adoção da Psicologia Sociohistórica, em especial, o conceito *zona de desenvolvimento proximal*. Isto porque fomos solicitados por alguns adolescentes, sobretudo os de 13 anos, para explicar alguns versos, às vezes todo o poema. No que não deixamos de atendê-los, tendo o cuidado, naturalmente, para em nada condicionar uma resposta que gostaríamos de obter. Por outro lado, no conjunto das entrevistas, percebe-se um diálogo entre o pesquisador e os adolescentes, criado a partir de algumas perguntas inferenciais, o qual está de acordo com uma tese de Vygotsky que defende a intervenção de um sujeito mais capacitado sobre as ações do sujeito de pesquisa:

muito frequentemente, Vygotsky e seus colaboradores interagem com seus sujeitos de pesquisa para provocar transformações em seu comportamento que fossem importantes para compreender processos de desenvolvimento. Ao invés de agirem apenas como observadores da atividade psicológica, agiam como elementos ativos numa situação de interação social, utilizando a intervenção como forma de criar material de pesquisa relevante. Essa intervenção do pesquisador é feita no sentido de desafiar o sujeito, de questionar suas respostas, para observar como a interferência de outra pessoa afeta seu desempenho e, sobretudo, para observar seus processos psicológicos em transformação e não apenas os resultados de seu desempenho. (OLVEIRA, 1993, p. 64, 65)

É neste sentido que a alteração no desempenho de um sujeito pela interferência de outro é fundamental nas teses da Psicologia Sociohistórica:

em primeiro lugar porque representa, de fato, um momento do desenvolvimento: *não é qualquer indivíduo que pode, a partir da ajuda de outro, realizar qualquer tarefa* [grifo da autora da citação]. Isto é, a capacidade de se beneficiar de uma colaboração de outra pessoa vai ocorrer num certo nível de desenvolvimento, mas não antes. Uma criança de cinco anos, por exemplo, pode ser capaz de construir a torre de cubos sozinha; uma de três anos não consegue construí-la sozinha, mas

pode conseguir com a assistência de alguém; uma criança de um ano não conseguiria realizar essa tarefa, nem mesmo com ajuda. [...] A ideia de nível de desenvolvimento potencial capta, assim, um momento do desenvolvimento que caracteriza não as etapas já alcançadas, já consolidadas, mas etapas posteriores, nas quais a interferência de outras pessoas afeta significativamente o resultado da ação individual. Em segundo lugar, essa ideia é fundamental na teoria de Vygotsky porque ele atribui importância extrema à interação social no processo de construção das funções psicológicas humanas. O desenvolvimento individual se dá num ambiente social determinado e a relação com o outro, nas diversas esferas e níveis da atividade humana, é essencial para o processo de construção do ser psicológico natural. (OLIVEIRA, 1993, p. 59,60)

3. Análise e resultados

Quanto aos resultados do *estudo*, o quadro abaixo os apresenta em números:

Idade	13 anos	14 anos	15 anos	Total
Analogia	0	3	2	5
Comparação	3	3	1	7
Transferência	0	0	2	2
Fusão	2	1	2	5

O total dos números mostra a *comparação* com o maior índice de compreensão, seguida da *analogia* e da *fusão*; a *transferência* apresenta o menor índice.

Observe-se que a compreensão da metáfora como *comparação* está mais representada pelos adolescentes de 13 (3) e 14 anos (3); entre os de 15 anos, apenas por um adolescente; como *analogia*, está representada pelos adolescentes de 14 anos (3), seguida pelos de 15 anos (2); como *fusão*, com exceção de um adolescente de 13 anos, está representada por todos os outros adolescentes, sendo que o maior índice se apresenta entre os adolescentes de 15 anos (2) e os de 13 anos (02), contra os de 14 anos (01); finalmente, a *transferência*, que aparece apenas entre os adolescentes de 15 anos.

Este resultado, que mostra a *comparação* com o maior índice de compreensão, é significativo porque demonstra que esses adolescentes, embora em pleno estágio das operações formais - que criam hipóteses, formalizam proposições, e que por isso dispensam a experiência com o real - raciocinaram estabelecendo associações. A consciência que todos tiveram da ‘determinação’ do *contexto* sobre a produção do artista evidencia suas reflexões e inferências sobre a antropologia do poeta; todos os entrevistados identificaram no conjunto dos poemas uma certa identidade e procedência antropológica: *um sentimento do Nordeste*, na interpretação de G.G.; ou na de F.H.J.: - *Eu gostei de ler esses poemas porque eles fazem várias comparações com a palavra pedra com sentidos diferentes. A gente vê várias vezes essa palavra com vários sentidos, de acordo com a interpretação, o contexto [grifo nosso]. (Lembro a estratégia de não informar quem era o poeta, a fim de não influenciar as opiniões dos adolescentes para uma metáfora pernambucana ou nordestina.)*

Será que o resultado nos mostra que para compreender a metáfora poética o leitor, necessariamente, precisa de um conhecimento *a priori*? Do *contexto* a que se refere Aristóteles? Flavell ensina que

o associacionismo está acima de qualquer crítica quando enfatiza a importância crucial da experiência na ontogênese cognitiva. A teoria piagetiana, absolutamente, não o nega. Entretanto, em contraposição ao empirismo puro, Piaget afirma que a experiência é um evento sutil e complexo cujo papel varia no decorrer do desenvolvimento, e que o contato com as coisas sempre envolve a apreensão de um complexo de eventos num sistema de significados que os organiza. (FLAVELL, 1988, p. 70)

Se for no *contato com as coisas* que o sujeito *apreende um complexo de eventos num sistema de significados que os organiza*, estão explicados não só o resultado deste *estudo*, como a lição de Aristóteles sobre a necessidade do *contexto* para a realização da metáfora:

além disso, são obscuras se tomadas de longe; [...] [a metáfora] porém não deve ser tomada de longe pois em tal caso seria difícil de apreender, nem ser de interpretação que salte à vista pois deixaria de causar impressão. (ARISTÓTELES, s/d., p. 181)

É possível, também, que este resultado contenha certa influência do que os adolescentes tinham estudado acerca da metáfora.

Transcrevemos a seguir, as lições de alguns livros didáticos sobre a metáfora, consultados na medida em que os resultados eram analisados.³

Do ponto de vista puramente formal, a metáfora é, em essência, uma comparação implícita, isto é, destituída de partículas conectivas comparativas (como, tal qual, tal como) ou não estruturada numa frase cujo verbo seja parecer, semelhar, assemelhar-se, sugerir, dar a impressão de ou um equivalente desses. Assim, 'seus olhos são como (parecem, assemelham-se a, dão a impressão de) duas esmeraldas' é uma comparação ou símile [grifos do autor]. (GARCIA, Othon G. Comunicação em prosa moderna. 13. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p.86).

Metáfora é, pois, a alteração do sentido de uma palavra, pelo acréscimo de um significado segundo, quando entre o sentido de base e o acrescentado há uma relação de semelhança, de intersecção, isto é, quando eles apresentam traços semânticos comuns. (FIORIN, José Luiz., PLATÃO, Francisco Savioli. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996. p.159).

Metáfora consiste no emprego de uma palavra com sentido que não lhe é comum ou próprio, sendo esse novo sentido resultante de uma relação de semelhança, de intersecção entre dois termos. (CEREJA, Williams R., MAGALHÃES, Thereza Anália C. Gramática reflexiva: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999. p. 395).

3. Considere-se que para muitos professores dos ensinos fundamental e médio estes livros são sua única fonte de pesquisa.

Metáfora consiste na transferência de um termo para uma esfera de significação que não é a sua, em virtude de uma comparação implícita. [...] Assenta a metáfora numa relação de similaridade, [grifo do autor] encontrando o seu fundamento na mais natural das leis psicológicas: a associação de ideias. (ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 461-462).

[...] Como ele não colocou o elemento comparativo (como) [grifo dos autores], a comparação ficou implícita. A esse tipo de comparação damos o nome de metáfora [grifo dos autores]. Na metáfora, uma palavra que significa uma coisa passa a significar outra. [...] No caso da metáfora, essa mudança de significado é sempre baseada numa semelhança (grifo dos autores). (NICOLA, José de. TERRA, Ernani. Práticas de linguagem: leitura e produção de textos. Vol. 3. São Paulo: Scipione, 2000. p. 25-26).

A metáfora ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém nenhuma relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo. (INFANTE, Ulisses. Textos: leituras e escritas. Vol. 3. São Paulo: Scipione, 2000. p. 558).

Metáfora consiste em atribuir a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. É, pois, uma transferência de significado de um termo para outro e se baseia em semelhanças que o emissor da mensagem encontra entre os termos comparados. Portanto, é uma comparação de caráter subjetivo. (FARACO & MOURA. Gramática. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 580).

Metáfora – quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência (a palavra grega metaphorá significa ‘transporte’) de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. As metáforas baseiam-se, via de regra, em uma relação de similaridade (semelhança) que pressupõe um processo anterior de comparação. Pode-se dizer, portanto, que a comparação está na base da formação da metáfora. (ABAURRE, Maria Luiza M. et al. Português: língua e literatura. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000. p. 299).

O conceito de metáfora é desenvolvido apresentando-a como uma redução da comparação. [...] *Observe: Entrei arrastando os pés como se fossem cascos: comparação [grifo da autora]. Entrei arrastando os cascos: metáfora [grifo da autora]. Essa explicação é dada pela autora ao Professor. (SOARES, Magda. Português através de textos. 7ª série. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1990. p. 147).*

Metáfora - consiste em dar a uma palavra características de outra por haver entre elas semelhança de qualidades. É de emprego mais literário, tendo grande força expressiva. [...] É uma comparação abreviada, sem o termo comparativo. Cabe ao leitor estabelecer o que há em comum entre as duas ideias apresentadas. (MESQUITA, Roberto Melo, MARTOS, Cloder R. Português: linguagem e participação. 8ª série. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1998. p. 169).

Na metáfora ocorre uma comparação ‘mental’ que vem da semelhança de uma característica atribuída a ambos os elementos. Ex.: Meu pai é um leão (Meu pai é forte/bravo como um leão.) Observe que, para se construir a metáfora, elimina-se o termo comparativo como [grifo da autora]. A comparação é apenas subentendida, não é expressa. (PRATES, Marilda. Encontro e reencontro em língua portuguesa. 8ª série. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2001. p.194).

Há autores que apresentam no conteúdo ‘Figuras de palavras ou de pensamento’ a comparação como uma figura: *comparação é uma figura que consiste em identificar dois elementos a partir de uma característica comum. Na comparação é obrigatória a presença do termo comparativo (como, feito, que nem etc.)* Sobre a metáfora é dito o seguinte: *metáfora é o resultado de uma comparação mental. A metáfora consiste na semelhança entre a ideia a ser definida e a ideia que com ela se relaciona. Na metáfora não aparece o termo da comparação (como, que nem, feito) explícito.* (CAMPEDELLI, Samira Y., SOUZA, Jesus B. *Português; literatura, produção de textos & gramática*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2000. p. 614).

Uma autora fala em *comparação metafórica*. A comparação metafórica [grifo da autora] *é uma comparação entre dois elementos de universos diferentes. Sobre a metáfora é dito o seguinte: A metáfora pode se apresentar como uma comparação abreviada em que o conectivo e o que há em comum entre os elementos comparados não estão expressos. A metáfora é uma figura de palavra em que um termo é substituído por outro, em virtude de haver uma relação de semelhança entre eles.* (CABRAL, Isabel. *Palavra aberta*. 8ª série. 2. ed. São Paulo: Atual, 2000. p. 11).

Resistimos, porém, a perguntar-lhes se conheciam a palavra metáfora e o que ela lhes dizia. Esperávamos mesmo que, espontaneamente, se referissem a ela, a exemplo de um único adolescente, A.D.M. – entrevistador: o que é a pedra nesses poemas? A.D.M.: *ela tem um sentido metafórico*. Entrevistador: se é uma metáfora, é uma metáfora de quê? A.D.M.: *era aí que eu estava querendo chegar. A uma conclusão mais certa... No segundo poema, (O sertanejo falando) ela é o sertão, o sertanejo. No primeiro poema, (A educação pela pedra) eu acho que é... está me faltando uma palavra. Eu acho que seria uma coisa assim pela alma. A alma de um... eu não sei...*

Se para o adolescente desse *estudo* a metáfora é quase tão-somente uma comparação, o que a Literatura, a poesia, lhe representa como fonte de conhecimento? Julgamos que muito pouco porque, quase tão-somente uma comparação, a Literatura, a poesia, precariamente lhe reorganiza novos conhecimentos. E não é exaustivo lembrar: por mais que a Literatura seja produto de uma visão de mundo, influenciada pela história social e cultural do autor, do ser humano, ela é sempre uma *reorganização* da vida e das nossas necessidades históricas e espirituais. (O que nos confirma a autonomia da obra de arte.)

Conclusão

Como se constata, o que existe no conjunto destas lições é o que a tradição argumentou acerca da metáfora. Estas lições, evidentemente, não podem ser dispensadas do debate acadêmico, mas, sem dúvida, o estudo da metáfora tem de ser diacrônico para que ela ganhe sentido e através dela também se explique as mudanças que a História exerce sobre a forma e o conteúdo das nossas expressões e realizações artístico-literárias.

Referências

ARISTÓTELES. **Arte retórica**. Livro III. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Estudo introdutório de Godofredo Telles Junior. Introdução e notas de Jean Voilquin e Jean Capelle. 14. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

DELAS, D., FILLIOLET, J. **Linguística e poética**. São Paulo: Cultrix, 1975.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

MARCUSCHI, L.A. **O processo inferencial na compreensão de textos**. Recife, 1989. Relatório final do projeto. Xerox.

OLIVEIRA, M.K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sociohistórico. São Paulo: Scipione, 1993.

FLAVELL, J.H. **A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1988.

A METÁFORA NO DISCURSO MÉDICO: UMA ANÁLISE DAS EXPRESSÕES METAFÓRICAS USADAS PELO DR. GREGORY HOUSE, M.D.

Ana Cristina Cunha da Silva*

RESUMO

A metáfora, escolhida em conjunto pelos sistemas linguístico e cognitivo de um indivíduo, é uma ferramenta para o estabelecimento de compreensão mútua na conversação. Cameron (2003) investigou o processo de negociação de metáforas entre falantes em seus principais momentos de uso (sessões de reconciliação). Adotamos os mesmos procedimentos metodológicos sugeridos por Cameron (1999a; 1999b; 2003), para investigar o discurso permeado de metáforas para explicar uma situação médica que atinge um paciente. Nosso corpus reúne cenas nas quais o Dr. Gregory House (personagem principal da série norte-americana HOUSE) se reúne com sua equipe para resolver problemas de diagnóstico em pacientes com casos raros e/ou complicados, momentos em que acontece o processo de negociação de significado.

Palavras-chave: Metáfora lingüística, Expressão metafórica, Análise metafórica, Identificação de metáfora.

ABSTRACT

Metaphor, in tandem with the cognitive and linguistic systems of an individual, is a tool used by interlocutors to establish mutual understanding in conversation. Cameron (2003) investigated metaphor negotiation process between speakers in its main moments of usage (sessions of reconciliation). We adopt the same methodological procedures suggested by Cameron (1999a; 1999b; 2003) in order to investigate metaphor permeated speech used to explain a medical situation. Our corpus is composed of scenes in which Dr. Gregory House (the main character in a U.S. series titled HOUSE, M.D.) meets his team to solve problems of diagnosis in patients with rare or complicated conditions, when the process of negotiation of meaning occurs between the main character and the members of his team.

Keywords: Linguistic metaphor, Metaphor expression, Metaphor analysis, Metaphor identifications.

* Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará - UFC/PPGL. Bolsista FUNCAP

Introdução

“Have you guys heard any of my metaphors yet? Well come on, sit on grandpa’s lap as I tell you how infections are criminals; immune system’s the police. Seriously, Grumpy, get up here: it’ll make us both happy.” (Dr. Gregory House in the “Mirror, Mirror” episode of *House, M.D.*)

A metáfora tem sido definida e analisada de muitas formas diferentes ao longo dos anos, dentro de diversos modelos e teorias. Uma das faces que nos interessa aqui é a metáfora como instrumento de organização intelectual e cognitiva, do qual fazemos uso nas mais diversas situações de interação, além de se mostrar como uma ferramenta poderosa para a compreensão entre as pessoas.

Nosso estudo se destaca por gerar uma contribuição direta para os trabalhos já existentes sobre o papel da metáfora na compreensão de doenças em geral. Alguns trabalhos internacionalmente conhecidos como *Metaphor and illness* (1979) e *Aids and its metaphors* (1988), ambos de autoria de Susan Sontag, e o trabalho de Semino et al (2004) já lançaram luz sobre a interface entre metáfora e discurso médico e discurso do paciente. Estes trabalhos trataram das motivações culturais e do tratamento metodológico de expressões metafóricas presentes nesses discursos, respectivamente.

Temos por objetivo identificar os mapeamentos metafóricos que estão subjacentes às expressões lingüísticas presentes nas situações médicas experienciadas pela equipe de diagnóstico da série *House, M.D.* Levantamos quatro questões de pesquisa, que guiaram nossa análise das expressões metafóricas utilizadas pelo Dr. Gregory House:

- 1) Como o uso de metáforas primárias (ou metáforas conceituais) contribui para o processo de elucidação de casos raros / complexos dentro da equipe médica de diagnóstico?
- 2) Existe sistematicidade no uso de determinadas metáforas primárias no discurso do personagem principal (Dr. House) para se chegar a um diagnóstico bem sucedido?
- 3) A metáfora assegura a construção do entendimento e a negociação do sentido nas seqüências conversacionais instauradas?
- 4) Como se realizam as metaforizações nas expressões lingüísticas analisadas?

A partir das questões de pesquisa apresentadas, levantamos as seguintes hipóteses: 1) Ao se tratar de assuntos relacionados à comunidade técnico-científica, a utilização de metáforas, linguagem simbólica e linguagem figurada não colabora para o aumento do processo de construção de significado; 2) As metáforas, se usadas nesse contexto de explicação / interpretação de diagnóstico, não possuem o objetivo de explorar a emoção dos participantes no evento comunicativo.

Escolhemos como referencial teórico a Hipótese da Metáfora Primária¹ de Grady (1997) e a Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), por se mostrarem adequados para o nosso estudo, já que a primeira hipótese preconiza a conexão existente entre as experiências perceptuais sensório-motoras, e a segunda teoria prima por deixar claro que as metáforas, além de

1. Siqueira (no prelo) relembra que a razão humana está conectada às experiências corpóreas, e, uma vez que as experiências corpóreas básicas são comuns a todos os seres humanos, é possível pensar na existência de universais cognitivos e lingüísticos decorrentes da percepção de eventos básicos ligados à fisiologia humana.

representarem um aspecto formal da linguagem, nos permitem estruturar conceitos a partir de outros mais básicos e concretos. Partimos do pressuposto de que os leitores deste artigo já possuam um conhecimento prévio sobre as duas teorias supracitadas.

Na seção seguinte, apresentamos algumas perspectivas de análise com suas respectivas metodologias e articulações entre teoria e pesquisa.

1. As Perspectivas de Análise

Dr. Cameron: Idiopathic T-cell deficiency?

Dr. House: Idiopathic, from the Latin meaning we're idiots 'cause we can't figure out what's causing it. Give him a whole body scan.

Dr. Cameron: You hate whole body scans.

Dr. House: 'Cause they're useless. Could probably scan every one of us and find five different doodads that look like cancer. But, when you're fourth down, 100 to go, in the snow, you don't call a running play up the middle. Unless you're the Jets.

Dr. Cameron: I hate sports metaphors.
("Role Model")

Durante o processo de identificação de expressões lingüísticas usadas metaforicamente no discurso, é comum nos depararmos com algumas dificuldades metodológicas de análise. Semino et al (2004) ao tentarem desenvolver uma metodologia confiável e explícita para a análise de metáforas, metodologia essa totalmente inspirada em uma abordagem lingüístico-cognitiva originária de Lakoff & Johnson (1980), Johnson (1987), Lakoff (1987), e Lakoff & Turner (1989), se confrontaram com problemas que se relacionam com as seguintes áreas:

- 1) A fronteira entre o literal e o metafórico na identificação de metáforas lingüísticas;
- 2) A precisa identificação de TENOR e VEÍCULO² em relação a cada metáfora lingüística;
- 3) A extrapolação de metáforas conceituais de metáforas lingüísticas;
- 4) A extrapolação de metáforas convencionais de padrões nos dados.

Semino et al (2004) explicam que diferentes decisões nos processos de análise podem levar a conclusões diferentes quanto à forma na qual o discurso sobre doenças (câncer), no caso do trabalho deles) parece ser constituído metaforicamente nos dados. Inicialmente, os autores utilizaram o procedimento proposto por Steen (1994) para análise de seu corpus, o qual consiste de 5 passos, começando pela realização de metáforas lingüísticas e gradualmente se movendo em direção ao nível conceitual e de decisões sobre o que exatamente é entendido como convencional. Entretanto, com esse procedimento, vários de seus exemplos se apresentaram como problema. Steen (1994) já adverte sobre os problemas de análise ao dizer que:

The procedure is meant to constrain the relation between linguistic and conceptual metaphor. It has sometimes remained an act of faith that particular metaphors in language reflect particular metaphors in thought. (Steen, 1999: 57).

2. Na expressão "o amor é uma rosa", rosa é o veículo para amor, o tenor.

Ao final da análise dos problemas metodológicos, Semino et al propõem alguns ajustes ao procedimento de Steen e enfatizam que algumas áreas que pesquisas futuras poderiam se concentrar.

O trabalho de Semino et al (2004) não foi o primeiro a tratar dos problemas criados durante a identificação de expressões metafóricas no discurso. Cameron (1999b) discutiu os diferentes tipos de critério que podem ser adotados na identificação de metáforas e ainda apontou a importância da explicitação sobre a seleção de critérios específicos selecionados para estudos individuais, a depender dos dados e dos objetivos da pesquisa.

Cameron (1999 a) considera a metáfora como um fenômeno da linguagem em uso. A autora defende a operacionalização do conceito de metáfora para as pesquisas de natureza lingüístico-aplicada. Para este tipo de pesquisa, deve haver uma distinção clara entre o nível teórico de análise e o nível de processamento de análise e, ainda, uma necessidade de congruência entre os níveis de análise e as representações podem restringir detalhes importantes do quadro teórico para a operacionalização da metáfora. A autora fornece um quadro desses níveis de análise e representação da linguagem metafórica, como mostramos a seguir:

<p>Nível 1 – O nível teórico Preocupações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificação de metáforas • Categorização de tipos de metáforas • Os objetivos e a lógica da produção, interpretação e percepção da metáfora no discurso como tarefas de processamento
<p>Nível 2 – O nível de processamento Preocupações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A ativação de conceitos, em contextos através da interação entre indivíduos e seu ambiente sócio-cultural, no processamento de linguagem metafórica no discurso. • Como uma interpretação de metáfora é conseguida; como uma metáfora particular vem a ser usada • A estruturação de domínios conceituais através da metáfora; mudança conceitual através de encontros com a metáfora.
<p>Nível 3 O nível neural Preocupações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividade neural que executa o processamento metafórico nos níveis 2 e 1.

Quadro 1: Níveis de análise e representação de linguagem metafórica
(Adaptado de Cameron, 1999a: p 7)

Cameron (2003), em seu trabalho de análise das Dinâmicas discursivas de metáforas em conversas de conciliação (*The Discourse Dynamics of Metaphor in Conciliation Talk*), fez a seguinte questão de pesquisa: Como a metáfora contribui para o processo de reconciliação? A autora estipula dois tipos de procedimento para se chegar aos resultados pretendidos: O **procedimento 1** parte da identificação de metáforas lingüísticas em direção à agregação destas a grupos semanticamente conectados (o que convencionou-se chamar de metáforas sistêmicas – *systematic metaphors*). Após este passo, segue-se à análise do discurso de ação, tópicos discursivos e temas. O **procedimento 2** não varia muito em relação ao primeiro, pois mantém o mesmo passo inicial - identificação de metáforas lingüísticas – seguido da análise de distribuição de metáforas ao longo da fala ou do texto (**agrupamento de metáforas**). Ao final do procedimento, há o mesmo passo contido no procedimento 1 - análise do discurso de ação, tópicos discursivos e temas.

Após medir a densidade metafórica (número por 1000 palavras), compará-la com outros tipos de conversas, verificar a distribuição de aglutinações e suas ausências, verificar o uso de metáforas sistemáticas pelos falantes envolvidos na pesquisa, a autora chegou a algumas respostas para a sua questão de pesquisa. A metáfora contribui para o processo de reconciliação por oferecer formas de explorar alternativas à violência e à vingança; por permitir que vítimas e infratores expliquem seus sentimentos uns para os outros, estimulando assim a compreensão entre eles; e *last but not least*, por permitir que os falantes controlem e ajustem o clima afetivo da conversa.

Huang (2005) examinou a incidência de expressões potencialmente metafóricas (doravante EPM), ou seja, enunciados com apresentação sintagmática formados por pelo menos um termo mais uma palavra lexical (substantivo, verbo, adjetivo) em textos da Revista da Associação Médica Brasileira. Foi considerado potencialmente metafórico o contexto de ocorrência de um termo combinado com palavra(s) ou locução que estabelecesse entre si uma distância semântica. Foram identificados, em meio a 2.578 contextos, 86 padrões de realização potencial de metáfora. A autora aplicou uma classificação inspirada em Lakoff & Johnson (1980) e por meio dela obteve 8 tipos distintos de metaforização, a saber: personificação, personificação com atribuição de capacidade, tempo, processo, recipiente, metáfora orientacional, metáfora de guerra e metaforizações sem classificação. Sua pesquisa conclui que o tipo de EPM de maior ocorrência é a personificação.

Ferreira et al (2007) investigaram o fenômeno da tradução de metáforas em filmes alemães. Os autores escolheram a Teoria da Relevância de Wilson & Sperber (1986) para a análise do processo tradutório. O estudo apontou o potencial descritivo dessa teoria como uma ferramenta auxiliar na compreensão da metáfora e na sua tradução. Os autores afirmam em suas conclusões que:

Por meio da Teoria da Relevância, verificou-se se o tradutor realmente possibilita ao leitor fazer o raciocínio inferencial que o autor supostamente fez ao utilizar significação implícita, como a metáfora, por meio da semelhança interpretativa entre duas formas proposicionais... Se o leitor não conseguir acessar tais implicações, haverá falhas na comunicação e ele não obterá os efeitos contextuais do original, o que Gutt (2000) chamou de situações de comunicação secundárias. (Ferreira et al, 2007: 18)

Em nosso corpus, são apresentadas expressões licenciadas por mapeamentos cognitivos entre domínios-fonte e domínios-alvo. Também se percebem entraves nos processos de mapeamentos de domínios por interferência do processo de tradução.

2. Delimitação do Corpus

Lies are a tool: they can be used either for good or—no, wait, I've got a better one. Lies are like children: hard work, but they're worth it because the future depends on them.
("It's A Wonderful Lie")

O material utilizado para a análise é constituído de falas extraídas dos 5 primeiros capítulos da primeira temporada da série norte-americana House, M.D. A série foi lançada no EUA em 2002 e logo se tornou um grande sucesso de crítica e de público. Quanto ao contexto no qual as EPMs ocorrem, escolhemos as falas contidas nas trocas conversacionais entre o Dr. Gregory House e a sua equipe de diagnóstico, que é formada pelo neurologista Dr. Eric Foreman, a imunologista Dra. Allison Cameron e pelo Dr. Robert Chase.

O Dr. Gregory House parece ser contra o contato com os pacientes e evita até mesmo falar com eles se não for preciso, entrando em contato com a equipe muito mais vezes do que com os pacientes. Lidando com sua constante dor física, ele usa uma bengala que parece acentuar seu comportamento rude e brutalmente honesto.

É mister assinalar que essas situações comunicativas entre os médicos da série e suas respectivas seqüências conversacionais são meramente fictícias. A despeito de ser classificada como um drama, a série gera divertimento e excitação no público, que se diverte com trocas de falas impregnadas de sarcasmo e ironia entre os personagens principais e secundários. O objetivo dos produtores da série não foi documentar casos clínicos inéditos para serem acessados por acadêmicos da área de medicina. O maior propósito da série é o entretenimento. É importante frisar que o discurso médico flagrado na série não corresponde a uma situação médica real entre médico e paciente.

3. Análise e Discussão

Saying there appears to be some clotting is like saying there's a traffic jam ahead. Is it a ten-car pile up, or just a really slow bus in the center lane?
And if it is a bus, is that bus thrombotic or embolic?
I think I pushed the metaphor too far.
(“Euphoria, Part 1”)

Foram extraídas 6 seqüências de conversação que continham EPMs. *Il va sans dire* que havia uma infinidade de exemplos que serviriam de candidatos ótimos para a nossa investigação, todavia, preferimos escolher os que, de certa forma, continham graus distintos de metaforização. A análise do corpus obedeceu a seguinte ordem:

- 1) Levantamento das expressões lingüísticas;
- 2) Seleção das EPMs;
- 3) Explicação propriamente dita dos exemplos sublinhados.

Os critérios utilizados para a identificação de metáforas lingüísticas e conceituais seguiram os passos a seguir:

- 1) Identificação dos itens lexicais potencialmente metafóricos – para isso, os itens lexicais que traziam um sentido diferente do significado convencional foram sublinhados;
- 2) Determinação dos mapeamentos subjacentes;
- 3) Análise das expressões metafóricas;
- 4) Comparação das expressões metafóricas.

Os números que aparecem antes das expressões lingüísticas indicam o ponto no qual a linha de diálogo figura na linha temporal. Por exemplo, no primeiro exemplo, a fala do personagem ocorre dos 6 minutos, 12 segundos e 121 milissegundos até os 6 minutos, 15 segundos e 416 ms.

Exemplo 1:

00:06:12,121 —> 00:06:15,416

Dr. House: No primeiro ano de medicina, se you ouve cascos pensa em cavalos e não em zebras.

00:06:21,797 —> 00:06:28,095

Dr. House: Segundo, se fosse um cavalo o médico da família poderia tratá-la e ela nunca teria vindo até este hospital.

00:06:58,584 —> 00:07:00,794

Dr. House: Vamos descobrir com que tipo de zebra estamos lidando.

Na primeira EPM sublinhada, ocorre um jogo de palavras utilizando metáforas de animais. Na realidade, quer-se dizer uma coisa em termos de outra. Ou seja, cavalos representam uma coisa óbvia, diferentemente de zebras que, na intenção pretendida pelo personagem, simbolizam um problema ou coisa atípica. No entanto, durante o ato de interpretação do telespectador brasileiro dessa EPM pode haver um problema de compreensão.

Na cultura brasileira, o item cavalo pode remeter a uma metáfora de semelhança associada a grosseria. Resta saber se os telespectadores brasileiros irão fazer as mesmas inferências que os expectadores norte-americanos por possuírem um *background* cultural distinto. Outro problema ligado à tradução está na segunda EPM, ou seja, o animal zebra aqui no Brasil está associado a problema, mas será que esse mesmo fato foi levado em conta durante a composição da expressão que contém metáfora de animais? Sabe-se que a tradução impõe um grande obstáculo na transmissão da força do pensamento e da mensagem de uma língua para a outra. Gutt (2000 apud Ferreira et al, 2007) assevera que:

Se o ouvinte não consegue encontrar uma interpretação consistente com o Princípio da Relevância, ele não terá certeza do que o autor está pretendendo comunicar. [...], a falta de efeitos contextuais adequados talvez cause a impressão de que o texto é irrelevante para ele, [...], e o receptor coloque a tradução de lado (2000: 96).

Exemplo 2

00:08:56,285 —> 00:09:00,414

Dr. House: Nós injetamos ‘gadolinium’ na sua veia. Ele se distribui pelo seu cérebro...

00:09:00,581 —> 00:09:03,792

...e age como um contraste para a ressonância.

00:09:04,418 —> 00:09:07,796

Dr. House: Basicamente, o que está na sua cabeça se ilumina como uma árvore de Natal.

Segundo Grady (1997), há dois possíveis tipos de relacionamento lógico entre os conceitos, a saber, a correlação e a percepção de semelhança. As metáforas conceituais, portanto, ou são geradas por correlação entre domínios experienciais distintos [caso das chamadas **metáforas primárias** e das **metáforas de imagem**] ou por percepção de semelhança entre objetos [caso das chamadas **metáforas de semelhança**; **metáforas de imagem** e das **metáforas do tipo genérico/específico**].

O que se pode perceber diante do exemplo acima é um caso comum de *símile*. Há no plano real uma idéia ou coisa a ser definida ou expressa, no caso, “o que está na cabeça do paciente”. No plano imaginário, há uma outra idéia ou coisa, no caso, “árvore de natal”, em que a imaginação percebe alguma relação ou semelhança com o plano real.

Exemplo 3

00:13:46,490 —> 00:13:49,618

Dr. House: Não pegamos a foto. Vamos ter que pegar milhões de palavras.

A EPM sublinhada no exemplo acima remete à frase célebre da propaganda “Uma imagem vale por mil palavras”. Em um sistema conceptual, os comunicadores colocam suas idéias-objetos dentro de uma frase-*container*. A comunicação será bem-sucedida se o interlocutor capta (pega, no caso) o que o falante diz. A metáfora primária subjacente é **IDÉIAS SÃO OBJETOS**. Eis aqui alguns exemplos de expressões metafóricas com base na metáfora primária acima: “Eu te passei a idéia.” / “eu não consigo colocar as idéias no papel.”.

Exemplo 4

00:32:16,015 —> 00:32:19,602

“O verme constrói um muro, usa a secreção para parar a resposta imunológica do corpo.”

De acordo com a concepção tradicional, a personificação é concebida como um fenômeno retórico-literário, opondo-se ao modelo cognitivista, que a considera como um recurso cognitivo. Lakoff & Johnson (2003) afirmam que a personificação é um tipo de metáfora ontológica em que os objetos físicos são concebidos como pessoas. Trata-se de entidades que, de acordo com a nossa percepção, não têm vontade própria mas são dotadas de ímpeto de ação.

Ao verme foi atribuída uma capacidade cognitiva inerente aos humanos, ou seja, construir muro para instituir defesa ou ataque. A metáfora **OBSTÁCULOS SÃO EMPECILHOS PARA A LOCOMOÇÃO** se coaduna com a metaforização **personificação com atributo de capacidade** para gerar o efeito de sentido pretendido.

Exemplo 5

00:17:36,568 —> 00:17:38,911

Dr. House: O cérebro é como um grande emaranhado de fios.

00:17:42,658 —> 00:17:44,333

Dr. House: O cérebro interpreta isso como dor.

Na EPM, “um grande emaranhado de fios” se constitui um *símile*, ou seja, uma figura que apresenta uma comparação explícita através do uso de conectores do tipo: **por exemplo, como, tal, assim, qual, semelhante a**. Se extrairmos essas partículas de comparação podemos chegar em uma expressão metafórica. O *símile* justapõe duas realidades e a metáfora funde-as. A finalidade do *símile* é a de embelezar, ampliar ou clarificar uma imagem através da comparação de, pelo menos, duas realidades diferentes que apresentam alguma semelhança. Logo após a seqüência acima apresentada, figura um exemplo de personificação (“o cérebro interpreta”). Este último, ao ser personificado, transforma-se numa pessoa com capacidade de compressão e conceptualização da realidade.

Exemplo 6

00:35:19,805 —> 00:35:25,039

Dr. House: Ele tem uma empolgação. É desconfortável, tem uma febre leve, mas ele vive.

00:35:33,736 —> 00:35:38,115

Dr. House: o vírus viaja para o cérebro e se esconde, como uma bomba com um timer.

00:35:38,150 —> 00:35:41,542

Dr. House: Neste caso, um timer de 16 anos.

Dr. House: Uma bomba de 16 anos.

Agora estamos diante de um exemplo problemático originado a partir das EPMs sublinhadas acima: há um processo metonímico ou uma personificação? Ou melhor colocando, a personificação é uma metáfora ou uma metonímia? Trata-se da metáfora (a criação de animação?) ou da metonímia (o produto pelo produtor)? O vírus torna-se a própria pessoa quando se diz que virou uma bomba / um timer de 16 anos. Certamente o vírus está contido na pessoa, mas sabemos que essa equivalência entre vírus e humano é impossível no reino animal.

Lakoff & Turner (1989) salientam que há uma complexa relação entre ambos os fenômenos e explicam o porquê: “uma das razões por que a metáfora e a metonímia são às vezes confundidas é que elas podem interagir em complexos caminhos no campo da composição”. Os autores mostram ainda que mapeamentos metonímicos podem evocar mapeamentos metafóricos por constituírem uma unidade de construção. Quanto ao exemplo acima apresentado, ele é um candidato perfeito aos problemas metodológicos de análise apresentados por Semino et al (2004), pois apesar de apresentar um forte link entre dois domínios, constitui-se como uma evidência problemática para a detecção de correspondências entre domínios conceituais inter-cruzados.

Considerações Finais

Cervical lymph node is a garbage dump. Very small one—just one truck comes, and it only comes from one home. Al Gore would be appalled. (“97 Seconds”)

Ao investigarmos se as hipóteses arroladas na seção introdutória foram falseadas ou confirmadas ao longo da análise metafórica empreendida, deparamo-nos com algumas realidades. Quanto à hipótese de não utilizarmos metáforas ao falar de assuntos relacionados à comunidade técnico-científica, vimos que isto não se concretiza (note-se a metáfora nos textos formais!). Torna-se possível e até imprescindível haver a presença desses dispositivos discursivos e mentais nessa área. Em relação à hipótese de expressões metafóricas serem usadas, no contexto aqui estudado, para despertar emoção nos interlocutores, essa hipótese ainda carece de mais investigação para ser totalmente confirmada. Embora a metáfora seja utilizada para despertar emoção e apelo sentimental em outros gêneros (poesia) e situações de reconciliação (cf. Cameron, 2003), de acordo com a observação das expressões lingüísticas selecionadas, constatamos que no contexto de explicação / interpretação de diagnóstico, elas não despertaram a emoção dos participantes no evento comunicativo. Sugerimos um estudo à parte que possa investigar com maior profundidade a associação de emoção, consciência e interpretação metafórica.

A partir das hipóteses acima, lançamos algumas questões de pesquisa as quais esperamos ter respondido de forma apropriada. Ao abordarmos as possibilidades de resposta para a primeira questão (como o uso de metáforas primárias (ou metáforas conceituais) contribui para o processo de elucidação de casos raros / complexos?), vimos que as metáforas se constituem como uma poderosa ferramenta para articular linguagem e pensamento. Elas e todos os seus tipos distintos de metaforização são utilizados pelo personagem principal, Dr. House, como um dispositivo extra no processo de interpretação e compreensão por parte dos interlocutores e são de fundamental relevância no processo de negociação do significado para se chegar a um diagnóstico preciso de casos complexos.

Quanto à pergunta número 2 (se existe sistematicidade no uso de determinadas metáforas primárias no discurso do personagem principal para se chegar a um diagnóstico bem sucedido), essa pergunta não pôde ser respondida, porque nosso estudo é de natureza puramente qualitativa. Pelo que pudemos observar de forma muito aleatória, no entanto, não houve uma sistematicidade significativa no discurso médico que privilegie um determinado conjunto de metáforas primárias e conceituais. Para realizar um estudo de natureza quantitativa, precisaríamos ter utilizado uma ferramenta computacional como o ATLAS TI, o mesmo que foi utilizado por Cameron (2003), ou ainda outro que está sendo desenvolvido por Berber-Sardinha (2008). Baumer (2008) também oferece uma metodologia de mineração e extração de expressões metafóricas.

Em relação à terceira questão (se há mapeamentos cognitivos suficientes entre domínio-fonte e domínio-alvo durante a geração e compreensão de expressões metafóricas para promover uma negociação de significados bem sucedida), como se pode observar, identificamos mapeamentos metafóricos suficientes subjacentes às expressões lingüísticas selecionadas. Há necessidade de uma organização desses domínios em um quadro, mas somente após o estudo computacional isto pode ser realizado.

No que concerne à quarta questão (como se realizam as metaforizações nas expressões lingüísticas analisadas?), podemos perceber que a personificação, a personificação com atribuição, a metonímia e o símile são as mais frequentes.

Em conclusão, podemos depreender que a metáfora assegura a construção do entendimento e a negociação do sentido, constituindo assim um meio a mais para se conseguir conhecimento, seja nas situações cotidianas que experienciamos, seja na orquestração de situações fictícias inspiradas na vida real.

Referências

BAUMER, E. & TOMLINSON, B. Computational Metaphor Identification in Communities of Blogs. **Proceedings of the Second International Conference on Weblogs and Social Media (ICWSM) Poster Session**. (Seattle, WA), 2008.

BERBER-SARDINHA, T. **Bancos de dados e ferramentas de análise**. <http://www2.lael.pucsp.br/corpora/index.htm>. Acesso em 22/10/08.

CAMERON, L. Operationalising ‘metaphor’ for applied linguistic research. In Cameron, L. & Low, G. (eds.), **Researching and Applying Metaphor**. Cambridge University Press, Cambridge, 1999a, pp. 3-28.

_____. Identifying and describing metaphor in spoken discourse. In Cameron, L. & Low, G. (eds.), **Researching and Applying Metaphor**. Cambridge University Press, Cambridge, 1999b, pp. 105-132.

_____. **Metaphor in Educational Discourse**. London: Continuum, 2003.

FERREIRA, L.C.; GOLDNADEL, M.; KRAUSPENHAR, D. A tradução da metáfora: um estudo em filmes de língua alemã. **Tradução e comunicação**, n. 16, pp.70-77, 2007.

GRADY, J. **Foundations of Meaning: primary metaphors and primary scenes**. Tese (Doutorado em Linguística), University of California, Berkeley, 1997.

HUANG, C. *A metáfora no texto científico de medicina: um estudo terminológico da linguagem sobre AIDS*. Dissertação de mestrado – UFRGS, Rio Grande do Sul, 2005.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind**. Chicago: University of Chicago Press. 1987.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago University Press, Chicago, 1980.

LAKOFF, G. & TURNER, M. **More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor**. Chicago University Press, Chicago, 1989.

SEMINO, E., HEYWOOD, J. & SHORT, M. Methodological problems in the analysis of metaphors in a corpus of conversations about cancer. **Journal of Pragmatics**, V. 36, pp.1271-1294, 2004.

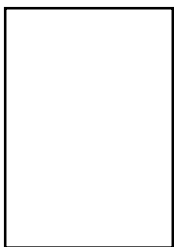
WILSON, D. & SPERBER, D. Pragmatics and modularity. **Chicago Linguistic Society**, V. 22, Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory: pp. 68-74. Reprinted in Steven Davis 1991: 583-95, 1986.

STEEN, G. **Understanding Metaphor in Literature**. London: Longman, 1994.

STEEN, G. From linguistic to conceptual metaphor in five steps. In Gibbs, R. & STEEN, G. (eds.), **Metaphor in Cognitive Linguistics**. John Benjamins, Amsterdam, 1999, pp. 57-77.

SONTAG, S. **Illness as Metaphor**. Allen Lane, London, 1979.

_____. **Aids and its Metaphors**. Allen Lane, London, 1988.



A FORÇA IDENTITÁRIA DA METÁFORA: UM GRITO PRIMITIVO

Dina Maria Martins Ferreira*

RESUMO

O objetivo desse estudo é tentar demonstrar que o sentido primitivo pode ser entendido como pulsão metafórica da linguagem, que emerge no processo designativo. Segundo Derrida, o ‘sopro’ é linguagem não articulada, aquela que manifesta o sensível do ser humano, que, buscando realizar-se na linguagem articulada, opera o deslocamento de sentido. Esse percurso do sensível pode ser retratado pelo movimento respiratório: na inspiração o sopro se faz sentir, e na expiração emerge a fala cuja força designativa expressa o pertencimento identitário.

Palavras-chave: Metáfora, Grito primitivo, Força identitária.

ABSTRACT

The aim of this study is to demonstrate primitive meaning can be understood as a metaphoric drive, which emerges in language designative process. According to Derrida, the “breath” is not articulated, one that expresses human sensitivity, which seeking to be articulated in language, operates a shift in meaning direction. This route of sensitivity can be portrayed by the respiratory movement: in inspiration the breath is felt, and at expiration speech emerges which designative strength expresses identity and belonging.

Keywords: Metaphor, Primitive scream, Strength of identity.

* Doutora em Linguística pela UFRJ (1995); 1º Pós-Doutoramento em Pragmática pela IEL/UNICAMP (2002-2003); 2º Pós-Doutoramento pela Université Paris V, Sorbonne e IEL/UNICAMP (2009-2011). Professora visitante do Programa em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e membro pesquisador do Centre sur les Actuels et Quotidien, Paris V, Sorbonne.

Considerações Iniciais

Reciprocamente somos metafísicos sem o saber
na proporção da usura das nossas palavras.
(DERRIDA, 1999, p. 252)

Partindo de uma imagem, um fotojornalismo, vimo-nos atenta, senão abalada, com a relação que se estabelecia entre o icônico e o verbal. Indagávamos se a metáfora linguística ali presente não teria uma natureza metafórica anterior ao deslocamento do sentido e à expressão linguística que ali se manifestava.

O fotojornalismo mostrava uma criança em cima de uma carroça, puxada por um boi. A criança, vestida com roupas simples, segurava a guia condutora do boi, e acima desse triângulo figurativo – criança, carroça e boi – havia um letreiro – “Roliúde Nordestina”. Imediatamente o imaginário se pergunta: o que Hollywood, local de glamour, fama e dinheiro, estava fazendo naquele território árido, chamado de nordestino, e retratado por ícones de um tempo de civilização mais atrasado aos olhos do senso comum. Afinal boi e carroça não compartilham o glamour do mundo desenvolvido! Que força designativa ali se processava?



Figura I¹

Mesmo tomando conhecimento descritivo do porquê da imagem na reportagem, o sensível do impacto permanecia. Tratava-se de uma reportagem sobre cinema. Era a apresentação de um set cinematográfico brasileiro, localizado na cidade de Cabaceiras, no Cariri do estado da Paraíba, a 189 km da capital do estado, com 5 mil habitantes. Ali já haviam sido rodados mais de 20 filmes brasileiros. Alguns fragmentos da narrativa:

O idealizador do projeto ‘Roliúde Nordestina’, o escritor e pesquisador Wills Leal, 70, aponta, a partir de uma comparação com Hollywood, razões que levam os diretores a escolher Cabaceiras.

‘Os cineastas norte-americanos notaram que em Nova York chovia muito e havia muita neve. Perceberam que não havia luminosidade e que os prédios da cidade limitavam as opções de cenário’, diz.

‘O terceiro ponto que levou à procura de novos lugares foi a formação de sindicatos de atores, que passaram a exigir salários mais altos para os profissionais’, afirma.

1. Jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 de maio de 2007, primeira página; imagem: Lalo de Almeida/Folha Imagem. Algumas imagens utilizados nesse artigo já foram utilizadas em outras publicações, cuja reutilização se adapta à temática e argumentação aqui propostas, ou seja, a um outro objeto de estudo.

Para Leal, o Estado americano tem muitas semelhanças com o município paraibano. ‘A Califórnia e Cabaceiras têm cenários desérticos, luminosidade, variedade de sets e mão de obra barata’.

‘Há diretores que criticam o uso da expressão ‘roliúde’, por considerar a comparação inadequada à realidade do local. Hollywood não é só um cenário. Há estúdios, dinheiro circulando. Cabaceiras não é isso, é um set de locação’, diz Ana Bárbara Ramos.

Apesar das analogias, Leal diz que a palavra ‘roliúde’ é apenas marketing “ que faz questão de grafar ‘márquete”².

Mesmo após a leitura da narrativa da reportagem em relação à manchete, o primeiro impacto não se desfaz. O determinante verbal “nordestino” de uma “Hollywood” distorcida – “roliúde” –, já tinha tocado a pele. A força designativa da metáfora havia penetrado em minha pele.

E Derrida nos chama.

1. A Metáfora Original

Nosso percurso reflexivo inicia-se pela ideia do que seja metáfora original (DERRIDA, 1999), ou seja, a linguagem é, por sua própria natureza, metafórica, e não um sistema regulatório em que apenas o cognitivo age na construção de metáforas.

Apesar de o texto de Derrida, *Mitologia Branca* (1999) se ater ao estudo da metáfora em relação ao discurso filosófico, pergunto-me, como diz a epígrafe, se não continuamos, mesmo negando e brigando contra a metafísica, circulando em seu universo. Lutar contra a metafísica não seria uma forma de esconder a *physis* da *meta-physis*? O *meta* estaria buscando o inteligível e anulando o valor do sensível da carne, a *physis*?

Ao abordar o termo *physis*, não o estamos injetando na dicotomia platônica *physis-nomos* e *thesis* (PLATÃO, *Crátilo*, 1994), mas tomando por base o sentido aristotélico (ARISTÓTELES, *Physica VIII*, 1969), de que as coisas ‘animadas’, vivas têm dentro de si tanto o princípio do movimento quanto a pulsão do movimento. É por essa base aristotélica que ousamos formular que a *physis*, em nossa proposta, seria o movimento e o sentir do corpo; não um corpo a que se confere uma matéria permanente, mas sim uma substância que articula o movimento do sensível, em sua multiplicidade, transitoriedade e mutabilidade. É a fisicalidade sentindo, a matéria sensível. E pensando nesse corpo, não teria ele a usura das palavras para se manifestar – palavras que dessem conta de designar o sensível que nos habita? Não seria a metáfora a expressão do sensível?

Derrida (1999) discorre sobre a “usura” por palavras, como uma usura decorrente do excesso de uso de sentidos e palavras, cuja “gastura” revela outra usura, a busca de novos sentidos. Para explicar a usura das palavras, o autor faz uma analogia da linguagem com uma moeda, de modo a mostrar o sensível e o inteligível. Utiliza-se das reentrâncias da moeda, o exergo (local onde se

2. Cíntia Acayaba, Agência Folha, em Cabaceiras (PB). Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2705200715.htm>, último acesso junho de 2008.

coloca a data) e a efígie (a figura), como a moeda primeira, a que não foi ainda usada e manipulada. A moeda, no seu momento primitivo, mostra-se pelo sensível do tato, percebido por suas reentrâncias, mas, de tanto ser usada, essas reentrâncias se gastam, resultando em lisura. A lisura da moeda apagaria o seu lado primitivo, o exergo e a efígie, mas, de alguma forma, manteria o sensível pela representação que ali se estabelece. A moeda é a linguagem. Nessa argumentação, até as noções abstratas, apesar da gastura do uso, ainda podem mostrar o sensível, nem que seja por sua representação em linguagem (DERRIDA, 1999).

O uso em demasia da palavra e seu conseqüente desgaste não altera a pulsão do sensível. A usura configura justamente o impulso de pôr para fora, em linguagem, o sensível que a gastura parece obstruir: a metáfora “longe de perder a entrada, faria frutificar a riqueza primitiva” (DERRIDA, 1991, p. 250). O sentido, querendo nós ou não, não perde sua história metafórica primeira. A argumentação, segundo Derrida (1999), é profícua, já que postula o grito primeiro do homem: um homem, por exemplo, com medo, grita o seu sensível, e no ato do grito a linguagem se formula em metafórica. A metáfora só emerge por esse grito primitivo, que pode também eclodir em linguagem. É o caso, por exemplo, do gozo: o gozo é um instante do sensível pleno em si mesmo. Se o gozo é o sensível, é um ato metafórico que pode se expressar linguisticamente. Se o gozo é um grito primitivo, porque também qualquer outro grito do sentir da e na contemporaneidade não seria também um grito primeiro para quem grita? Mesmo que já estejamos em um momento civilizatório em que a linguagem se apresente em gastura, o sensível do homem continua ‘desde sempre’. O vetor metafórico para o qual chamamos a atenção não se acaba pela gastura das palavras, ele ‘apenas’ se expressa pela representação que o exergo e a efígie podem oferecer – gastos mas existentes. O *ef-facement*, apagar a face, não elimina o grito do corpo. E como postula Derrida (1999, p. 252), “dever-se-ia sempre poder reativar a inscrição primitiva e restaurar o palimpsesto”. E é nesse reativar do sentido que se processa a metáfora, sempre primitiva, mesmo que gasta pelo tempo de uso e como tal não a reconhecamos.

2. Sensível e Representação

Estamos nos dirigindo sempre ao sensível como um grito primitivo não articulado; mas ao mesmo tempo podemos nos perguntar como esse sensível convive com a ideia de representacionalismo, já que avantei anteriormente que o sensível se manifesta mesmo que na representação linguageira. Primeiro, esclarecemos que quando nos referimos ao sensível do corpo, seja este entendido como sujeito em linguagem articulada ou não-articulada, esse sensível não se estabelece, necessariamente, no essencialismo de uma metafísica. Como já anunciamos anteriormente, estamos em *physis*, no corpo substanciado que sente, e não essencializado, como se ele se constituísse de um onto estável *a priori*.

A linguagem caminha na gastura de seu uso e por que não na gastura do corpo-sensível? A natureza representacional da linguagem não impede que sua articulação emita e produza o que sentimos. Diria até que esse sensível representado e articulado tem de fazer muito mais esforço para ser ouvido, devido à impossibilidade de se alcançar o numenal, ampliando assim nossa “usura” de sentidos. Rajagopalan (2003, p. 31) exprime com pertinência como tal busca eclode no corpo-sensível:

A tese do representacionalismo é, ao mesmo tempo, uma *lamentação* e uma expressão de *desejo*. Ela é um gesto de lamentação porque afirma a incapacidade

dos seres humanos de apreenderem o mundo numenal tal e qual [...]. Por outro lado, ela também é uma expressão de um desejo, pois elege como condição ideal [...] a total transparência (itálicos acrescidos).

Se a busca de representação é lamento de não alcançar a presença de uma essência e desejo numenal nunca alcançado, como garimpar o sensível de nossas emoções na representação de linguagem? Por essa linha de pensamento, não queremos propor nem o esvaziamento nem o niilismo do sensível no representacionalismo, e sim demonstrar que as construções linguageiras podem e conseguem construir e atingir o nosso corpo-sensível. De outra maneira, com outro vocabulário, Derrida (1999) apoia esse lamento pelo que chama de “metafísica da presença”, já que nenhum sentido é estável, está sempre em decentramento, apenas propiciando a ilusão de tê-lo alcançado – ilusão que não nos impede de sentir. Por essa situação de ilusão e de busca ‘infindável’, é que formulamos que o desejo de apresentação é o lamento das representações. Ou seja, a busca de representação configura o desejo da total transparência, que, impossibilitada de ser alcançada, torna-se a lamentação de um desejo não realizado. Lamentar e desejar não poderiam ser atributos constitutivos do que estou chamando de sensível?

Proponho uma ampliação desse sentir – lamento e desejo – pela analogia do conceito de representação com a de *eidolon*, com o propósito de justamente ratificar que o sensível não nos abandona mesmo na possível ‘aridez’ da representação. Se tentarmos traduzir o sentido de *eidolon* diria que seria a ‘presença de uma ausência’, a saudade de uma presença que sentimos dentro de nós, que nunca tocamos. *Eidolon* seria o ‘resíduo’ e ou reflexo opaco de uma presença, e como tal nunca a coisa em si. Segundo Junito de Souza Brandão (1991, p. 22), *eidolon* como *eidos* “pressupõem o indo-europeu *weid* que exprime a idéia de ‘ver’ e de ‘saber’ [...], sendo *eidolon* uma réplica do morto, ele é uma *imagem* que se vê e, por conservar um resíduo latente de *consciência*, é algo que se *sabe*” (citado em Baitello Junior, serial) (itálicos acrescidos). Sabemos ou intuimos que há uma presença, mas só nos resta ter acesso à sombra dessa presença. Não poderíamos então predicar representação como um estado de *eidolon*? Estaríamos, talvez, hiperbolizando o postulado de Rajagopalan: um lamento de um desejo não realizado, que se “sabe” e se “vê” – o grito não-articulado –, exprimido pela representação de linguagem – o grito articulado. Se linguagem é representação das ‘coisas’ designadas, e sendo também a própria construção das coisas que percebemos (sentimos e vemos), os sujeitos, situados em seus tempos e espaços, utilizariam a natureza representacional da linguagem na emergência de seus sensíveis.

Voltemos, então, ao universo metafórico do grito primitivo, esteja ele representado em articulação ou não.

3. Do deslocamento metafórico

Se aceitarmos que a linguagem é ecológica (MARTINS FERREIRA, 2006)³, pode-se entender a linguagem como a agricultura da terra, que, para brotar em sentidos e palavras, é revolvida pelo arado que roda pela estrada do tempo cronológico. O arado caminha em movimento

3. Termo utilizado pelo Prof. Dr. Kanavillil, Rajagopalan, no Curso de Pragmática, Pós-Graduação, IEL, Unicamp, segundo semestre de 2001 e citado na referida obra.

bustrofédico⁴, de tal forma que se mexe sem interrupção, o que permite que a terra ‘antiga’ – o sentido primitivo –, sempre possa emergir ao encontro da nova terra. Ou seja, a terra-linguagem recente, alimentada e nutrida pelo movimento do arado, emerge em sentidos novos misturando-se à gastura da terra antiga:

Trata-se da *escritura por sulcos*. O sulco é a linha, tal como a traça o lavrador: a rota – *via rupta* – cortada pela relha do arado. O sulco da agricultura, também o recordamos, abre a natureza à cultura. E sabe-se também que a escritura nasce com a agricultura, que não se dá sem a sedentarização (DERRIDA, 1999, p. 351).

Sob a ótica bustrofédica da linguagem, verifica-se que a continuidade de movimento permite reafirmar que a linguagem é ecológica, isto é, o processo de contínuo reaproveitamento não elimina sentidos primitivos, até porque o significado de reaproveitar já determina que algo existiu, e que portanto existe porque volta a aparecer. Se o processo de cultivo é contínuo, a cada plantio linguajeiro resíduos remanescentes de uma antiga plantação revolvem-se para se agregar à próxima; a terra-linguagem, na qual os sentidos e as palavras são plantados, não consegue eliminar e substituir os rastros de antigas plantações. O movimento bustrofédico, realizado pelo arado do boi, deixa sulcos e marcas, sulcos profundos ou não, cujas marcas e sentidos primitivos podem ser redescobertos.

O percurso da linguagem recebe os adubos de forma e conteúdo a cada espaço-tempo percorrido, sem abrir mão do sensível, que nos parece cada vez mais denso se levarmos em conta a perspectiva evolucionista. Não um evolucionismo do *logos*, de *homo erectus* a *homo sapiens*, por exemplo, mas um alargamento do sensível, talvez hoje mais à flor da pele diante das múltiplas e complexas redes civilizatórias da contemporaneidade. Enfim, seja em que universo estejamos, do intelectual à prática cotidiana, até “as noções abstratas escondem sempre uma figura sensível” (DERRIDA, 1999, p. 250).

4. Da comunicabilidade metafórica

Ratificando que no universo conceitual ainda se chega ao sensível, utilizamo-nos de argumentos de Walter Benjamin (2001) sobre o processo designativo e a relação entre sujeito e objeto. O autor postula que a linguagem do homem tem a capacidade de dar nomes, ou seja, os homens falam objetos, no entanto os objetos também falam ao homem. Não seria, então, os impulsos sensíveis que fazem o homem dar nomes e sentidos? O objeto também olha o homem e não apenas o homem olha o objeto:

A que se comunica o candeeiro? E a montanha? E a raposa? A resposta é a seguinte: ao homem. Não se trata de um antropomorfismo. A verdade desta resposta manifesta-se no conhecimento e talvez também na arte. Além disso: se o candeeiro, a montanha e a raposa não se transmitissem ao homem, como os denominaria ela? Mas denomina-os: ele comunica-se denominando-os (BENJAMIN, 2001, pp. 180-181).

4. *Bustrofédon*, a *escritura de volta de boi* (DERRIDA, 1999, pp. 351-352); palavra de origem grega que significa ao pé da letra *volta do boi*, *bous* está para *boi* e *strophe* para *virada*; “virando de uma linha para a outra, como fazem os bois ao passar de um sulco para outro, isto é, escrevendo alternadamente da esquerda para a direita e, depois, da direita para a esquerda, maneira de escrever usada em antigas inscrições gregas” (MACHADO, 1995, p. 477).

Se aceitamos que objetos falam aos homens, não poderíamos insistir na questão de que o sensível não seria o grito impulsionador da designação? O ato designativo não se expandiria apenas do cognitivo realizando-se em linguagem, mas da própria força metafórica que nos habita? E podemos considerar a força comunicável dos objetos, na medida em que são eles que provocam a força criadora do homem designativo. Os objetos estão ali, à nossa frente, construídos ou não pelo homem, e que, de alguma forma, geram impulsos: “as diferenças entre as linguagens [...] se diferenciam segundo a sua densidade, ou seja, gradualmente: e isso tanto no sentido da densidade do comunicante [...], como no do comunicável [...] na comunicação (BENJAMIN, 2001, p. 183). O objeto seria o comunicável e o homem o comunicante, que pela interação constituem o processo da comunicabilidade. Se comunicabilidade é interação, ambos os elementos que a constituem – objeto e homem “ são vetores da *práxis* comunicativa.

E pela duplicidade do movimento relacional, a agência do sujeito sobre os objetos e dos objetos sobre o sujeito, que o pneuma se instaura.

5. Na Metáfora - O Pneuma da Linguagem

Pleiteamos que a metáfora seria o pneuma da linguagem, o grito que ainda não foi articulado, e como diria Derrida (1999, p. 302) “um sopro falante, cantante, sopro de linguagem, mas sopro inarticulado”. Como poderíamos sentir esse sopro em nosso corpo, agora, ouvindo esse texto ou o lendo? Seria no próprio movimento do ar em nosso corpo: inspiramos “ o sopro sem articular, mas já cantante “, e na expiração, sua articulação. Daí entender o que seja o nosso pneuma corporal, que se constitui por dois movimentos, inspiração e expiração. É por esse/nesse pneuma corporal que o sensível se manifesta, seja ele acionado pelos cinco sentidos, seja pelas nossas emoções captadas e produzidas, e assim por diante. Se, por exemplo, levo um susto, a minha inspiração é mais profunda, e o grito ecoa pelos meus membros e órgãos, se quero contra-argumentar algo que me incomoda o pneuma se acelera. Observem que antes de se expressar em linguagem, momentos sensíveis se processaram (susto, ansiedade, vontade,...), e inspiro para reagir em linguagem.

O sensível força o grito metafórico, que para se realizar precisa inspirar o ar inarticulado para alcançar a expiração articulada. Ele forja o grito, cuja pulsão metafórica encontra no corpo o vetor respiratório; o grito está no corpo, cuja dinâmica o injeta para o momento da designação. Mesmo que tentássemos aplicar a dicotomia tradicional sobre a natureza do sentido metafórico, ou seja, sentido literal recebendo um sentido figurado, não há como dar ao sentido literal o direito do primeiro estágio da linguagem se é pelo grito primeiro que ela surge. E se aceitamos o grito metafórico da linguagem, também não podemos creditar a esse grito apenas a tessitura cognitiva; o cognitivo pode emergir com o sensível, mas isoladamente não o constrói; “[o grito metafórico] trata-se de uma língua pura de toda complementariedade” (DERRIDA, 1999, p. 300). Derrida (1999, p. 302) explica esse momento do sensível da língua pura, quando formula que

a criança saberá falar quando as formas de seu mal-estar puderem substituir-se umas pelas outras; poderá então deslizar de uma linguagem a outra, deslizar de um signo por debaixo do outro, jogar com as substâncias significantes: entrará na ordem do suplemento, aqui determinada como ordem humana: não chorará mais saberá dizer “sinto dor”.

6. Da “Suplementariedade” ao Cognitivo

Quando o idealizador do projeto, o escritor e pesquisador Wills Leal, designou o local da cinematografia brasileira como “Roliúde Nordestina”, não estaria ele primeiramente dando o grito metafórico de identidade? A força que o ser humano tem de territorializar sua identidade não seria um grito? Este grito não estaria tocando a pele do homem que sempre visa marcar seu território? Não é à toa que o ser social busca sua propriedade, sua casa, suas coisas, sua intimidade e os defende a qualquer preço. O grito primitivo está aí presente, mas já com as possibilidades de realização de “jogar com as substâncias significantes”, que se exteriorizam junto ao cognitivo que o atravessa. Ou seja, é na organização da “suplementariedade” que o processo cognitivo se instala e se apresenta: “como o conhecimento é representado [...], como linguagem é entendida, como imagens são compreendidas e com o que os processos mentais *subscvem inferências*” (RICHARDS *et al.* 1993, p. 60) (itálicos acrescidos). Enfim, posso entender a “suplementariedade” como o caminho de expansão e distribuição designativa do grito primitivo da linguagem pura, se não for sua única possibilidade de eclosão e emergência. Aceitando essa argumentação, podemos propor que, no momento de emergir, tal “suplementariedade” aciona o capital cognitivo, ou seja, ‘informações’ adquiridas por inferências histórico-culturais que se movem no processo da designação, situadas e de acordo com o tempo e espaço em que as metáforas se realizam. Ao aventar sobre o que estamos chamando de capital cognitivo, esclarecemos que não estamos preocupados com os padrões classificatórios nem com pressupostos teóricos de ciências cognitivas específicas, mas sim com uma proposta de aceitar o ‘cognitivo’ como um campo de constituição metafórica que se utiliza de conhecimentos de mundo que se armazenam na mente, de tal forma que nos possibilitam construir (sentir e perceber) na “suplementariedade” da linguagem a teia complexa e rica de sentidos sentidos.

O sentido da metáfora “Roliúde Nordestina” pode ser explicado pelo armazenamento de três campos cognitivos que se interrelacionam: a possível (se assim o acreditarmos) hibridação cultural entre estudinenses e brasileiros; a relação simbólica das territorializações Hollywood e Nordeste; e historicidades de glamour e aridez de cada território, respectivamente. Ao buscarmos uma análise dos elementos cognitivos que contribuem para o sentido da referida metáfora, não os estamos enclausurando, porquanto efeitos de sentidos não se fecham em valorações finitas, haja vista os estudos que postulam ser a “interpretação” uma estrada infinita (RAJAGOPALAN, prelo).

O primeiro plano cognitivo que se instala em “Roliúde Nordestina” é o conhecimento de duas culturas – brasileira nordestina e estudinense hollywoodiana “ com performativos sócio-econômicos tão díspares que nos leva à ideia de que “Roliúde Nordestina” excede ao que Hall (2000) chamaria de “comunidade imaginada”. O sentido de “comunidade imaginada” se estabelece por histórias que vão compor uma comunidade, um agrupamento, um ‘lugar’: no caso, a metáfora inventa uma tradição, que, segundo Hobsbawn e Ranger (citado em HALL 2000, p. 54), seria um lugar simbólico, imagine os graus de simbologias que se entrecruzam nos lugares Nordeste e Hollywood. Não é à toa que tal designação se tornou notícia de jornal! Se uma comunidade ‘real’ já é construção imaginada de uma identidade cultural, imagine uma designação – prá lá de imaginada “ com proposta de hibridação cultural cujos valores e crenças aos olhos do imaginário coletivo são conflituosas.

Junto a essa invenção identitária de um nordeste hollywoodiano, Bhabha (1998, pp. 238-239) nos lembra que as contingências históricas seriam os fundamentos da necessidade de elaborar estratégias legitimadoras de “minorias dentro das divisões geopolíticas”, minorias aqui entendidas

como comunidades em busca de seu perfilamento identitário. Não estaria aí a tentativa do set em Cabaceiras, uma minoria cinematográfica, em legitimar sua identidade buscando o famoso glamour do tapete vermelho que habita a indústria do cinema americano? Pela nominalização “Roliúde”, que se junta ao determinante territorial Nordestina, pode-se dizer que a expressão metafórica “Roliúde Nordestina” é uma estratégia designativa metafórica para que determinado lugar alcance sua legitimação identitária, e que talvez, sem tal recurso, não o conseguisse. Como o próprio fundador do set em Cabaceiras diz: “Apesar das analogias, [...] a palavra ‘roliúde’ é apenas marketing “ que faz questão de grafar ‘márquete’ “.

O campo cognitivo acionado pelo conhecimento de culturas mostra não só uma “Roliúde Nordestina” que extrapola o sentido de uma “comunidade imaginada” que visa “inculcar certos valores” não necessariamente absorvidos pelos agentes culturais, mas também um recurso de “legitimar” a importância identitária do set Cabaceiras, já que é uma “minoridade no espaço geopolítico” da cinematografia. O que parece ter ocorrido nesse processo de designação metafórica foi a rearticulação de sentidos que inscreveu não só uma identidade cultural mais glamourosa para chamar atenção, como também a autolegitimação pelo uso de homofonias transliteradas - de Hollywood a [Roliúde]. No entanto, a questão da rearticulação sónica é mais complexa, não se restringindo apenas à adaptação fonética e ao recurso de marketing. Segundo Bhabha (1998, p. 240), cultura “é a marca do espaço conflituoso mas produtivo, no qual a arbitrariedade do signo de significação cultural emerge no interior das fronteiras reguladoras do discurso social”. “Roliúde Nordestino” constrói, sem dúvida, um espaço “produtivo” de sentidos culturais pela travessia transnacional, mas também é “conflituoso”, porquanto os discursos sociais de cada espaço nacional divergem:

Torna-se crucial distinguir entre a semelhança e a similitude dos símbolos através de experiências culturais diversas “ a literatura, a arte, o ritual musical, a vida, a morte “ e da especificidade social de cada uma dessas produções de sentido em sua circulação como signos dentro de locais contextuais e sistemas de valor específicos. [...] O discurso natural(izado), unificador, da “nação”, dos “povos” ou da tradução “popular” autêntica, esses mitos incrustados da particularidade da cultura, não pode ter referências imediatas. A grande, embora desestabilizadora, vantagem dessa posição é que ela nos torna progressivamente conscientes da construção da cultura e da invenção da tradição (BHABHA 1998, p. 241).

O conhecimento cultural que se instala em “Roliúde Nordestina” pode se ampliar para outras duas inferências: uma da ordem da territorialização e outra da historicidade. Na primeira, territorialização, Haesbaert (2006, p. 40) nos oferece um tratamento de território pela vertente “simbólico-cultural: [que] prioriza a dimensão simbólica em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”. A dimensão simbólica de Hollywood e do Nordeste habita espaços sociais organizados pela historicidade e geograficidade específicas. Mas, segundo seu fundador é possível coordenar a relação entre os territórios pela prática cinematográfica: “o Estado americano tem muitas semelhanças com o município paraibano: Califórnia e Cabaceiras têm cenários desérticos, luminosidade, variedade de sets e mão de obra barata”. Apesar da justificativa de Leal de que as territorializações de Hollywood e Cabaceiras se permeiam por equivalência, não se pode esquecer a fala de Ana Bárbara Ramos, na mesma reportagem: “Hollywood não é só um cenário. Há estúdios, dinheiro circulando. Cabaceiras não é isso, é um set de locação”. Nessa vertente simbólico-cultural entra, então, o condicionamento econômico que perfila os territórios simbólicos: “na dimensão espacial das relações econômicas, o

território [é visto] como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho” (HAESBAERT, 2006, p.40). E, nas relações econômicas, Hollywood e Cabaceiras destoam pelas fontes de recursos e de relações capital-trabalho, tendo em vista as imagens geográficas, a seguir, que pontuam a ruptura simbólica entre os territórios:



Figura II
Centro de Cabaceiras⁵



Figura III
Cercanias de Los Angeles⁶

A segunda inferência é expansão da primeira, porquanto, ao se falar de historicidade, geograficidade e territorialização atinge-se à questão de pertença identitária (VATTIMO, s/d), ou seja, as narrativas simbólicas constitutivas de uma Hollywood e de uma Cabaceiras devem criar um motivo para que o pertencimento se manifeste: o motivo está aí, a ação cinematográfica. Mas será que tal metáfora, em seu grito identitário, levanta o conhecimento de que “um processo objetivo no qual estamos inseridos [...] é um modo de estarmos conscientes dessa pertença” (VATTIMO, s/d, p. 11)? A noção de pertença pode falhar nesse caso: há território, mas “consciência dessa pertença” fica duvidosa, já riqueza e glamour não grudam no território nordestino.

Mas não importando a glorificação de pertença cultural, nessas idas e vindas das inferências cognitivas, a designação metafórica do set cinematográfico brasileiro, “Roliúde Nordestina” tornou-se notícia midiática, chamou a atenção, criou estranhamento, atingindo ao seu objetivo de se fazer ouvir. E é no próprio estranhamento cognitivo entre culturas, territórios e histórias que o sentido metafórico se faz reconhecido.

7. A Balança Metafórica entre o Grito e o Cognitivo

É importante levantar a questão de que a designação metafórica não se constitui apenas do grito primitivo inarticulado. Como comentamos anteriormente, o sensível emerge também pela sua articulação, que passa a ser a “suplementariedade” desse primeiro grito, haja vista a comunicabilidade entre sujeitos e objetos e vice-versa. E é na articulação linguageira que o campo cognitivo se expressa. Por exemplo, a categorização Bollywood parece demonstrar mais “gastura” de uso em contrapartida à de “Roliúde Nordestina”, porquanto esta pelo estranhamento cognitivo dá mais relevo ao grito primitivo de identidade. A gastura da “moeda” Bollywood, uma fusão morfológica de Bombaim (antigo nome de Mumbai, cidade onde se concentra esta indústria) com Hollywood, se deve ao contexto histórico-econômico na medida em que a designação não mais processa estranhamento cognitivo-simbólico entre os territórios (Mumbai e Hollywood) para gritar sua identidade. A riqueza

5. Imagem retirada do site www.panoramio.com/photos, último acesso janeiro de 2009.

6. Imagem retirada do site www.adrenaline.com.br/forum, último acesso janeiro de 2009.

e glamour de Bollywood, nome conhecido internacionalmente da indústria cinematográfica indiana, são tão vastas quanto a de Hollywood, senão maior, tanto que no seu bojo engloba outras cinematografias, tais como Kollywood, Dollywood, Mollywood. Mesmo que híbrida morfologicamente, a nomeada cinematografia indiana não clama sua identidade por um grito de estranhamento, as estatísticas econômicas e difusoras revelam que tanto Bollywood quanto Hollywood têm sua própria identidade simbólica, independentes uma da outra. Em contrapartida, o set de Cariri se divulga midiaticamente pelo grito do estranhamento: une a simplicidade icônica – carroça, boi, terra batida, sertão árido – ao glamour de Hollywood – aparatos tecnológicos, disponibilidade a quaisquer recursos –, apesar da correspondência homofônica que cria % “Roliúde” { (*Holly* = [Roli]) + (*wood* = [úde]) }. Podemos confirmar as diferenças pelos referenciais territoriais de cada designação:



Figura IV
Bollywood



Figura V
Hollywood



Figura VI
Roliúde

De um ponto de vista até ortodoxo, aventamos a possibilidade de os nomes Hollywood e Bollywood serem nomes próprios cujas origens de sentido histórico- territorial se perderam no processo de suas categorizações, e que ‘Roliúde’ grita uma homofonia linguística, que traduz uma unidade ‘heterocultural’ inconciliável. E, na medida em que a valoração de estranhamento atinge muito mais à designação ‘Roliúde’, posso dar a ela a natureza de um grito do sensível mais forte que clama por identidade, enquanto Hollywood e Bollywood expressariam processos designativos decorrentes de uma comunicabilidade já gasta pelo uso.

Ponderação Final: Um Conceito de Metáfora

Pergunto o papel da mídia na designação metafórica de “Roliúde Nordestina”. Essa imagem midiática, como diz Goody (citado em PALLARES-BURKE, 2000, p. 37) “não criou propriamente o evento [inauguração de um set cinematográfico brasileiro], mas provocou, sem dúvida, uma espécie de *contágio*” – um contágio cognitivo-simbólico de entrecruzamentos de territórios, culturas e histórias, que, mesmo dissonante, ecoa em busca de uma legitimação identitária. Wills Leal, não importando as políticas de representação de sua metáfora, revalida o que seja sentido metafórico: o grito primitivo da linguagem pura que emerge em “suplementariedade”, ou seja, um grito do corpo-sensível, que, para ser ouvido, tece estranhamentos cognitivos para manifestação articulada da linguagem.

Referências

ARISTÓTELES, **Physica VIII**. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.

BAITELLO JUNIOR, N. O olho do furacão: a cultura da imagem e a crise da invisibilidade. **Dubito Ergo Sum**. www.dubitoergosum.xpg.com.br, último acesso 1/4/2010.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BENJAMIN, W. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana. Tradução Maria L. Moita, Maria A. Cruz, Manuel Alberto. In BENJAMIN, W. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio d'Água, 1992, PP.180.

BRANDÃO, J.S. **Mitologia Grega**. Vol. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

DERRIDA, J. **As margens da Filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães São Paulo: Papirus, 1991.

FERREIRA, D.M.M. Identidade feminina no espaço político: percurso simbólico na ecologia da linguagem. In FERREIRA, D. & RAJAGOPALAN, K. (orgs.), **Políticas em linguagem: perspectivas identitárias**. São Paulo, Ed. Mackenzie. 2006, p.277-298.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” a multiterritorialidade. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MACHADO, J.P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizontes, 1995.

PALHARES-BURKE, M.L.G. **As muitas faces da história**. Nove entrevistas. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

PLATÃO. **Crátilo**. Tradução Dias Palmeiras. Lisboa: Livraria São Costa Ed., 1994.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

RAJAGOPALAN, K. A ‘dadidade’ dos ditos dos dados na/da pragmática. In GONÇALVES, A. (org.) *Linguística e as várias vertentes: como fazer pesquisa na área da linguagem? (prelo)*

RICHARDS, J.C. , PLATT, J. & PLATT, H. **Dictionary of Language Teaching & Applied Linguistics**. United Kingdom: Longman, 1993.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. Trad. Maria de Fátima Boavida. Rio de Janeiro: Presença, s/d.

A CONSTRUÇÃO METAFÓRICA NO DISCURSO POLÍTICO: LULA X FHC

Hyléa Vale Ramalho*

RESUMO

Este artigo analisa a construção metafórica dos discursos de Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva à luz da teoria funcionalista. Por ambos possuírem experiências de vida bem diferenciadas, considera-se que isso possa se refletir na construção de seus discursos; ratificando, assim, a hipótese de o emprego de metáforas estar associado ao conhecimento de mundo do indivíduo.

Palavras-chave: Funcionalismo, Metaforização, Discurso.

ABSTRACT

This article analyses the metaphorical discourses of Fernando Henrique Cardoso and Luís Inácio Lula da Silva based on a functionalist theory. Because both of them have very different life experiences, it is assumed that this fact may be reflected in the ways they construct their discourses. As being so, it is confirmed the hypothesis that metaphor use is associated with the individual's world knowledge.

Keywords: Functionalism, Metaphorization, Discourse.

* Universidade Federal Fluminense - UFF

Introdução

A língua, entre outras funções, constitui-se como instrumento sócio-cognitivo-funcional que atende às necessidades do cotidiano, inter cruzando vários eixos significativos para a produção de efeito de sentido. É nessa interrelação que o falante constrói metaforicamente seu discurso.

Os cognitivistas postulam que o pensamento provém da constituição corporal humana – da estrutura e do movimento do corpo e das experiências física e social vivenciadas por meio dele. É da natureza da construção cognitiva da linguagem humana o estabelecimento de metáforas na ancoragem do discurso:

O pensamento é imaginativo, o que significa dizer que, para compreender conceitos que não são diretamente associados à experiência física, emprega metáforas e metonímias que levam a mente humana para além do que se pode ver ou sentir. (Martelotta, 2003, p. 23)

Este artigo vem confrontar o uso da linguagem metafórica do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) e de Luís Inácio Lula da Silva (Lula), presidente na ocasião desta pesquisa. Acredita-se que, por terem experiências de mundo tão diferenciadas, essa discrepância se reflita na elaboração do discurso de cada um.

Com esse confronto, procura-se ratificar a hipótese de que o sujeito, ao empregar metáforas em seu discurso, aciona aspectos experienciais de sua trajetória de vida, resultando em recursos metafóricos distintos, pois também distintas são suas experiências de mundo. Segundo Lakoff e Johnson (2002), seria, então, a aplicação de metáforas um reflexo da capacidade de o homem pensar alegoricamente, nossa maneira mais comum de pensar, propiciando o preenchimento de espaços mentais de acordo com as experiências sociocognitivas dos interlocutores e conduzindo-os a significações diversas.

A construção do significado depende, entre outros fatores, da possibilidade de o falante operar estratégias cognitivas para estabelecer e/ou promover relações associativas e inferenciais, com base em suas experiências vivenciais sociocognitivamente compartilhadas, segundo Marcuschi (2000):

Na geração de inferências, exigem-se conhecimentos específicos de ordem diferenciada: conhecimentos lingüísticos geram inferências semânticas; conhecimentos normativos e sociais geram inferências pragmáticas; conhecimentos de regras relacionais geram inferências lógicas e assim por diante. (p. 12)

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso é o protótipo de um chefe de Estado – culto, bem relacionado e letrado – objetivando atingir as camadas sociais mais elevadas; o Presidente Lula libera-se das amarras lingüísticas e de posturas emblemáticas esperadas pelo cargo que ocupa, encarnando, de certa forma, um discurso voltado para a massa, mais afeito a seus discursos sindicalistas. Considera-se, por conseguinte, que o uso de expressões metafóricas recorrentes no discurso de ambos é, também, um recurso estilístico – *voltado para a expressão da linguagem do ponto de vista afetivo* (Dubois, 1973, p.237) – além de argumentativo, cujo objetivo é defender idéias e convencer a população.

Para melhor analisar as estratégias argumentativas de FHC e Lula, vale apresentar um pouco da trajetória de vida pública de cada um, bem como dos respectivos partidos políticos que ajudaram fundar.

O Partido dos Trabalhadores (PT) é um dos maiores partidos políticos do Brasil e o maior entre os declaradamente de esquerda. Foi fundado em 1980 por um grupo heterogêneo, formado por sindicalistas, intelectuais de esquerda e católicos ligados à Teologia da Libertação.

O PSDB, Partido da Social Democracia Brasileira, foi fundado em 1988 por um grupo de socialdemocratas dissidentes do PMDB, dentre eles, o então senador Fernando Henrique Cardoso. Diferentes pensamentos políticos contemporâneos, como o trabalhista, que defende a prioridade do trabalho sobre o capital, a vertente democrática do socialismo e a luta dos trabalhadores por direitos iguais do movimento comunista, formam a base inicial do partido.

Os dois maiores representantes do PT e do PSDB são, indiscutivelmente, Lula e FHC. A história de ambos se confunde com a de seus partidos e, tanto um como outro, chegaram à Presidência da República sendo seus porta-vozes.

Atualmente presidente de honra do PSDB, partido que ajudou a fundar, FHC formou-se em Sociologia pela USP tendo atuado no início de sua vida política apenas nos bastidores, como quando ajudou a reelaborar o programa político do MDB. No início do regime militar, exilou-se no Chile e na França. Com o fim do bipartidarismo, em 1980, filiou-se ao PMDB, elegendo-se senador em 1983. Em 1987, afasta-se do PMDB por discordar de sua imobilidade e ajuda a fundar o PSDB. Em 93, assume o ministério da Fazenda e implanta o Plano Real, plano de estabilização econômica cujo sucesso foi fundamental para sua eleição à Presidência da República em 94 e sua reeleição em 1998.

Luis Inácio Lula da Silva, presidente da república, de origem pernambucana, veio com a família para São Paulo em busca de melhores condições de vida. No ano de 1968, já trabalhando como metalúrgico, em São Bernardo do Campo, filia-se ao Sindicato dos Metalúrgicos. Com a criação do PT, Lula encerra sua carreira como sindicalista e inicia a vida política se elegendo deputado federal em 1986. Em 1989, na primeira eleição direta para presidente desde 1964, Lula se candidata, mas perde para Fernando Collor de Mello. Em 1994 e em 1998, volta a candidatar-se à presidência, mas, dessa vez, perde nas duas eleições para Fernando Henrique Cardoso, tornando-se o maior opositor à política de FHC. Em 2002, já com um discurso mais moderado, porém, mesmo assim, pregando uma mudança em relação ao sistema vigente, Lula chega à Presidência da República, sendo reeleito em 2006.

É evidente que o discurso de FHC e Lula vem marcado por essas diferenças de ordem cultural e social que os distancia. Trajetórias tão diferenciadas tornam-se significativos objetos de análise, que serão investigados à luz do funcionalismo.

1. Fundamentação Teórica

A abordagem teórica norteadora deste artigo é o funcionalismo americano de Givón (1979), que considera a estrutura da língua como uma variável dependente, resultante de regularidades das situações de fala. Dessa forma, concebe-se que a estrutura lingüística só pode ser explicada, considerando-se a comunicação, o objetivo da interação, os participantes e o contexto discursivo. Segundo essa linha de estudo:

Cada porção do comportamento lingüístico tem um propósito comunicativo específico que o ativa; (...) a forma é determinada por sua adequação para expressar esse propósito no interior da organização pragmática geral da comunicação. (Naro e Votre, 1986, p.454)

A teoria funcionalista se interessa em descrever os fenômenos lingüísticos em seu uso corrente e tem, por princípios básicos, a concepção de linguagem como instrumento de comunicação e de interação social. Os funcionalistas postulam que o uso real da língua, associado à repetição e à frequência dos fatos lingüísticos, considerando o contexto no qual se inserem, é que molda a gramática, ou seja, está a serviço das variações e mudanças da língua impostas pelos falantes. As construções gramaticais são analisadas com base em um todo comunicativo: atos de fala, participantes e contexto discursivo. Não se pode compreender um fato lingüístico sem se considerar o sistema ao qual pertence.

Os lingüistas funcionalistas procuram, em suas pesquisas, determinar a causa das variações intralingüísticas e também apresentar a funcionalidade das estruturas sintáticas na língua. Isso vem ao encontro da lingüística cognitiva, que assumiu pressupostos contrários ao formalismo, inclinándose para o funcionalismo, ao admitir que as palavras e as frases assumem seus significados no contexto, e isso implica a noção de que a conceptualização é decorrente de padrões culturais:

A linguagem é parte integrante da cognição, fundamenta-se em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceitualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural (Silva, 2004, p.2).

1.1. O Processo de *Metaforização*

Metaforização é o resultado de um processo que tem como principal meta a solução de um problema, isto é, precisam-se encontrar meios para falar de coisas menos concretas, menos imediatas, menos visíveis e menos tocáveis (Heine et al, 1991). Para atender a essas necessidades de categorização, o sujeito emprega construções metafóricas em seu discurso.

Todavia, percebe-se a metáfora como algo inserido no cotidiano, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Em vista disso, pode-se inferir que o sistema conceptual que possuímos é metafórico por natureza.

Alguns enfoques funcionalistas mais recentes como Lakoff & Johnson (1999, 2002) e Heine et al. (1991) apelam para ingredientes psicológicos a fim de explicar a produção lingüística, postulando que o falante a reveste de um caráter subjetivo e metafórico que a torna única.

A construção metafórica é uma operação cognitiva, constituída no pensamento e realizada por meio da linguagem, que, muitas vezes surge para dar conta de um “vazio semântico” na interação comunicativa, conforme enunciado por Marcuschi (2000):

Expressões metafóricas sugerem aspectos que as palavras em seu significado literal não podem apresentar - A metáfora não é constituída no respeito à realidade, como acontece, por exemplo, com as operações da linguagem denotativa. Não é, portanto, uma operação lógica, mas recorre essencialmente a uma espécie de intuição pré-lógica. (...) É a metáfora que funda a comparação e não o contrário. (p.5)

Muitas das expressões metafóricas empregadas no discurso cotidiano não são mais vistas como recurso metafórico, isto é, gramaticalizaram-se a partir do uso recorrente proferido pelos falantes. O emprego de metáforas atende a questões de uso, algo assim como um ato de fala, uma questão de pragmática da fala.

Em se tratando de discurso político, a função persuasiva é a de maior proeminência. De acordo com a audiência, os políticos fazem uma adequação entre mensagem e público-alvo, e para lançar mão de construções metafóricas, resgatam as informações prévias contidas em seus registros de vida.

2. Metodologia

A escolha do *corpus* recaiu sobre os discursos de FHC e Lula por considerá-los em posição extrema: sociólogo e intelectual; torneiro mecânico e de poucas letras. Esse distanciamento sociocultural incita a uma investigação mais abrangente e vem ratificar a hipótese deste trabalho de a utilização de construções metafóricas estar relacionada a questões sociais, culturais e cognitivas de cada indivíduo.

Recorreu-se à mídia digital, mais precisamente aos *sites* da Secretaria de Imprensa e Porta-Voz da Presidência da República¹, da RADIOBRAS² e do Instituto Fernando Henrique Cardoso³ na coletânea do *corpus* analisado.

Três discursos de FHC e três de Lula foram selecionados, contudo, nessa seleção, adotou-se, também, dois tipos de eventos: os dois primeiros inseridos em inaugurações e o último, o do dia da posse do primeiro mandato de cada um. Acredita-se que, assim, pode-se conferir com maior fidedignidade o comportamento discursivo de ambos por estarem na mesma situação comunicativa.

Para melhor elucidar a análise do *corpus*, serão disponibilizados os fragmentos utilizados, com destaque para os trechos que contêm a construção metafórica. Percebe-se a necessidade de observar todo o contexto que circunda a metáfora, pois isso norteia a análise e propicia uma conclusão mais eficaz.

3. Análise do Corpus

As metáforas encontradas nos discursos de FHC e Lula constituem-se em construções peculiares, ou seja, possuem especificidades em conformidade com o contexto em que se inserem. FHC, ao empregar expressões metafóricas, procura contextualizá-las em relação ao evento comunicativo em que se encontra. Lula, por sua vez, utiliza-as sem se ater a uma compatibilidade entre as metáforas empregadas e aos eventos enunciativos em questão, como as famosas comparações com o futebol em seus discursos de improviso. Isto não o minimiza, apenas é uma estratégia argumentativa diferente, uma tentativa de se aproximar da população. São as chamadas metáforas emergentes apresentadas por Heine et al (1991).

1. <http://www.info.planalto.gov.br/>

2. http://www.radiobras.gov.br/integras/01/listint_0501.htm

3. <http://www.ifhc.org.br>

Para elucidar o jogo metafórico empreendido por ambos, proceder-se-á uma análise comparativa, isto é, análise dos ambientes enunciativos semelhantes, a saber:

3.1. Metáforas nos Discursos de FHC

O primeiro discurso a ser analisado será o que foi realizado em 19 de outubro de 2001, durante a inauguração do Aeroporto Internacional Salgado Filho (Porto Alegre/RS). O ex-presidente, assim como todo político, precisa valer-se dos momentos em que está em público e demonstrar como vem governando o país, taxas e índices, como se fosse uma prestação de contas à sociedade. Com criatividade, construiu metáforas condizentes com a cena enunciativa, atribuindo semelhança entre o desenvolvimento do Brasil e a movimentação de um aeroporto, como podem elucidar os fragmentos a seguir:

- (1) No passado, se discutia muito, nos anos 60 – quando eu podia me dedicar com mais afinco às questões teóricas – a questão do chamado **“take off”**, da decolagem da economia brasileira. **Hoje, já entramos em vôo.** E é apropriado dizer isso no aeroporto. Há gargalos, há dificuldades – tantas, meu Deus! **Mas o Brasil decolou. Decolou e tem uma turbina forte, de boa qualidade, que é a força da nossa economia, das nossas empresas, do nosso trabalhador e das nossas universidades.** É isso que faz o mundo avançar. É um Governo que tem rumo, empresas, trabalhadores, Universidades, democracia. É o que faz uma nação se constituir.

Comentários

O próprio Fernando Henrique reconhece a premência da utilização dos recursos metafóricos da relação **Brasil/aeroporto** – “e é apropriado dizer isso no aeroporto”. Recorre aos conhecimentos prévios da língua inglesa e apropria-se de um *phrasal verb* – “take off”⁴ – para referir-se ao avanço da economia brasileira. Em seguida, emprega o verbo decolar em sentido metafórico, mantendo a extensão de sentido entre **Brasil/aeroporto**, o que demonstra que o recurso metafórico é acionado no processo de interação, atendendo às necessidades comunicativas do falante. Contudo, muitas vezes, o emprego de determinadas construções proferidas por FHC tornava o entendimento do seu discurso muito restrito, haja vista a maior parte da população não ter acesso a, nesse caso específico, conhecimentos de língua inglesa.

Os fragmentos a seguir ratificam a metaforização como um processo pragmático:

- (2) **Temos um rumo traçado. Conhecemos os instrumentos de navegação.** Temos uma democracia sólida, que já demonstrou **que é capaz de atravessar turbulências;**
- (3) **Sabendo que as turbulências do mundo estão aí,** mas nós temos um povo formidável, uma nação coesa e seremos capazes de enfrentar as dificuldades sem perder o rumo;
- (4) Temos que, agora, diante dos desafios que estão postos, trabalhar por essa ordem mais fraterna, que é a única capaz de permitir que o Brasil dê saltos ainda maiores daqueles que, **com as nossas turbinas próprias,** estamos dando. Quem sabe, **com um combustível,** uma vontade universal de maior prosperidade e maior paz, nós podemos, mais depressa, terminar aquilo que nós queremos terminar, que é com a injustiça e com a exclusão social.

4. “Take off” significa decolar.

Comentários

O ex-presidente constrói metáforas criativas, isto é, são inéditas e fundadas nas necessidades emergenciais do falante; porém, apesar disso, são de fácil inferenciação por parte dos receptores por estes as relacionarem ao contexto. Não só a fim de aproveitar o contexto, mas também para demonstrar a evolução econômica e social do Brasil, FHC associa a estrutura da aviação, que denota grandiosidade, à prosperidade brasileira.

O segundo discurso aconteceu durante a cerimônia de inauguração dos sistemas de transmissão de energia elétrica do Nordeste (Recife, PE, 23/6/2000). Neste, FHC emprega a metáfora da construção, o que vem demonstrar uma peculiaridade nos discursos de Fernando Henrique Cardoso, a elaboração de metáforas a partir do contexto em que estão inseridas:

- (5) **Estamos construindo um novo Brasil. Construir o novo é sempre difícil. Nem sempre se compreende, é duro, porque é preciso colocar os alicerces e, muitas vezes, não se viu ainda a casa pronta e se desconfia de que a casa não vai ficar boa ou que talvez nunca termine. Mas estamos construindo um novo Brasil.** E em matéria de energia isso é visível.

Comentários

A metáfora da construção é regularmente usada para edificar a solidez de um evento. Na cerimônia de inauguração, havia a presença de muitos profissionais, dentre eles, os engenheiros que participaram das obras do sistema de transmissão de energia elétrica do Nordeste. Certo de que seria bem compreendido por aquele público em especial, abordou a elaboração de um novo Brasil alicerçado na metáfora da construção.

No discurso de posse do primeiro mandato, dentre os analisados, percebeu-se a maior rede metafórica empreendida por FHC em seus discursos. Para esclarecer sua plataforma de governo, empregou expressões de uso recorrente no cotidiano, isto é, de amplo domínio lingüístico por parte da população brasileira, uma vez que tinha consciência que o discurso de posse estaria sendo ouvido por milhões de brasileiros, e todos interessados em saber as mudanças que viriam com o novo governo. Destacaram-se os seguintes trechos:

- (6) **viramos a página** do autoritarismo que, com nomes e formas diferentes, desvirtuou nossa República desde a sua fundação.
- (7) Quando muitos duvidaram se seríamos capazes de **colocar nossa própria casa em ordem, nós começamos a arrumá-la nestes dois anos.**
- (8) Vamos fazer desse sentimento a mola de grande mutirão nacional, unindo o governo e comunidade **para varrer do mapa do Brasil** a fome e a miséria.
- (9) Vai ser preciso **mexer em muitos vespeiros** para completar a faxina e fazer as reformas estruturais necessárias para dar eficiência ao serviço público.
- (10) Numa fase de transformações radicais, marcada pela redefinição das regras de convivência política e econômica entre os países, não podemos, por mero saudosismo, **dar as costas** aos rumos da História. Temos, sim, que estar atentos a eles para influenciar o desenho da nova ordem.

Seguindo as bases metafóricas do discurso de FHC, e levando-se em conta a sua formação acadêmica, registraram-se passagens em que explicita sua bagagem cultural, o que vem ratificar estar a construção metafórica relacionada ao conhecimento de mundo do enunciador:

- (11) **Vem de longe a chama deste sonho.** Vem dos heróis da Independência. Vem dos abolicionistas. Vem dos “tenentes” revolucionários da Velha República.
- (12) Ao lado da informação e do divertimento, vamos engajar nossas TV numa verdadeira **cruzada nacional**⁵ pelo resgate da cidadania através do ensino, começando por uma intensa ação de alfabetização e formação cultural.

Observou-se, ainda, o emprego de construções em sentido figurado a partir de associações não comuns no discurso cotidiano, denominadas como metáforas criativas, isto é, fundamentadas na necessidade emergencial do falante em apresentar novos significados na transmissão da mensagem:

- (13) Para os estudantes que jogavam, como eu, todo o seu entusiasmo nessas lutas, **petróleo e industrialização eram o bilhete de passagem** para o mundo moderno do pós-guerra. Asseguravam um lugar para o Brasil **no carro do progresso tecnológico, que acelerava e ameaçava nos deixar na poeira.**
- (14) Aqui dentro, nossa **economia é como uma planta sadia depois da longa estiagem. As raízes - as pessoas e empresas que produzem riqueza resistiram aos rigores da estagnação e da inflação.** Sobreviveram. Saíram fortes da provação.
- (15) **A identidade cultural toma-se o cimento das nações.**
- (16) As CPI do Congresso e as providências enérgicas tomadas pelo governo Itamar Franco **começaram a limpeza desses parasitas nos últimos dois anos.**
- (17) Vamos fazer da solidariedade **o fermento da nossa cidadania** em busca da igualdade.

Comentário

No item (13), confirma-se uma das características de FHC na construção de sua rede metafórica, a total relação entre metáfora e contexto. Ao abordar a situação econômica do Brasil no pós-guerra, citando “petróleo” e “industrialização”, utiliza um léxico restrito a esses campos econômicos: “bilhete de passagem”, “carro”, “acelerava”; e a expressão “deixar na poeira”.

Em (14), apropria-se da metáfora da planta para fortalecer a solidez da economia brasileira, mesmo após a inflação, mostrando como foi importante a sua participação na estabilidade da moeda brasileira.

Finalizando, os três últimos itens parecem deter uma força argumentativa maior devido à carga semântica destas três palavras: “cimento”, “parasita” e “fermento”. Fernando Henrique, ao empregá-las, procura atrair a atenção para a defesa da identidade cultural; mostrar que o Governo Federal está e vai continuar se mobilizando em prol da moralidade no Congresso Nacional; e, em acórdância com sua formação em Sociologia, voltar-se para questões que edifiquem a construção de um cidadão.

3.2. Metáforas nos Discursos de Lula

A investigação em ambos os discursos procurou analisar eventos discursivos aproximados. A primeira análise do discurso do presidente Lula também foi na inauguração de um aeroporto, o da cidade de Cabo Frio, RJ, em 28 de setembro de 2007, em que empregou metáforas convencionais:

5. Movimento religioso da Idade Média.

- (18) [...] para que o Rio de Janeiro recuperasse o prestígio e deixasse de sair nas páginas dos jornais apenas pela violência, pelo crime organizado e pelo narcotráfico, **que era importante mudar a cara do Rio de Janeiro;**
- (19) Vejam vocês: há pouco tempo teve a crise da Rússia e quando teve a crise da Rússia, o **Brasil quebrou;**
- (20) Quando o trabalhador é sério, ele se senta com a mulher antes do Natal, ou a mulher que trabalha se senta com o marido e com a família antes do Natal, e não gasta tudo, não. **Tem gente, como os que governaram antes de nós, que gasta tudo antes do Natal;**
- (21) Chega no mês de janeiro, quando a gente recebe o pagamento, **aí o pagamento de janeiro vem salgado de descontos;** então, o que a gente faz? **A gente guarda dinheiro para que a gente não atravesse o mês de janeiro quebrado.**

Comentário

De modo geral, os políticos, em seus discursos, principalmente os de improviso, ancoram-se na função persuasiva das metáforas, buscando, provavelmente, a simpatia e a credibilidade do povo. Nos itens (18) e (21), há o registro de expressões de uso cotidiano da massa – “mudar a cara” e “salgado de descontos”. São metáforas convencionais que se encontram inseridas no cotidiano das pessoas e, portanto, de fácil compreensão.

Volta-se uma atenção especial ao item (19), “O Brasil quebrou”. O verbo quebrar além de estar sendo empregado em sentido figurado, o que caracteriza a metáfora, representa uma construção inacusativa, ou seja, recupera para a posição de sujeito o que, na verdade, seria o complemento do verbo.

A construção inacusativa muitas vezes é uma estratégia que o enunciador se vale para ocultar a verdadeira face do agente do evento, como no item (19) em que o presidente Lula apenas informa a quebra do Brasil, escamoteando o agente, desnecessário informar quem realizou a ação por estar inferido contextualmente – a crise na Rússia e seus efeitos na economia mundial.

No item (20), faz uma descrição do dia-a-dia de um casal contabilizando suas parcas finanças, dizendo que o casal sabe priorizar as necessidades. Essa estratégia argumentativa procura a aproximação do povo, porque há uma tendência a que se veja refletido naquela imagem, como em um espelho, tornando mais fácil a aceitação do discurso do presidente em dizer que os outros governos foram inseqüentes e colocaram a economia brasileira em risco, porque, relacionando à economia doméstica, o povo consegue entender melhor a imagem criada por Lula.

A segunda análise ocorreu na cerimônia de inauguração da Indústria de Sucos da Cocamar, em Maringá, PR, em 12 de abril de 2003. Esse discurso traz a mais empregada das construções metafóricas de Lula – o futebol. Tudo indica ser uma estratégia argumentativa de aproximação com o universo cultural do povo, por ser de senso comum que é o esporte de maior proeminência no Brasil e que projeta o país para o mundo. Porém, essa estratégia custou ao presidente Lula muitas críticas, que muitos evidenciaram como um discurso repleto de abusos semânticos, haja vista, por exemplo, a reportagem na **Folha de São Paulo** (06.7.2003), em que o professor de Filosofia da USP, Paulo Arantes, considerou a linguagem do presidente Lula execrável, na medida em que, ao seu ver, ele tenta “congelar a opinião pública pela imbecilização”.

Confrontando com o pesquisado no discurso de FHC, em que este proporciona a contextualização metafórica, isto é, constrói metáforas em que surgem elementos lexicais que

remetem ao evento enunciativo em questão, embora também tenha sido criticado pela mídia em relação ao seu discurso “opaco semanticamente”, “repleto de economês” e “rebuscado”, as metáforas de FHC não eram criticadas por serem metáforas, mas por serem difíceis. Ao discursar na inauguração do sistema de transmissão de energia elétrica do nordeste, no mesmo tipo de evento – inauguração – Lula não se atém a aproximar as metáforas empregadas ao tipo de evento em que estava proferindo o discurso:

- (22) Meu caro Roberto Rodrigues e meu caro Furlan, vocês dois sabem das suas tarefas. Vocês dois sabem, porque, quando foram escolhidos ministros, **agi como um técnico que dá orientação para os seus jogadores**. Eu falei para os dois: olhem o papel de vocês, são dois profissionais de mais alta competência, um do lado da agricultura e outro da indústria, são dois especialistas em exportação, os dois conhecem o mundo como ninguém, têm relações internacionais como ninguém. (...)

Emprega a metáfora do futebol sem que isso tenha alguma relação com o evento comunicativo – inauguração de uma indústria de suco. Tenta mostrar que a sua escolha ministerial foi realizada com atenção às características profissionais de cada ministro, tal qual os jogadores de futebol são destinados a determinadas posições no esquema tático devido às habilidades inerentes a cada um, porém nada disso tem relação com a inauguração de uma indústria de suco.

O terceiro discurso a ser investigado foi o do dia de sua posse do 1º mandato em **01 de janeiro de 2003**. Assim como FHC, Lula também recorre a um variado número de metáforas para reforçar sua plataforma de governo e saudar o povo brasileiro. Eis as de maior destaque:

- (23) O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. **Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos**, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um planejamento de fato estratégico.
- (24) Teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que **ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores**. Mas começaremos a mudar já, pois como diz a sabedoria popular, uma longa caminhada começa pelos primeiros passos.
- (25) **Para avançar nessa direção, além de travar combate implacável à inflação**, precisaremos exportar mais, agregando valor aos nossos produtos e atuando, com energia e criatividade, nos solos internacionais do comércio globalizado.
- (26) De modo que o Brasil supere a estagnação atual e **volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social**.
- (27) Além do apoio da imensa maioria das organizações e dos movimentos sociais, contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras que querem participar dessa **cruzada** pela retomada pelo crescimento contra a fome, o desemprego e a desigualdade social.

Comentário

Aporta seu discurso em uma figura imagística do desenvolvimento do Brasil, como se fosse o personagem que viera para salvaguardar os interesses do Brasil. Isto se realiza a partir do léxico utilizado, concernente à aventura e ao conflito, como encontrado nos itens (23), (25), (26) e (27), este último também foi empregado por FHC. Em ambas as situações representa a busca indômita pela sobrevivência, condizendo com um discurso de posse, em que o enunciador deve conferir ao

povo a idéia de que não se equivocaram em sua escolha, colocando-se como aquele que salvaguardará a pátria.

Para finalizar, o item (24) mantém a idéia de “caminhada para a prosperidade”, mas Lula emprega a metáfora, emergente, da árvore para minimizar as cobranças que lhes são feitas, dizendo que é preciso esperar um certo tempo para começar a aparecer os resultados do seu trabalho, nada pode ser imediato, assim como não o é na natureza.

Considerações Finais

A linguagem da política é plurissignificativa, uma interface de todas as esferas sociais, ajustando-se a diferentes fins e propósitos e revestindo-se dos seguintes objetivos: destacar o favorável e amenizar o desfavorável; atribuir valor positivo a seus pares e desvalorizar a oposição; convencer, persuadir e, às vezes, manipular a comunidade. Na análise aqui empreendida foi de muita valia o breve histórico político de FHC e Lula, pois é necessário observar quem fala, o lugar de onde fala, para quem fala, o que se quer atingir e qual o teor ideológico embutido nas palavras.

As metáforas do Lula são reconstruções cognitivas com base em significados familiares ao imaginário popular, facilitando a compreensão por parte do povo. Heine et al (1991) denominou de metáforas **emergentes**, isto é, estão inseridas no discurso sociointerativo o que proporciona a facilidade de entendimento. As utilizadas por FHC, assim como as de Lula, atêm-se ao seu conhecimento de mundo, contudo enuncia algumas metáforas que são categorizadas por Heine et al (1991) como **criativas**, e isso muitas vezes ocasiona um ruído na comunicação, pois esse tipo de metáfora demanda alto teor cognitivo, é preciso que o receptor realize inferências, o que, dependendo da audiência, torna-se inviável.

A metáfora é um mecanismo da linguagem que se reveste de caráter heurístico, processo este tendente a encaminhar o falante a descobrir, por si mesmo a verdade inscrita no e constituída pelo discurso, permitindo, por conseguinte, que se entenda algo em termos de outro. Funciona, também, como um veículo de transmissão de ideologias específicas que o receptor interpreta em contextos socioculturais concretos e determinados.

Referências

DUBOIS, J. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GIVÓN, T. **Syntax and semantics: discourse and syntax**, Vol 12. New York: Academic Press, 1979.

HEINE, B. et al. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. The embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

_____. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras. São Paulo: Educ, 2002.

MARCUSCHI, L.A. **A propósito da metáfora**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000. Mimeografado.

MARTELOTTA, M.E. A mudança lingüística. In MARTELOTTA, M.R.; OLIVEIRA, M.R. & CUNHA, M.A.F. **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, editora 2003.

NARO, A. & VOTRE, S. **Mecanismos funcionais do uso da língua**. Vol.5, n.2 São Paulo: D.E.L.T.A., 1986.

SILVA, A.S. Linguagem, cultura e cognição, ou a lingüística cognitiva. In SILVA, A.S., TORRES, A. & GONÇALVES, M. (orgs.), **Linguagem, cultura e cognição: Estudos de lingüística cognitiva**. Vol. I. Coimbra:Almedina, 2004.

Anexos

Íntegras



Discurso do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na Inauguração do Aeroporto Internacional Salgado Filho – Porto Alegre/RS

Meu caro Governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra,
 Senhora Olívio Dutra,
 Senhores Ministros de Estado,
 Senhor Presidente do Tribunal de Justiça,
 Senhoras e senhores Parlamentares,
 Senhor Prefeito de Porto Alegre,
 Senhor Presidente da Infraero,
 Senhores Comandantes da Marinha, da Aeronáutica, do Exército,
 Senhor Arcebispo de Porto Alegre,
 Autoridades Estaduais, Municipais,
 Funcionários da Infraero,
 Senhoras e senhores,

É significativo que estejamos, hoje, aqui, inaugurando este aeroporto, no dia 19 de outubro, que marca a passagem de um século, desde o vôo histórico de Santos Dumont, em um balão dirigível. Isto foi – e é, sem dúvida – uma data marcante na história da aviação. O grande feito de Santos Dumont, em 19 de outubro, foi conseguir que um balão voasse de forma governável, e foi chamado de dirigível. O que ele fez foi, portanto, acrescentar à idéia de voar, a idéia de rumo. E Santos Dumont, todos sabemos, foi um grande brasileiro, que deu uma contribuição não apenas ao Brasil, mas à Humanidade e ao progresso da tecnologia. (...)

“No passado, se discutia muito, nos anos 60 – quando eu podia me dedicar com mais afinco às questões teóricas – a questão do chamado “take off”, da decolagem da economia brasileira. **Hoje, já entramos em vôo.** E é apropriado dizer isso no aeroporto. Há gargalos, há dificuldades – tantas, meu Deus! **Mas o Brasil decolou. Decolou e tem uma turbina forte, de boa qualidade, que é a força da nossa economia, das nossas empresas, do nosso trabalhador e das nossas universidades.** É isso que faz o mundo avançar. É um Governo que tem rumo, empresas, trabalhadores, Universidades, democracia. É o que faz uma nação se constituir.” (...)

“**Temos um rumo traçado. Conhecemos os instrumentos de navegação.** Temos uma democracia sólida, que já demonstrou **que é capaz de atravessar turbulências.** E democracia é isso. Ela permite que se determine o rumo sem imposição autoritária, sem um “diktat”, mas através do diálogo, da persuasão e pelo respaldo do voto de um povo livre.” (...)

“É, portanto, simbólico que no dia 19 de outubro, dia de Santos Dumont, inauguremos, nesta cidade, este aeroporto, com este espírito de parceria, com esta vontade de continuar num rumo melhor para o Brasil. E, também, **sabendo que as turbulências do mundo estão aí,** mas nós temos um povo formidável, uma nação coesa e seremos capazes de enfrentar as dificuldades sem perder o rumo.” (...)

“Mas a paz depende de mais justiça, mais igualdade, melhor distribuição de poder no mundo. Precisa de uma ordem mais fraterna. Temos que, agora, diante dos desafios que estão postos, trabalhar por essa ordem mais fraterna, que é a única capaz de permitir que o Brasil dê saltos ainda maiores daqueles que, **com as nossas turbinas próprias,** estamos dando. Quem sabe, com **um combustível,** uma vontade universal de maior prosperidade e maior paz, nós podemos, mais depressa, terminar aquilo que nós queremos terminar, que é com a injustiça e com a exclusão social.” (...)

Terei a oportunidade, espero, nos próximos dias, de uma maneira clara, falar com as pessoas que têm e detêm muito maior poder do que eu pelo mundo afora. Mas o farei com esse mesmo propósito, que foi mencionado pelo Governador Olívio Dutra: dizer que temos horror ao terrorismo e queremos a paz. Mas a paz depende de mais justiça, mais igualdade, melhor distribuição de poder no mundo. Precisa de uma ordem mais fraterna. Temos que, agora, diante dos desafios que estão postos, trabalhar por essa ordem mais fraterna, que é a única capaz de permitir que o Brasil dê saltos ainda maiores daqueles que, com as nossas turbinas próprias, estamos dando. Quem sabe, com um combustível, uma vontade universal de maior prosperidade e maior paz, nós podemos, mais depressa, terminar aquilo que nós queremos terminar, que é com a injustiça e com a exclusão social.

Muito obrigado. Hoje, para mim, foi uma manhã de grande alegria por estar aqui.

Discurso do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na cerimônia de inauguração dos sistemas de transmissão de energia elétrica do Nordeste - Recife/PE

Senhor vice-presidente da República, meu companheiro Marco Maciel,
Meu caro amigo Jarbas Vasconcelos, governador de Pernambuco,
Senhor ministro de Estado de Minas e Energia, Rodolpho Tourinho,
Senhores ministros de Estado que aqui se encontram,
Senhor vice-governador de Pernambuco, José Mendonça,
Senhores governadores,
Senhores parlamentares,
Senhor Roberto Magalhães, prefeito de Recife,
Senhor Firmino Sampaio, que é nosso presidente da Eletrobrás,
Senhor Mozart de Siqueira Campos, grande presidente da Chesf,
Senhores funcionários da CHESF,
Senhoras e senhores,
Senhores gerais que me acompanham, que nos dão a honra da companhia,
Altas autoridades aqui presentes,

Eu, ao ver, ao rever palavras que disse, há algum tempo atrás, lá em Xingó, que a gentileza do presidente da Chesf fez de reproduzir aqui, confesso que me emocionei, porque uma das alegrias que tenho, neste governo - nem sempre a gente tem alegrias em governos - é o fato de que estamos cumprindo o que dissemos que faríamos. Das turbinas que hoje geram a energia da Chesf, todas, menos uma, foram feitas durante o meu primeiro mandato e meu segundo mandato. Todas.

(...)

“As forças locais do governo ou de oposição. E os governadores de oposição que estão aqui sabem que é assim. Porque estamos construindo um novo Brasil. Construir o novo é sempre difícil. Nem sempre se compreende, é duro, porque é preciso colocar os alicerces e, muitas vezes, não se viu ainda a casa pronta e se desconfia de que a casa não vai ficar boa ou que talvez nunca termine. Mas estamos construindo um novo Brasil. E em matéria de energia isso é visível.”

(...)

Assistimos hoje parte da solução dos problemas, não do Nordeste, do Brasil. Porque ao interligarmos isso tudo e ao interligamos, como já fizemos, o sistema Norte-Sul, nós estamos possibilitando que, quando haja falta de energia num ponto do país, também o Nordeste possa acudir este ponto do país. E quando, ao contrário, houver falta aqui, o resto do Brasil poderá acudir o Nordeste. É esse Brasil solidário que não pode mais deixar que o Nordeste seja pensado como algo diferente do resto do Brasil. Não. Não é diferente. Não são agências específicas para o Nordeste. É por causa do Brasil, pelo interesse do Brasil que precisamos de um Nordeste cada vez mais forte, mais prospero, mais honesto, mais dirigido por gente competente e não demagoga, gente séria, pensando sempre no futuro do Brasil. Eu confio da CHESF, eu confio do Nordeste, eu confio no futuro do Brasil.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Governo Fernando Henrique Cardoso

Brasília - 1995

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Secretaria de Comunicação Social

Subsecretaria de Imprensa e Divulgação

Discurso de Posse do

Presidente da República

Fernando Henrique Cardoso

no Congresso Nacional

Brasília, 1 de janeiro de 1995

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional;

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República;

Excelentíssimos Senhores Chefes de Estado e de Governo estrangeiros;

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara dos Deputados;

Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal;

Excelentíssimos Senhores Chefes das Missões Especiais estrangeiras;

Excelentíssimos Senhores integrantes da Mesa;

Excelentíssimos Senhores Senadores,

Excelentíssimos Senhores Deputados,

Altas Autoridades da República,

Senhoras e Senhores,

Venho somar minha esperança à esperança de todos neste dia de conagração.

Permitam que, antes do Presidente, fale aqui o cidadão que fez da esperança uma obsessão, como tantos brasileiros.

Pertenço a uma geração que cresceu embalada pelo sonho de um Brasil que fosse ao mesmo tempo democrático, desenvolvido, livre e justo.

(...)

“Pacíficamente, com tranqüilidade, apesar das mágoas e cicatrizes que ficam como um símbolo para que novas situações de violência não se repitam, **vivamos a página do autoritarismo** que, com nomes e formas diferentes, desvirtuou nossa República desde a sua fundação.”

(...)

“Mais importante: hoje nós sabemos o que o governo tem que fazer para sustentar o crescimento da economia. E vamos fazer. Aliás, já estamos fazendo.

Quando muitos duvidaram se seríamos capazes de **colocar nossa própria casa em ordem, nós começamos a arrumá-la nestes dois anos**”

(...)

“Nós, brasileiros, somos um povo solidário.

Vamos fazer desse sentimento a mola de grande mutirão nacional, unindo o governo e comunidade para **varrer do mapa** do Brasil a fome e a miséria.”

(...)

“As CPI’s do Congresso e as providências enérgicas tomadas pelo governo Itamar Franco começaram a **limpeza desses parasitas** nos últimos dois anos.

Vai ser preciso **mexer em muitos vespeiros** para completar a faxina e fazer as reformas estruturais necessárias para dar eficiência ao serviço público.

Isso não me assusta.”

(...)

“Pertenço a uma geração que cresceu embalada pelo sonho de um Brasil que fosse ao mesmo tempo democrático, desenvolvido, livre e justo.

Vem de longe a chama deste sonho. Vem dos heróis da Independência. Vem dos abolicionistas. Vem dos “tenentes” revolucionários da Velha República.”

(...)

“Para exercermos na plenitude nosso mandato de acabar com a miséria, é preciso também acabar com a miséria espiritual. Que os meios modernos de comunicação nos ajudem nessa tarefa.

Ao lado da informação e do divertimento, vamos engajar nossas TV's numa verdadeira **cruzada nacional** pelo resgate da cidadania através do ensino, começando por uma intensa ação de alfabetização e formação cultural.” (...)

“Para os estudantes que jogavam, como eu, todo o seu entusiasmo nessas lutas, petróleo e industrialização **eram o bilhete de passagem para o mundo moderno do pós-guerra. Asseguravam um lugar para o Brasil no carro do progresso tecnológico, que acelerava e ameaçava nos deixar na poeira.**” (...)

“Aqui dentro, nossa **economia é como uma planta sadia depois da longa estiagem.** As raízes - as pessoas e empresas que produzem riqueza resistiram aos rigores da estagnação e da inflação. Sobreviveram. Saíram fortes da provação.” (...)

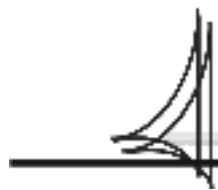
“À sua gente e à sua cultura. Num mundo em que a comunicação é global e instantânea, e ao mesmo tempo os públicos se fragmentam e especializam-se, **a identidade cultural toma-se o cimento das nações.**” (...)

“Aos grupos indígenas, alguns deles testemunhas vivas da arqueologia humana, e todos testemunhas da nossa diversidade. Vamos fazer da solidariedade **o fermento da nossa cidadania** em busca da igualdade.”

A todos os cidadãos e cidadãs deste nosso Brasil, aos quais peço, mais uma vez, muita fé, muita esperança, muita confiança, muito amor, muito trabalho.

Eu os convoco para mudar o Brasil.

Muito obrigado.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Aeroporto Internacional de Cabo Frio

Cabo Frio-RJ, 28 de setembro de 2007

Primeiro, quero cumprimentar o meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro, Cumprimentar o nosso vice-governador, o nosso companheiro Pezão, Cumprimentar o Jorge Picciani, presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, Cumprimentar o senador Paulo Duque, os deputados Edson Santos, Bernardo Ariston, Chico D' Angelo e o dr. Paulo César, Cumprimentar o nosso companheiro Marquinhos Mendes, prefeito de Cabo Frio, Cumprimentar o Sérgio Gaudenzi, presidente da Infraero, Cumprimentar os empresários Murilo Junqueira, presidente da Costa do Sol Operadora Aeroportuária, Cumprimentar o Francisco Pinto, presidente do Conselho de Administração da Costa do Sol Operadora Aeroportuária, Cumprimentar os secretários de estado, a secretária do governador Sérgio Cabral, Os secretários da prefeitura, Os vereadores,

E dizer para vocês, meus queridos companheiros de Cabo Frio, quando eu ainda estava disputando a campanha e fiz a primeira reunião com o governador Sérgio Cabral, eu disse uma coisa, no primeiro comício que fizemos juntos, que Sérgio Cabral e eu poderíamos, se quiséssemos, fazer a maior parceria já feita entre um governo de estado e um presidente da República, para que o Rio de Janeiro recuperasse o prestígio e deixasse de sair nas páginas dos jornais apenas pela violência, pelo crime organizado e pelo narcotráfico, que era importante **mudar a cara do Rio de Janeiro.**

(...)

“Vejam vocês: há pouco tempo teve a crise da Rússia e quando teve a crise da Rússia, **o Brasil quebrou.** Depois, nós tivemos a crise da Malásia e o Brasil, outra vez, **quase quebrou.** Agora, nós estamos tendo uma crise nos Estados Unidos, que é a famosa crise imobiliária.”

(...)

“Tem gente, como os que governaram antes de nós, que gasta tudo antes do Natal. Chega no mês de janeiro, quando a gente recebe o pagamento, **aí o pagamento de janeiro vem salgado de descontos.** Além de a gente ter que pagar tudo que é imposto, eles descontam imposto de renda, descontam um monte de coisas, e a gente recebe nada. Então, o que a gente faz? **A gente guarda dinheiro para que a gente não atravesse o mês de janeiro quebrado.** Quem vive de salário sabe disso.”

(...)

E eu só posso terminar, Marquinhos, desejando a você, desejando ao povo de Cabo Frio, toda a sorte do mundo. Olhe, eu recebi hoje os documentos da fábrica Álcalis, apenas hoje eu recebi os documentos que os companheiros do sindicato me entregaram. Eu vou dar uma estudada direitinho. Na segunda-feira, eu vou estar no Rio de Janeiro outra vez com o Sérgio Cabral, nós vamos fazer aqui também algumas coisas importantes no Rio de Janeiro. E eu quero dizer para vocês que eu vou estudar com muito carinho o que a gente pode fazer para recuperar essa empresa do nosso País.

Companheiros, muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.



Presidência da República

Secretaria de Imprensa e Divulgação

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Indústria de Sucos da Cocamar

Maringá – PR, 12 de abril de 2003

Meu caro governador do estado do Paraná, Roberto Requião, e sua esposa, Maristela Requião,
Meu caro Luiz Lourenço, presidente da Cocamar,
Meu companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,
Meu companheiro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,
Meu companheiro Francisco Graziano, ministro de Estado Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à

Fome,

Meu caro Orlando Pessuti, vice-governador do estado do Paraná,
Senhoras e senhores deputados e deputadas federais,
Deputados e deputadas estaduais,

Meu querido prefeito José Cláudio, fico feliz em vê-lo recuperado, porque tive a oportunidade de visitá-lo no leito hospitalar. Pela qualidade e quantidade de tempo que você falou, significa que já está recuperado para novas empreitadas, o que é bom sinal.

Demais prefeitos da região,
Senhor José Ivo Caleffi, vice-prefeito de Maringá,
Vereadores,

Funcionários cooperados e funcionários da Cocamar e companheiros cooperados do estado do Paraná,
Meus amigos e minhas amigas,

Quero, primeiro, agradecer à Direção da Cocamar pela gentileza e pelo respeito que tiveram comigo no ano passado. Eu era candidato à Presidência da República e queria conhecer o funcionamento de uma cooperativa. Indicaram-me que eu deveria visitar a Cocamar. A minha assessoria entrou em contato com a Direção da Cocamar que, de imediato, aceitou que eu viesse aqui. Passei um dia na Cocamar. Isso, no mês de julho, se não me falha a memória. Em setembro, outra vez nos encontramos, entramos em contato com a Direção da Cocamar para gravar, aqui dentro, um programa de televisão que iria ao ar como peça de campanha.

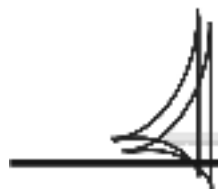
(...)

“Meu caro Roberto Rodrigues e meu caro Furlan, vocês dois sabem das suas tarefas. Vocês dois sabem, porque, quando foram escolhidos ministros, **agi como um técnico que dá a orientação para os seus jogadores**. Eu falei para os dois: olhem o papel de vocês: são dois profissionais da mais alta competência, um do lado da agricultura e outro da indústria, são dois especialistas em exportação, os dois conhecem o mundo como ninguém, têm relações internacionais como ninguém.”

(...)

Mas não é apenas exportar. Eles têm uma outra tarefa heróica para fazer, que é a briga na Organização Mundial do Comércio, para que as barreiras tarifárias dos Estados Unidos e da Europa não impeçam os nossos produtos de chegarem ao exterior como estão chegando hoje. E nós vamos brigar na Organização Mundial do Comércio porque não aceitamos a idéia de que o mercado tem que ser livre, mas, quando chega a hora de o Brasil vender os seus produtos, cada um coloca um obstáculo para dificultar a entrada dos produtos brasileiros. Se o comércio é livre, vai ser livre para todos.

Muito obrigado. E meus parabéns, Luiz Lourenço.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação

Pronunciamento do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional
Brasília – DF, 01 de janeiro de 2003

Excelentíssimo senhores chefes de Estado e de Governo; visitantes e chefes das missões especiais estrangeiras; Excelentíssimo senhor presidente do Congresso Nacional, Senador Ramez Tebet;

Excelentíssimo senhor vice-presidente da República, José Alencar; Excelentíssimo senhor presidente da Câmara dos Deputados, deputado Efraim Morais; Excelentíssimo senhor presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Marco Aurélio Mendes de Faria Mello; Sras. e Srs. ministros e ministras de Estado; Sras. e Srs. parlamentares, senhoras e senhores presentes a este ato de posse,

“Mudança”: esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança, finalmente, venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos. (...)

“O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. **Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos**, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um planejamento, de fato, estratégico.” (...)

“Teremos que manter sob controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para que elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo; teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que **ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores.**” (...)

“**Para avançar nessa direção, além de travar combate implacável à inflação**, precisaremos exportar mais, agregando valor aos nossos produtos e atuando, com energia e criatividade, nos solos internacionais do comércio globalizado.” (...)

“Para repor o Brasil no caminho do crescimento, que gere os postos de trabalho tão necessários, carecemos de um autêntico pacto social pelas mudanças e de uma aliança que entrelace objetivamente o trabalho e o capital produtivo, geradores da riqueza fundamental da Nação, de modo a que o Brasil supere a estagnação atual **e volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social.**” (...)

“Além do apoio da imensa maioria das organizações e dos movimentos sociais, contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras que querem participar dessa **cruzada** pela retomada pelo crescimento contra a fome, o desemprego e a desigualdade social.” (...)

Agradeço a Deus por chegar até aonde cheguei. Sou agora o servidor público número um do meu País. Peço a Deus sabedoria para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para me sentir unido a cada cidadão e cidadã deste País no dia a dia dos próximos quatro anos. Viva o povo brasileiro!



ABSTRATIZAÇÃO METAFÓRICA E EVIDENCIALIDADE NO USO DO PREDICADO VER EM DISCURSOS POLÍTICOS

Izabel Larissa Lucena*

RESUMO

O predicado **ver** é considerado uma marca prototípica da evidencialidade direta, pois a informação veiculada pelo enunciador é caracterizada como obtida pela experiência visual. O presente trabalho visa a analisar casos de abstratização metafórica do predicado **ver** em um corpus constituído por 30 discursos políticos proferidos na Assembléia Legislativa do Ceará, durante o período de 2005-2006. Verificamos que o predicado **ver** é frequentemente utilizado, não como indicador de uma experiência visual, mas como predicado encaixador de um conteúdo proposicional asseverado e, ainda, em um estágio mais avançado de abstratização, assume uma função discursiva.

Palavras-chave: Predicado **ver**, Gramática funcional, Abstratização metafórica, Amostra sincrônica.

ABSTRACT

The predicate “to see” is considered a mark of direct prototypical evidentiality, because the information provided by the enunciator is characterized as obtained by visual experience. This study aims to examine cases of metaphoric abstraction of the predicate “to see” in 30 political speeches delivered in the State Legislative Chamber of Ceará, from 2005 to 2006. The results reveal that the predicate “to see” is often used, not only as an indicator of a visual experience, but as an embedded predicate of a propositional content. It is also evident that at an advanced stage of abstraction, it performs a discursive function.

Keywords: “To see” predicate, Functional grammar, Metaphoric abstraction, Synchronic sample.

* Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará – PPGL/UFC

Introdução

O presente trabalho deve sua realização ao fato de termos verificado, ao desenvolvermos a investigação da expressão da categoria evidencialidade em discursos políticos (LUCENA, 2008), usos em que o predicado **ver** encaixa não uma informação atestada por meio da visão, mas um conteúdo proposicional asseverado, podendo, ainda, em um estágio mais avançado de abstratização metafórica, cumprir restrições pragmáticas e interativas. Objetivamos analisar e apresentar uma trajetória hipotética de abstratização metafórica do predicado **ver** a partir de uma amostra sincrônica.

Para alcançarmos tal objetivo, adotamos uma orientação funcionalista nos estudos da linguagem. Embora possamos destacar a existência de diferentes modelos funcionalistas¹, todos compreendem que o estudo das expressões lingüísticas deve realizar-se dentro de um quadro geral de interação social que prioriza a análise das funções dessas unidades lingüísticas sobre seus aspectos estritamente formais.

1. Pressupostos Teóricos Funcionalismo

No modelo teórico funcionalista, o usuário assume papel central, já que o objetivo da investigação lingüística é explicitar como falantes e ouvintes se comunicam entre si, de modo eficiente, por meio da expressão lingüística (DIK, 1989). Para Dik, a descrição funcionalista da linguagem considera que os usuários de uma língua sejam capazes de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado (capacidade epistêmica); de empregar regras de raciocínio para extrair novos conhecimentos a partir de conhecimentos prévios (capacidade lógica); de perceber o ambiente e dele derivar conhecimento (capacidade perceptual); e de usar a linguagem de acordo com a situação de interação (capacidade social). Essas capacidades não funcionam de modo isolado, mas em conjunto, produzindo, assim, cada uma, um *output* fundamental para a produção e interpretação da linguagem.

Nesta perspectiva funcionalista, a língua é entendida não como um conjunto de expressões lingüísticas arbitrárias que podem ser estudadas fora do contexto de uso, mas como um instrumento de interação social entre os seres humanos, usado com a intenção de estabelecer, primeiramente, interações comunicativas.

O funcionalismo considera, dessa forma, a existência de uma motivação icônica entre forma e função. Em outras palavras, há uma correspondência entre a relação das partes numa estrutura lingüística e a relação das partes na estrutura do que está sendo significado, refletindo, assim, a interdependência entre gramática e cognição. Um exemplo dessa motivação é a relação icônica entre a ordem de orações narrativas e os eventos que elas descrevem (NEVES, 2006).

Outro aspecto importante da orientação funcionalista adotada neste trabalho consiste na proposta de integração dos níveis de análise, ou seja, da existência de uma sistematização entre os

1. A pesquisa de orientação funcionalista pode seguir diferentes modelos teóricos. Segundo Nichols (1984), há o funcionalismo *conservador*, que aponta a inadequação da análise formalista, sem, contudo, propor uma análise funcionalista da estrutura lingüística; existe o *moderado*, que indica as inadequações das propostas estritamente formais e propõe uma análise funcionalista; e o chamado funcionalismo *extremado*, que nega a própria estrutura, considerando as regras das línguas naturais como funções decorrentes do uso ou da pressão do discurso.

domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática. Segundo Dik (1989, 1997), a pragmática é vista como um quadro abrangente no qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas. A semântica é instrumental em relação à pragmática, e a sintaxe, instrumental em relação à semântica.

Embora seja o padrão de adequação pragmática o que apresenta maior peso na teoria, a adequação psicológica também tem importância dentro da concepção funcionalista de linguagem, uma vez que o funcionalismo procura estabelecer uma relação compatível entre descrição gramatical e hipóteses psicológicas fortemente evidentes a respeito do processamento lingüístico, em termos de princípios e estratégias que determinam a maneira como as expressões lingüísticas são percebidas, interpretadas, processadas, armazenadas, recuperadas e produzidas.

2. O Processo de Gramaticalização

O termo gramaticalização reflete a relação entre o sistema lingüístico e o funcionamento do discurso. Esse termo foi usado pela primeira vez na China, no século X, mas foi Meillet ([1912] 1948) que se referiu à gramaticalização como sendo “a passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”. Na década de 1970, Givón (1979) passa a se ocupar desse processo lingüístico, lançando o famoso *slogan* “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, o qual se refere ao fato de que as mudanças lingüísticas se dão do discurso, passando pela sintaxe até chegar à morfologia.

O histórico e as definições mais comuns nos estudos sobre a gramaticalização podem ser, resumidamente, relacionados a três acepções: i) a passagem do léxico para a gramática (definição atribuída a Meillet); a passagem do menos gramatical para o mais gramatical (definição atribuída a Kurilowicz); iii) a passagem de qualquer material lingüístico para o mais gramatical (estudos atuais) (GONÇALVES et al, 2007).

Sendo assim, neste trabalho, assumimos que a gramaticalização consiste em um processo pelo qual um item lexical, ou uma estrutura lexical, passa, em certos contextos, a exercer uma função gramatical ou um item já gramatical passa a exercer uma função ainda mais gramatical (HEINE et al, 1991). Essas mudanças não ocorrem de maneira abrupta, e sim através de uma série de transições graduais, uma espécie de cadeia de gramaticalização na qual as estruturas conceituais e morfológicas envolvidas se sobrepõem no interior do **canal de gramaticalização** (*cline*), que compreende o ciclo que vai do ponto inicial ao ponto final do processo (*idem*).

Quanto às causas da gramaticalização, Givón (1991) aponta algumas explicações que demonstram a relação existente entre gramática e cognição. Para esse autor, a gramaticalização pode ser considerada um processo elaborativo-criativo; por exemplo, um item pode ser usado, em determinado contexto discursivo, como um item gramatical. Isso se dá por meio de um processo mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e explorada pelo falante.

Em relação ao recorte temporal, Traugott & Heine (1991) defendem que o termo gramaticalização remete a um processo de mudança lingüística tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial ou codificação. Na diacronia, os estudos são centrados principalmente na etimologia e na classificação das palavras. Na sincronia, por outro lado, compreende-se a gramaticalização como um fenômeno sintático e discursivo-pragmático a ser estudado do ponto de vista dos padrões fluidos do uso da linguagem, isto é, a partir dos contextos discursivos nos quais a gramaticalização ocorre.

2.1. A Abstratização Metafórica

No processo de gramaticalização, atua um princípio cognitivo que diz respeito ao fato de velhas formas serem recrutadas para novas funções. É o que afirma Heine et al (1991, 150)

Por meio deste princípio, conceitos concretos são empregados para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos. Dessa forma, entidades claramente delineadas e/ou claramente estruturadas são recrutadas para conceitualizar entidades menos claramente delineadas ou estruturadas, experiências não-físicas são entendidas em termos de experiências físicas, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, ou relação abstrata em termos de processo cinéticos ou relações espaciais etc.

Sendo assim, faz-se extremamente necessário analisar a manipulação cognitiva e pragmática envolvidas, respectivamente, em dois processos: a metáfora e a metonímia. A metáfora diz respeito à transferência conceptual, que aproxima domínios cognitivos distintos. A metonímia, por sua vez, está relacionada à motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto.

Muitos lingüistas argumentam que a mudança lingüística envolvida na gramaticalização é fortemente motivada por processos metafóricos. A abstratização metafórica diz respeito à maneira como compreendemos e conceituamos o mundo que nos cerca. Apresenta vários níveis, dentro os quais, o mais concernente à gramaticalização seria o *structure-changing abstraction*. É por meio deste que acontecem as transformações lingüísticas nas quais as entidades concretas são recrutadas metaforicamente para expressar funções mais abstratas.

A metáfora envolvida na gramaticalização não deve ser entendida como aquela costumeiramente relacionada às figuras de linguagem, e sim como uma espécie de extensão de significados lexicais para expressar conceitos mais abstratos. Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora, como a maioria das pessoas a percebe, diz respeito apenas às palavras, é um assunto da imaginação poética, da linguagem extraordinária mais do que da linguagem comum. Por outro lado, para esses autores, a metáfora é penetrante no dia-a-dia da vida, não apenas na linguagem, mas no pensamento e na ação dos seres humanos. O sistema conceitual comum, nos termos em que se pensa e age, é fundamentalmente metafórico por natureza. Os conceitos estruturam o que se pensa, como as pessoas se colocam no mundo e como se relacionam com as outras pessoas. O sistema conceitual, assim, desempenha um papel central em definir as realidades diárias.

Os **processos do pensamento** humano são amplamente metafóricos. Metáforas como expressões lingüísticas são possíveis porque existem metáforas no sistema conceitual das pessoas. Conforme Heine et al (1991), a **metáfora criativa** está relacionada a uma motivação de ordem psicológica e envolve a formação de novas expressões. Contém uma falsa predicação e relaciona-se a uma violação proposital de regras semântico-conceituais. A **metáfora emergente** é motivada pragmaticamente, pois a partir dela não se formam novas predicações ou expressões, mas predicações pré-existentes são introduzidas em novos contextos ou aplicadas a novas situações através da extensão de significados.

Quanto à origem da metáfora emergente, esta seria de “natureza categorial” (em oposição à metáfora conceitual). Na **metáfora categorial**, o desenvolvimento das estruturas gramaticais é descrito em termos de alguma categoria básica e parte sempre, unidirecionalmente, do elemento à

esquerda – mais concreto -, numa escala que tem a seguinte configuração: **pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade.**

Heine et al (1991, p. 46), no estudo das transformações ocorridas com o verbo *to go*, mostram algumas propriedades do processo metafórico envolvido na gramaticalização: i) reconhecimento de um significado **literal** e outro **transferido** ou **metafórico**; ii) transferência ou mapeamento reduzido de um domínio conceitual em termos de outro; iii) reconhecimento por parte do falante de que um significado concreto é mais facilmente identificável que um conceito de um domínio mais abstrato; iv) aparentemente violação de regras e anomalias; v) envolve conceitos que se associam ao mundo humano para referir-se a conceitos inanimados; vi) em contextos específicos, a expressão metafórica pode também ser entendida no sentido literal – ambigüidade.

Essas propriedades mostram como conceitos fonte da gramaticalização se referem a objetos mais concretos – um conceito só é fonte em relação a outro conceito abstrato, constituindo um elemento fundamental das interações humanas, o que demonstra que recorremos a nossas experiências mais elementares para explorar o entendimento de conceitos menos concretos.

Segundo Heine et al (1991a; 1991b), a gramaticalização não se restringe apenas à metáfora, acentuando a complementariedade da metáfora e da metonímia. A metonímia é compreendida por Lakoff & Johnson (1980) não apenas como um instrumento retórico, mas como provedor de entendimento cuja função é permitir usar uma entidade em referência à outra. Tais características mostram que os conceitos metonímicos não são arbitrários, são sistemáticos, fazem parte dos pensamentos, ações e falas e podem ser exemplificados, principalmente, através da relação de substituição **da parte pelo todo, do produto pela marca, do objeto pelo usuário.** Consoante Neves (2000), enquanto na metáfora está envolvida a transferência conceptual (que é metafórica e se relaciona com diferentes domínios cognitivos), na metonímia se pode verificar a reinterpretação induzida pelo contexto (que é metonímica e resulta em conceitos interseccionados). Na metonímia, a passagem de conceitos mais **concretos** para mais **abstratos** se dá em uma escala de entidades contíguas que estão metonimicamente relacionadas. Na metáfora, essa mudança ocorre a partir de categorias descontínuas, como **espaço, tempo** ou **qualidade.** Embora esse dois processos se distingam, para Heine et al (1991), a metáfora (do tipo emergente) pressupõe algum tipo de metonímia, e estes mecanismos não são mutuamente exclusivos, e sim complementares. Um no qual a metonímia funciona dentro da metáfora e a expressão é basicamente metafórica, sendo integrada pela metonímia. E outro em que a metáfora e a metonímia coexistem, podendo ser a interpretação derivada tanto metafórica como metonimicamente.

Outra noção que acreditamos ser importante introduzir nessa revisão da literatura é o conceito de protótipo, que se liga à teoria da categorização de Rosch (1973). O protótipo seria o membro mais central de uma categoria, apresentaria o maior número de traços característicos dessa categoria, assim estão mais próximos do protótipo os membros que apresentam o maior número de traços característicos, e mais distantes os membros que apresentam menor número desses traços. Segundo Givón (1984), a mudança metafórica dos protótipos é a essência da gramaticalização, o processo pelo qual a morfologia gramatical se desenvolve a partir de itens lexicais. Nesse sentido, o significado de **perceber/conhecer pela visão** constituiria o protótipo do verbo perceptual **ver**, e os outros usos relacionados a esse verbo (item evidencial inferencial, predicado encaixador de um conteúdo proposicional e marcador discursivo) representariam, nessa ordem hierárquica, um percurso de distanciamento, cada vez mais acentuado, do membro central dessa categoria.

3. A Categoria Evidencialidade

Não são consensuais as definições dos estudiosos sobre o conceito e a natureza da evidencialidade. Para Neves (2006), o único ponto pacífico desta discussão diz respeito à indicação da evidencialidade como a origem do conhecimento de um sujeito enunciador. Entretanto, paradoxalmente, como nos mostra a mesma autora, esse aspecto já se apresenta como um “terreno conflituoso”, uma vez que a expressão da fonte do conhecimento implica a modalização do nível de conhecimento, o que pode configurar como uma co-ocorrência das duas categorias. Desse modo, na ausência da marca, entende-se que o próprio falante é a fonte, que se configura como “o filtro natural das proposições por ele expressas” (*ibid.*, p.165). Se a marca estiver presente, esta pode indicar diferentes níveis de comprometimento, pois ele pode se eximir de sua responsabilidade, mostrando uma fonte externa à informação; pode indicar que o conhecimento foi inferido por meio de evidências; ou pode mostrar que o conhecimento foi adquirido pela experiência. Sendo assim, assumimos que a evidencialidade é uma categoria que marca, além da origem, da fonte do conhecimento expresso em uma proposição, o nível de (des)comprometimento do falante com o conteúdo apresentado na proposição. Assumimos, também, juntamente com Casseb-Galvão (2001), que a evidencialidade é uma categoria lingüística do domínio gramatical que pode originar-se nos sistemas lingüísticos, desenvolver-se a partir de itens lexicais ou menos gramaticais pré-existentes. Os estudos dessa autora, bem como os de Dall’ Aglio-Hattner et al (2001), apontam para a possibilidade do surgimento de um subsistema evidencial no português brasileiro, via gramaticalização.

A evidencialidade pode ser classificada segundo o tipo de fonte e a natureza da experiência evidencial. Em outras palavras, o enunciador pode apresentar-se ou não com a fonte da informação e, ao mesmo tempo, de acordo com a natureza lexical do item evidencial, indicar de que modo foi obtida a informação descrita na interação. Lucena (2008), com base nos estudos desenvolvidos por Willet (1988), Casseb-Galvão (2001), Dall’ Aglio-Hattner (2001), Gonçalves (2003), Carioca (2005) e Vendrame (2005), classifica a categoria evidencialidade em “experencial”, “inferencial”, “relatada” e “subjativa”.

Se o enunciador se apresenta como a fonte da informação, ele pode indicar que obteve o conhecimento representado na interação, pelo menos, de dois modos: por meio de uma **experiência** ou de uma **inferência**. Na experencial, o falante é a fonte e obteve a informação por meio de uma experiência relacionada aos sentidos. Na inferencial, o falante é a fonte e derivou a informação por meio de raciocínio lógico ou de uma situação observável. Por outro lado, se o falante não se apresenta como a fonte da informação (**domínio comum** e **fonte externa ao falante**, do tipo **definida** ou **indefinida**), ele pode indicar que a informação foi obtida por meio de um **relato**.

Esses três tipos de evidencialidade indicam que as informações são obtidas a partir da relação que se estabelece entre falante e o mundo extralingüístico. No entanto, optamos também por considerar como um tipo de evidencialidade o que Hengeveld (1988, 1989) denomina de modalidade epistemológica **subjativa**, uma vez que o enunciador descreve um evento que já se encontra em sua informação pragmática, apresentando-se também como a fonte da informação.

4. Metodologia

4.1. Corpus

Constituindo este trabalho uma reflexão inicial, optamos por uma abordagem sincrônica no estudo dos usos mais abstratos do item evidencial **ver**. Realizamos essa análise em trinta discursos proferidos nas Sessões Ordinárias do Pequeno Expediente da Assembléia Legislativa do Ceará, durante o período de 2005-2006.

5. Análise do Item Evidencial VER em Discursos Políticos

Em pesquisas em dois dicionários: Aurélio (2007) e Borba (1990), encontramos várias acepções do predicado ver no Português do Brasil (PB), todas consideradas como itens lexicais.

AURÉLIO (2007)	BORBA (1990)
<p>I. V. Transitivo direto: i. perceber ou conhecer pela visão; ii. avistar (1); iii. assistir a; iv. presenciar, testemunhar: viu o acidente; v. encontrar-se com; vi. reconhecer, compreender: via que não tinha saída; vii. examinar (um doente); viii. observar, notar: viu o que você fez, Riu? ix. deduzir, concluir; x. reparar em; xi. investigar, examinar; xii. Visitar (1); xiii. Calcular, avaliar;</p>	<p>I. V. [Ação] [Compl: nome não-animado] i. examinar; ii. conferir, certificar-se; iii. Buscar, comprar; iv. procurar; v. acompanhar com os olhos o ouvido, assistir; vi. visitar, conhecer. <i>[Compl: nome animado]</i> vii. avaliar, física ou mentalmente; viii. visitar, encontrar. <i>[Compl: nome concreto não-animado]</i> ix. consultar; <i>Pronominal [Compl: de lugar]</i> x. mirar-se. Contemplar-se.</p>

Acepções de VER Encontradas em Dois Dicionários

<p>AURÉLIO (2007)</p> <p>II. V. Transobjetivo: xiv. perceber, sentir, considerar: não o vejo como inimigo; xv. embeargar;</p>	<p>BORBA (1990)</p> <p>II. V. [Processo] [±Compl: nome concreto ou oração] xi. perceber pela visão; xii. alcançar com a vista, avistar, divisar; xiii. Reparar, perceber; xiv. Encontrar, deparar; <i>[Compl: nome animado]</i> xv. conhecer; <i>[Compl: nome abstrato ou oração]</i> xvi. tomar conhecimento, compreender; xvii. Imaginar, fantasiar; xviii. calcular, avaliar; xix. ponderar, considerar; xx. admitir; xxi. prever; <i>[Compl: nome concreto não animado]</i> xxii. duver; <i>[Compl: nome predicativo]</i> xxiii. sentir, achar que é; xxiv. encontrar; <i>[Pronominal] [Compl: Predicativo]</i> xxv. sentir-se; xxvi. Ficar; <i>[± Compl.1: predicativo. ±Compl.2: de lugar]</i> xxvii. Encontrar-se, achar-se.</p>
<p>III. V. Intransitivo: xvii. perceber as coisas pelo sentido da visão.</p>	<p>III. V. [Estado] [Compl: oração] xxviii. Estar presente, presenciar.</p>
<p>IV. V. Pronominal: xvii. unir-se; xviii. reconhecer-se; xix. achar-se em certo estado, condição ou lugar; xx. encontra-se mutuamente;</p>	

(Cont.) Acepções de VER Encontradas em Dois Dicionários

O verbo **ver** deriva do latim *videre*, cujo significado era **avistar, empregar vista, perceber pela vista**. No português contemporâneo é identificado, em sua acepção mais concreta, como **conhecer ou perceber pela visão**, como podemos verificar nas ocorrências (1) e (2) a seguir:

- (1) Diante de tudo isso, de todos esses sonhos dourados que se realizam, **vejo** essas manchetes aqui nos jornais, onde se classifica o Estado do Ceará como miserável, onde a distribuição de renda é uma das piores do País.
- (2) E **vejo** hoje, por exemplo, no Jornal “O POVO”: “PIB do Ceará crescerá 2,6% em relação a 2004”.

Essas ocorrências revelam que o predicado **ver** se relaciona à **evidencialidade experiencial**, uma vez que assume a acepção de **perceber com a visão**, levando-nos a colocar esse uso como o ponto de partida da trajetória de mudança semântica desse verbo, ou seja, considerá-lo como seu significado fonte.

Embora não tenhamos feito uma pesquisa exaustiva, o quadro anterior nos apresenta novos usos para o verbo **ver**, além de seu uso mais concreto. Em Borba (1990), podemos verificar, nas acepções com [**Compl: nome abstrato ou oração**], evidência de que o predicado **ver** está passando por um processo de mudança semântica através de referência metafórica e metonímica, significando **compreender, tomar conhecimento, admitir, considerar, perceber com a mente**, tal como exemplificam as ocorrências (3), (4) e (5) a seguir:

- (3) E vejo algumas nuances relacionadas a esse projeto, que é um projeto caríssimo, projeto do primeiro mundo, muito embora o resultado não seja compatível com o investimento, se trazer 26m³ d’água para o Ceará, isso é uma brincadeira, não dá nem para os bodes do Jaguaribe beberem água, matarem a sede.
- (4) E vejo agora, Deputado Chico Lopes, V.Exa. ainda com mais força, com mais energia lutar pela realização do projeto de trazer ao Ceará, água do São Francisco.
- (5) Portanto, eu quero ficar feliz em ver que o Dr. Tasso Jereissati muda de posição e deixa de brigar com o PT, porque a questão da Refinaria não é do PT e nem do PSDB, é o povo brasileiro e o cearense que estão querendo essa Refinaria.

Nessas ocorrências, os itens expandem seu sentido lexical original e, da mesma forma, apresentam estatuto verbal bem definido. Comparando esses usos com a acepção mais concreta do predicado **ver**, relacionado à percepção física (visual), verificamos que, em sua trajetória de expansão, **ver** se desloca do canal da percepção visual para a percepção mental, uma vez que o falante parece relacionar o conteúdo de seu enunciado a uma inferência derivada de raciocínio lógico ou contextual, o que justificaria classificar esses usos como relacionados à evidencialidade inferencial. Apesar de assumirem um significado mais abstrato, esses itens demonstram que o predicado **ver** ainda apresenta propriedades de sua classe de origem, bem como características da classe a que se direciona, o que nos leva a perceber uma ambigüidade envolvida nesses contextos.

Em um estágio mais avançado no processo de mudança do predicado **ver**, percebemos seu uso como um predicado encaixador de um conteúdo proposicional **asseverado**, como demonstram as ocorrências (6), (7) e (8) a seguir:

- (6) **Vejo que** foi uma pena não fazermos um projeto de reflorestamento com a Jurema Preta, que é uma planta invasora e usar como redutor o carvão, que é um ótimo redutor para a conversão do minério de ferro em aço.
- (7) **Vejo que** essa Casa tem uma responsabilidade enorme no trato com essa questão, porque não é uma questão pequena, não é uma questão apenas de tirar do papel e ir para execução um tema e uma discussão que perfazem aí longos anos e séculos nesse País.

- (8) (8) Mas certamente que é no Governo do Presidente Lula que temos acalentado no coração a **possibilidade de ver** essa transposição sendo realizada na perspectiva da inclusão, na perspectiva de mudar o paradigma do comportamento das comunidades e muitas vezes criminalizam as áreas que poderiam das áreas que poderiam está sendo cuidadas, inclusive pelas próprias comunidades, porque não obtêm informação suficiente para isso, porque infelizmente muitas vezes o equipamento mais próximo como o Município e o Estado tem estado ausente durante esses anos todos.

Essas ocorrências demonstram que o predicado **ver** assume, nesses contextos, uma acepção mais abstrata do que nas ocorrências anteriores, uma vez que o falante o utiliza para encaixar não inferência, mas um conteúdo proposicional, ou seja, **um fato possível**, que, segundo Dik (1997), pode ser negado, posto em dúvida, lembrado, avaliado em termos de seu valor de verdade. Nas ocorrências (6) e (7), temos uma oração completiva como argumento do predicado **ver**. Em (8), por outro lado, o substantivo **possibilidade** representa o núcleo predicação.

Em uma atuação ainda mais abstrata do predicado **ver**, encontramos ocorrências em nossa amostra que revelam que esse verbo adquire um **valor pragmático**, derivado da necessidade de o falante marcar a interação face a face. Nesse processo de mudança semântica e categorial, **ver** passa a assumir a função de **marcador discursivo**, que, consoante Dik (1997), tem por função monitorar a interação, comentar o conteúdo da oração propriamente dita e organizar o conteúdo da expressão, como podemos ver nas ocorrências (9), (10), (11) e (12) a seguir:

- (9) Ora, **vejamos** uma coisa: uma Ministra diz que está lá em Pernambuco, o outro Ministro diz que é teatro e o Presidente Lula ontem de novo, outra vez, novamente, vem induzir-nos a acreditar em textos mentirosos que vêm do Palácio, isso é inaceitável.
- (10) **Vejamos**, através de um artigo que foi publicado na Revista CONFEA (Confederação dos Engenheiros e Arquitetos) que é uma revista publicada pela Confederação dos Engenheiros e Arquitetos, o Engenheiro Sanitarista o Senhor Bertoldo Silva Costa coloca algumas coisas que nós entendemos ser de fundamental importância para a nossa reflexão.
- (11) O Ceará vai receber por conta dessa transposição uma média anual de 10 m³/s, e **vejam só**, nós que estamos brigando tanto por essa transposição só a Cidade e a Região Metropolitana de Fortaleza tem um consumo de 7 m³/s.
- (12) Eu agradeço o aparte de Vossa Excelência e a generosidade das referências, e antes de passar a palavra ao Deputado João Jaime, a quem eu quero muito bem, quero apenas lembrar da luta, **veja bem**, Deputado João Jaime, talvez o Ceará hoje não tenha a Refinaria que está em Pernambuco por conta de alguns segmentos da Política Cearense fossilizados e atrasados, que fizeram grandes obstruções à construção do Castanhão.

As ocorrências demonstram que o predicado **ver** está mudando de categoria gramatical (verbo manipulativo > marcador discursivo). Nas três primeiras ocorrências, os itens ainda preservam o significado origem, uma vez que o caráter manipulativo do verbo continua a atuar no contexto. No entanto, percebemos que o item estende seu significado, aproximando-se de uma atuação como **marcador discursivo**, pois também funciona como um elemento que comenta/organiza o conteúdo do discurso. Em (09) e (10), o falante parece desejar sinalizar que o que vai dizer é importante, devendo ser acrescentado à **informação pragmática** do interlocutor. Na ocorrência (11), percebemos que, além de demonstrar que o falante solicita ao interlocutor que “preste atenção”, compreenda o que está sendo dito, o predicado **ver**, nesse contexto, revela um tipo de comentário por parte do falante. Em (12), por outro lado, o significado de **ver** é ainda mais abstrato, visto que o verbo é **recategorizado** como um marcador discursivo, exercendo principalmente a função de planejar a interação verbal. Podemos observar também que esse item, de certa forma, exerce uma função mais **intersubjetiva**, pois, ao mesmo tempo que introduz uma informação relevante, mostra que o falante voltou-se ao próprio discurso. Sendo assim, o predicado **ver** assume uma **macrofunção interativa**, organizando, sequencializando o fluxo informacional do discurso.

Considerações Finais

O predicado **ver** é considerado uma marca prototípica da evidencialidade direta ou atestada, pois a informação veiculada pelo enunciador é caracterizada como obtida pela experiência visual. Para a análise das ocorrências, consideramos a abstratização metafórica como um dos mecanismos desencadeadores da gramaticalização desse item, processo de mudança que está relacionado às transformações lingüísticas nas quais os itens concretos são recrutados metaforicamente para expressar funções mais abstratas. Procuramos construir uma **trajetória hipotética** de mudança semântica desse item. Embora reconheçamos os limites de nossa análise e compreendamos a necessidade de referendar essas hipóteses em dados do português histórico, acreditamos que nossa análise consegue demonstrar que o predicado **ver** está expandindo seus usos via abstratização metafórica. Vimos que, além do significado fonte (evidencialidade experiencial), **ver** pode assumir outras novas acepções em virtude das pressões discursivas, passando a exercer, em um trajetória que vai de um significado mais concreto a um mais abstrato, a função de item evidencial inferencial, predicado encaixador de um conteúdo proposicional e marcador discursivo.

Referências

BORBA, F.S. (org.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da UNESP, 1990.

CARIOCA, C.R. **A manifestação da evidencialidade nas dissertações acadêmicas do português brasileiro contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

DALL'AGLIO-HATTNER, M.M. **A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos de ex-presidente Fernando Collor**. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1995.

DIK, S. **The theory of functional grammar**. Parte 1: The structure of the clause. Dordrecht: Foris Publication, 1989.

_____. **The theory of functional grammar – Part 2: Complex and derived constructions**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

FERREIRA, A.B.H. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4 ed., 2001

CASSEB-GALVÃO, V.C.C. **Evidencialidade e gramaticalização do português do Brasil: os usos da expressão *diz que***. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In GIVÓN, T. **Syntax and semantics: discourse and syntax**, V.12. Nova York: Academic Press, 1979.

_____. Serial verbs and the mental reality of “event”: grammatical vs. cognitive packaging. In HEINE, B. et al. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

GONÇALVES, S.C.L., LIMA-HERNANDES, M.C. & CASSEB-GALVÃO, V.C. (Orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

GONÇALVES, S.C.L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

HEINE, B., CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, 1991a.

_____. From cognitive to grammar: evidences from African Languages. In TRAUGOTT, E.C. & HEINE, B. (orgs.), **Approaches to grammaticalization**, V. 1, Amsterdam: Benjamins, 1991b, pp. 17-37.

HOPPER, P.J.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago. The University of Chicago Press, 1980.

LUCENA, I.L. **A expressão da evidencialidade no discurso político: uma análise da oratória política da Assembléia Legislativa do Ceará**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Honore Champion, 1912.

NEVES, M.H.M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

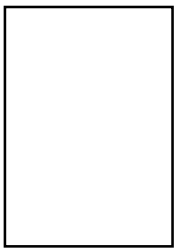
ROSCH, E. Natural categories. **Cognitive Psychology**. V. 4, 1973.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. & HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**, V. 1, Amsterdam: Benjamins, 1991.

VENDRAME, V. **A evidencialidade em construções complexas**. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

WILLET, T.A. Cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality. **Studies in Language**, V. 12, n. 1, pp. 51-97, 1988.



A CONSTITUIÇÃO METAFÓRICA E METONÍMICA DE ANÚNCIOS ESCOLARES

Kennedy Cabral Nobre*

RESUMO

Neste trabalho analisamos como anúncios de escolas particulares de Fortaleza utilizam como argumento diversas metáforas primárias e/ou conceituais associadas aos alunos que são aprovados em exames de vestibular; e de como as qualidades conferidas aos alunos por via dessas metáforas são transferidas metonimicamente para as próprias instituições de ensino que produzem esses anúncios. O resultado do estudo indica a utilização da metáfora e da metonímia como responsável pelas impressões ideologicamente positivas que os anúncios conferem às escolas, além da criação de um modelo cognitivo em que o papel da educação encontra-se perigosamente restrito.

Palavras-chave: Metáforas, Metonímias, Anúncios.

ABSTRACT

In this work we analyze how advertisements of private schools in Fortaleza, Ceara, Brazil, use primary and conceptual metaphors as arguments associated to successful students who have passed their university entrance examinations and how the qualities related to those students by means of such metaphors are metonymically transferred to the teaching institutions that produce the advertisements. The result of the study indicates that the use of metaphor and metonymy in the ads is responsible for the ideologically positive impressions of the schools and the creation of a cognitive model in which the role of education is dangerously restricted.

Keywords: Metaphors, Metonymies, Advertisements.

* Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará - PPGL/UFC

Introdução

Embora tradicionalmente associada à criação literária e/ou à retórica, a metáfora, no âmbito da Linguística Cognitiva, constitui importante recurso cognitivo, através do qual comumente realizamos a extensão semântica de itens lexicais situados em domínios cognitivos distintos, tornando-os, por sua vez, análogos.

Nesse contexto, o propósito deste artigo é demonstrar como a metáfora, enquanto instrumento cognitivo, é utilizada juntamente com a metonímia como estratégia de argumentação no discurso publicitário. Analisando qualitativamente anúncios de escolas da rede particular de ensino de Fortaleza, percebemos que o gênero em questão é constituído a partir de uma cadeia intertextual iniciada com a realização de exames tais como vestibular, Enem, etc.

A partir da divulgação dos resultados destes exames, são produzidos os anúncios, em cujos recursos argumentativos inserem-se: a) a construção metafórica do 1º lugar, relacionado aos alunos, através do esquema imagético de percurso e b) a transferência, por via da metonímia, desta relação metafórica para a própria escola, através do esquema imagético de parte-todo.

1. Teoria da Metáfora Conceitual e Hipótese da Metáfora Primária

Contrariamente à visão tradicional de que as metáforas seriam recursos da Poética e da Retórica, e obviamente estariam inseridas quase que necessariamente nestes âmbitos, Lakoff e Johnson (2002) observam que o emprego de expressões metafóricas é amplamente disseminado na linguagem cotidiana, onde, em grande parte das situações, a objetividade de linguagem não permite espaços para floreios poéticos/retóricos, de modo que os autores chegam à conclusão de que, além de estar na linguagem, a metáfora também está presente no pensamento e na ação. Isso implica dizer que “Nosso sistema conceptual ordinário (...) é fundamentalmente metafórico por natureza” (p. 45). Aliás, é por razão deste postulado que temos condições de construir expressões lingüísticas eminentemente metafóricas, ainda que, em decorrência de um alto teor de convencionalidade, não nos demos conta disso.

Consoante os autores, nossas formas de percepção, pensamento e ação encontram-se em grande parte estruturadas metaforicamente, fator que permite a existência das metáforas enquanto expressões lingüísticas. A metáfora, então, é vista como um mapeamento de um domínio fonte para um domínio alvo, a partir da fórmula DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE. Na verdade, embora percebida lingüisticamente, tal correspondência ocorre em nosso sistema conceitual, de modo que a atualização da metáfora conceitual não se reduz a esta fórmula ou a um conjunto limitado de expressões lingüísticas. (CROFT e CRUSE, 2004).

As metáforas conceituais podem dividir-se em cinco tipos: **estruturais**, em que um conceito previamente estruturado é usado na estruturação de outro conceito mais abstrato; **orientacionais**, nas quais o domínio fonte de um mapeamento é de natureza espacial (em cima-embaixo, frente-trás, contro-periferia, perto-longe); **ontológicas**, em que a compreensão de nossas experiências se dá em termos de objetos/entidades e substâncias; **de recipiente**, mapeadas a partir de nossa percepção de corpo enquanto recipiente, através da qual compreendemos os objetos com contendo lados interior e exterior; **mistas**, em que co-existem dois ou mais dos tipos de metáfora anteriores.

É importante ressaltar que nestes casos a transferência conceitual ocorre unidirecionalmente, ou seja, o sistema metafórico permite a fórmula DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE, mas não o contrário (DOMÍNIO FONTE É DOMÍNIO ALVO).

Posteriormente, a teoria de Lakoff e Johnson foi ampliada com a Hipótese da Metáfora Primária, com a qual Grady (1997) propõe esclarecer pontos obscuros da Teoria da Metáfora Conceitual. Este autor não considera as metáforas conceituais como o estágio mais básico de formação dos mapeamentos metafóricos – esta posição quem ocupa são as metáforas primárias, cuja origem se dá a partir de nossas experiências corpóreas com o mundo.

Consoante as considerações de Lima (2002), antes da Hipótese da Metáfora Primária a relação estabelecida entre os domínios fonte e alvo justificava-se pelo fato de que era necessário, para a compreensão de conceitos mais abstratos, o emprego de conceitos mais concretos, o que não significava dizer que teria de haver uma relação experiencial necessária entre estes domínios. Segundo a hipótese de Grady, as metáforas primárias originam-se da recorrência e da co-ocorrência de distintas dimensões de experiências corpóreas que se correlacionam. Em outras palavras, a gênese da metáfora primária advém de uma percepção isomórfica entre distintos elementos de uma mesma experiência ou de experiências próximas (cenas primárias). Além disso, com esta hipótese, o conteúdo do domínio fonte passa a ser visto como basicamente sensorial, referindo-se a experiências bastante simples e, mais importante, universais. Portanto, as metáforas primárias são insensíveis a influências culturais, o que evidencia o fato de que elas são comuns em qualquer idioma (LIMA, 2002).

O aceite de tais postulados implica uma reestruturação das tipologias e classificações originais. Além do conceito de metáfora primária, Grady propõe a noção de metáfora composta de primárias que, conforme a nomenclatura indica, refere-se a complexas metáforas formadas a partir de duas ou mais metáforas primárias; contudo, esta possibilidade de combinações não é ilimitada, e sim depende de uma compatibilidade lógica entre as metáforas relacionadas. (LIMA, 2002).

Tanto as metáforas primárias como as metáforas compostas são geradas por correlação, ou seja, ambos os modelos conceituais envolvidos (domínio fonte e domínio alvo) estão estreitamente relacionados pois, conforme já discutimos, advém de uma mesma experiência corpórea ou de experiências corpóreas bastante próximas. Entretanto, é possível entender um modelo conceitual (domínio alvo) em termos de outro (domínio fonte) sem que haja, forçosamente, uma correlação entre eles, ou seja, sem que haja, como condição para o entendimento, uma experiência prévia. Inclusas nesta categoria estão as metáforas de semelhança e as metáforas de imagem. (LIMA, 2002).

Nas primeiras o licenciamento metafórico decorre da percepção de aspectos/traços compartilhados pelos domínios conceituais envolvidos, inerentes a eles, de modo que, neste caso, diferentemente dos demais tipos de metáfora, há uma certa bidirecionalidade entre os domínios alvo e fonte, a qual não cabe aqui discutir. As metáforas de imagem, por sua vez, têm seu licenciamento permitido pela “projeção de uma estrutura esquemática imagética de um domínio que se sobrepõe a estrutura esquemática imagética de outro domínio” (CHAVES, 2006, p. 65). O resultado disso é uma imagem que pende para o visual. É interessante ressaltar que tais projeções são restritas, parciais, de modo que tal restrição estende-se da projeção à própria metáfora de imagem.

Passemos à discussão do conceito de metonímia, já que interessa diretamente à nossa análise.

2. Metonímia

Conforme Cuenca e Hilferty (1999), a metonímia pode ser definida cognitivamente como um tipo de referência indireta, ou seja, como a alusão a uma entidade implícita por meio de uma outra entidade, sendo esta última explícita. Para os autores, em decorrência de ambas constituírem processos conceituais que relacionam entidades, a metonímia e a metáfora apresentam certas semelhanças. Todavia, a relação que cada qual estabelece ocorre de forma distinta: enquanto a metáfora operacionaliza associações entre entidades provenientes de domínios distintos, a metonímia o faz dentro de um mesmo domínio, conforme ilustração a seguir:

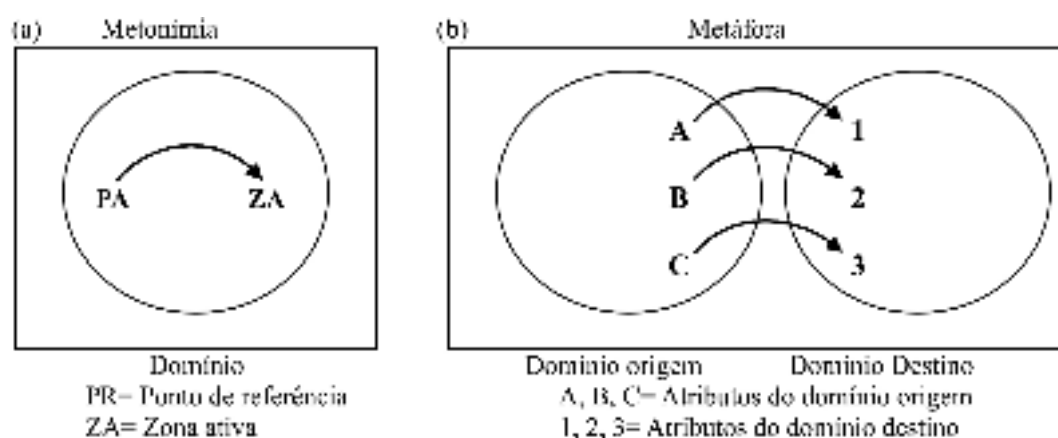


FIGURA 1: Metáfora vs. Metonímia (CUENCA e HILFERTY, 1999, p. 111)

Esta diferença estrutural determina também uma diferença em termos de referenciação entre estes dois conceitos: através da metonímia, referimo-nos a um objeto de discurso implícito por meio de outro mais proeminente; com a metáfora, entretanto, em decorrência de seu processo analógico de concepção de um termo por outro, compreendemos e categorizamos os objetos do discurso de uma forma que não poderia ser expressa através de outro termo. (CUENCA e HILFERTY, 1999).

Contudo, os autores ressaltam que muitas vezes a metáfora e a metonímia são empregadas conjuntamente, complementando-se e que, assim como existem metáforas conceituais, também há metonímias conceituais, que licenciam a formação de expressões linguísticas.

3. Configuração Metafórica e Metonímica de Anúncios Escolares

Realizada a discussão acerca do tratamento dado à metáfora e à metonímia no âmbito da Linguística Cognitiva, observemos como estes recursos são utilizados em peças publicitárias de escolas da rede particular de ensino de Fortaleza-CE. Os anúncios que compõem nossos exemplos foram copiados das *homepages* de suas instituições (nove, no total) a partir da tecla *print screen* (tecla que captura em uma única imagem todo o conteúdo da tela do computador). Entretanto, por questão de economia de espaço, apresentamos aqui somente o anúncio em si (excluimos algumas partes inerentes ao gênero *homepage*, tais como logotipo, ferramentas de pesquisa, links de navegação, etc. (ARAÚJO, 2003)).

Vejamos este anúncio:

(1)¹

Claramente se observa que o esquema imagético de percurso surge na composição deste anúncio, conforme é evidenciado por diversos vocábulos (*ir, longe, vá, caminho*), e que o emprego deste esquema cognitivo deixa subentendida a metáfora conceitual *A VIDA É UMA VIAGEM*. No texto, uma das melhores maneiras de aproveitar esta viagem (cf. *quer ir longe na vida?*) é fazer um curso de graduação em uma universidade/faculdade, na qual nos inserimos por meio do exame do vestibular. Na verdade, o esquema imagético de percurso deste anúncio concentra-se, especificamente, não em toda a vida do expectador potencial, mas somente na fase que vai dos estudos mais básicos até uma graduação. Assim, o início é ‘não ser graduado’, o percurso é ‘a escola que está promovendo a propaganda’ e o destino é ‘passar no vestibular’. Observemos que tal destino é textualmente construído como algo difícil e até mesmo quase inacessível (*longe*), mas que, por meio do serviço prestado pela instituição enunciativa, é possível alcançar o objetivo sem maiores dificuldades (*melhor caminho*). Neste ponto, fica subjacente a metáfora *DISTÂNCIA É DIFICULDADE/INACESSIBILIDADE*, que, no entanto, é subestimada perante a qualidade da escola.

(2)



Em (2), a voz que é dada ao anúncio publicitário não é a da instituição em si, como em (1), mas a de um aluno virtual, o que se estende metonimicamente a todos os outros alunos por meio da

1. No site, estas três imagens não aparecem simultaneamente e sim, por conta de um recurso de animação, uma ocupando o lugar da outra continuamente. Capturamos separadamente as três, mas as unimos aqui por considerar que elas integram um único anúncio.

metonímia A CLASSE PELO INDIVÍDUO. Aqui também encontramos a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, mas observa-se que, consoante o anúncio, durante tal viagem fazemos determinadas escolhas que podem influenciar em nosso percurso. Na propaganda, a escolha é ter estudado na escola em questão e, decorre disso o aluno virtual ter sido aprovado no vestibular. Neste exemplo também está subjacente a metáfora primária REALIZAR UM PROPÓSITO É CHEGAR A UM DESTINO (ACHIEVE A PURPOSE IS ARRIVING AT A DESTINATION, cf. Grady, 1997). Esta metáfora não ocorre em (1) devido a voz que é dada ao anúncio, pois no primeiro exemplo mostrava-se um caminho para chegar ao objetivo, no segundo, o caminho já havia sido percorrido e o objetivo já havia sido alcançado. Por outro lado, tanto em (1) quanto em (2) observamos implícita a metáfora primária MEIOS SÃO PERCURSOS (MEANS ARE PATHS, cf. Grady, 1997), em que os meios são, na verdade, as próprias escolas.

O esquema imagético de percurso também contribui para a constituição de uma das formas mais recorrentes de argumentação dos anúncios escolares: a expressão *1º lugar*. Ora, se pensarmos nos contextos em que esta expressão é literalmente utilizada, reportamo-nos às competições em geral, sendo que os jogos olímpicos antigos são provavelmente as primeiras competições sistemáticas de que se tem notícia. Conforme a Wikipédia, as primeiras edições destes jogos tinham como única modalidade o *stadium*, que, na verdade, era um tipo de corrida a qual ganhava quem chegasse em 1º lugar. Historicamente esta expressão passou a ser empregada em esportes de *performance* e de eliminação de oponentes, o que perde, de certa maneira, o caráter literal de percurso a ser vencido – nestes casos o percurso é tão metafórico quanto nos anúncios (1) e (2).

É interessante que esta expressão sai da esfera esportiva e adentra metaforicamente em outras esferas, tais como a educação. Excetuando os casos de olimpíadas diversas nesta área (a própria palavra *olimpíada* também migrou para a esfera educacional), o termo *1º lugar* é comumente utilizado para referir-se a exames que não têm um caráter de competição intercolegial, tais como os vestibulares e o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), conforme percebemos no exemplo a seguir:

(3)



No exemplo acima, percebemos que os alunos são categorizados como sendo 1º lugar no vestibular, embora não interesse diretamente pra este exame a classificação dos vestibulandos, visto que num vestibular no qual um curso qualquer ofereça quarenta vagas, por exemplo, a Universidade não fará distinção entre o primeiro e o quadragésimo colocado.

Ainda assim, as escolas particulares alimentam os anúncios com o argumento de que seus alunos são 1º lugar, insistindo que, por isso, são melhores que os demais. Dessa forma, ao colocarem que o aluno é 1º lugar, as escolas acabam identificando o vestibular como uma competição e,

conseqüentemente, os concorrentes são identificados enquanto competidores. O mais interessante é que algumas práticas sociais que envolvem o dia do vestibular (muitos alunos vão fardados, isto é, usando o símbolo de suas escolas, há comissões dos colégios com faixas, materiais de apoio, etc.) apontam para este clima de competição.

Por trás da categorização dos alunos como 1º lugar estão implícitas algumas metáforas primárias (cf. GRADY, 1997), correlacionadas, vejamos algumas:

Primeiramente observamos a metáfora primária **ESTAR EM CONTROLE É ESTAR EM POSIÇÃO SUPERIOR** (BEING IN CONTROL IS BEING ABOVE), que indica que o aluno tinha controle da situação, desde os conhecimentos gerais necessários para resolver corretamente as provas do exame até o controle do nervosismo comum a essa situação. A posição superior muitas vezes é representada literalmente nestes anúncios, como o que segue no exemplo (4), no qual estão representados alunos que se classificaram nas melhores posições da seleção para a Colégio Naval. Contudo, o aluno classificado em ‘primeiro lugar’ encontra-se no topo de uma espécie de pirâmide de alunos, dando a idéia de hierarquia, além de ter a foto maior que as demais, conferindo uma maior saliência a este aluno em relação aos outros.

A metáfora **BOM É DIANTEIRO** (GOOD IS FORWARD) facilmente identificável nos anúncios escolares, uma vez que os alunos que chegaram ao destino do percurso metafórico à frete dos demais realizaram tal façanha porque são considerados bons, competentes para tal.

Percebemos ainda a metáfora **QUANTIDADE É POSIÇÃO** (QUANTITY IS POSITION), decorrente da quantidade de escores obtidos na soma das provas, responsáveis pela posição dianteira dos alunos perante os demais e conseqüentemente do destaque dado a eles pela escola; a partir do mesmo raciocínio, torna-se evidente a metáfora **IMPORTÂNCIA É VOLUME/MEDIDA** (IMPORTANCE IS SIZE/VOLUME), uma vez que mensura-se a qualidade do aluno pela quantidade dos escores e, nos anúncios, é dada importância àqueles que têm maior resultado. Aqui é importante frisar que, em alguns casos, os anúncios utilizam formas alternativas de pontuação para classificar os alunos em primeiro lugar, ainda que a classificação oficial do vestibular não reconheça tal posição, como no exemplo (5) em que se lêem, logo abaixo de “1º lugar geral medicina UFC/FMJ”, “por escores brutos” e “por média ponderada” em letras menos acentuadas que as que indicam a colocação.

(4)



(5)



Também subjacente à constituição dos anúncios temos a metáfora **IMPORTANTE É CENTRAL** (**IMPORTANT IS CENTRAL**), devido à localização da foto dos alunos nos anúncios e/ou dos anúncios nos sites, além da ênfase que a escola dá aos alunos que ficam na primeira colocação. Neste caso também podemos nos reportar aos pódios, em que o 1º lugar fica no centro e no topo, assim como os 1º colocados ficam no topo das listas de aprovação², deixando subentendida a metáfora **QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL** (**QUANTITY IS VERTICAL ELEVATION**). No exemplo (4), a posição e o tamanho da foto do aluno que está no topo em relação aos demais ilustram bem essas duas metáforas como constituintes da composição deste anúncio.

Salientamos, ainda, que a utilização da metáfora do 1º lugar afasta textualmente a metáfora primária **DIFICULDADES SÃO OPOSTAS** (**DIFFICULTIES ARE OPPOSITES**), que poderia configurar no contexto do vestibular. Conforme a lógica tácita criada no interior dos anúncios, se os alunos são 1º lugar, então não há empecilhos que impeçam seu livre acesso à Universidade.

Cabe agora ressaltarmos que o interesse que as escolas particulares têm em evidenciar seus alunos através da metáfora do 1º lugar é, na verdade, trazer para si a qualidade que elas próprias conferem a seus alunos por meio dos anúncios. Ao fazer isso, todas as metáforas primárias anteriores acabam sendo também metonimicamente associadas às escolas por via da metonímia **A INSTITUIÇÃO PELOS INTEGRANTES**. Isto justifica o clima de competição criado pelos anúncios: as escolas são as que verdadeiramente competem entre si.

Considerações Finais

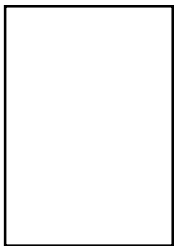
Discutimos, neste artigo, a respeito da constituição metafórica e metonímica em anúncios de escolas da rede particular de ensino de Fortaleza. Observamos que, por trás dos anúncios, há várias metáforas conceituais e primárias que auxiliam na argumentação inerentes ao gênero e que a partir da promoção dos alunos a partir da metáfora do 1º lugar, as propagandas acabam promovendo metonimicamente as escolas.

Entretanto, é necessário fazer uma reflexão: por ser o anúncio um gênero bastante disseminado em nossa sociedade, e em diferentes suportes (*web*, *outdoors*, panfletos, apostilas elaboradas pelas escolas, listas telefônicas, faixas, etc.), é possível que os modelos cognitivos, e culturais, referentes à educação pendam para uma valorização cada vez mais crescente de um lado relativo à demanda liberalista e mercadológica, ou seja, que o sentimento de competição se estenda do âmbito publicitário aos demais setores da sociedade via educação.

2. Na verdade, as listas de divulgação vêm em ordem alfabética para facilitar a procura. Atualmente também temos nos sites das universidades ferramentas de busca individual, mas estes dois recursos não invalidam a lista oficial, organizada por ordem de colocação.

Referências

- ARAÚJO, J.P. Caracterização do cibergênero *homepage* corporativa ou institucional. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, V. 3, n. 2, pp. 135-167, jan./jun. 2003
- CHAVES, C.N.M. Metáfora e humor. In MACEDO, A.C.P. & BUSSONS, A.F. (orgs.) **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2006, p. 53-77.
- CROFT, W.; CRUSE, D.A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUENCA, M.J. & HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Ariel, 1999.
- GRADY, J. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. Tese de Doutorado – não-publicada], University of California, Berkeley, CA, USA, 1997.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.
- LIMA, P.L.C. **A nova tipologia da metáfora conceitual**. 2002. [referência bibliográfica indisponível].



AS METÁFORAS DE SEMELHANÇA NA CONSTRUÇÃO DE REFERENTES DISCURSIVOS: QUAL A ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA?

Léia Cruz de Menezes

RESUMO

Nos anos 80, os trabalhos de Lakoff e Johnson popularizam uma nova visão da natureza da metáfora. Esta passa a ser entendida como figura do pensamento. Como parte do nosso sistema conceitual, o estudo das expressões metafóricas permite-nos flagrar os aspectos avaliativos e afetivos na constituição dos referentes discursivos, assim possibilitando-nos uma compreensão dos valores subjacentes às representações de “objetos” sociais em dado momento sócio-histórico. Com base nesse postulado, analisamos a constituição e a orientação argumentativa de expressões metafóricas de semelhança utilizadas por leitores do blog do jornalista Ricardo Noblat ao longo da discussão do caso policial Isabella Nardoni.

Palavras-chave: Metáfora conceitual, Metáfora de semelhança, Construção de referentes, Argumentação.

ABSTRACT

In the 80's, Lakoff and Johnson's work presented a new vision of the metaphor's nature to the world. Metaphor is now understood as a figure of thought. As part of our conceptual system, the study of metaphorical expressions allows us to depict the emotional and affective aspects in the constitution of the discursive referents, thus enabling us to a better understanding of the values underlying the representations of social “objects” in a given socio-historical moment. Based on this premise, we analyze the constitution and argumentative orientation of resemblance metaphor expressions used by Ricardo Noblat's blog readers along the discussion of Isabella Nardoni's police case.

Keywords: Conceptual metaphor, Resemblance Metaphor, Referent construction, Argumentation.

Introdução

De acordo com a visão clássica da metáfora, esta atua qual importante estratégia de comunicação à medida que veicula idéias difíceis ou mesmo impossíveis de serem transmitidas pela linguagem literal. Seu potencial expressivo está em viabilizar a transmissão de vasta informação em imagem metafórica única, transmitindo a intensidade subjetiva da experiência de uma forma que a linguagem literal tenderia a não conseguir. Limitada à seara dos recursos expressivos, por meio dos quais adornamos o discurso ou clarificamos um conceito que nos pareça abstrato ao nosso interlocutor, a constituição da metáfora é explicada em termos de similaridades entre dois conceitos.

Acerca das motivações da metáfora nessa perspectiva tradicional, lemos em Garcia (2001, p.100):

A existência de similitudes no mundo objetivo, a incapacidade de abstração, a pobreza relativa ao vocabulário disponível em contraste com a riqueza e a numerosidade de idéias a transmitir e, ainda, o prazer estético da caracterização pitoresca constituem as motivações da metáfora.

Tem-se, portanto, no excerto acima, a difusão da idéia segundo a qual os constituintes do mundo objetivo detêm similitudes intrínsecas. Desta feita, a metáfora é assim definida:

Em síntese – didática –, pode-se definir a metáfora como a figura de significação (tropo) que consiste em dizer que uma coisa (A) é outra (B), em virtude de qualquer semelhança percebida pelo espírito entre um traço característico de A e o atributo *predominante*, atributo por *excelência*, de B, feita a exclusão de outros, secundários por não convenientes à caracterização do termo A. (grifos do autor) (Garcia, 2001, p. 107)

Quanto ao modo pelo qual o espírito humano percebe as semelhanças entre os constituintes do mundo objetivo, assim explica Garcia (2001, p.107):

Ora, a experiência e o espírito de observação nos ensinam que os objetos, seres, coisas presentes na natureza – fonte primacial das nossas impressões – impõem-se aos sentidos por traços distintos. A pedra preciosa “esmeralda” tem como atributo predominante a sua cor verde, de brilho muito particular. Então, uns olhos com essa mesma tonalidade podem levar a uma associação por semelhança, da qual resulta a metáfora: seus olhos (A) são duas esmeraldas (B).

Tem-se, portanto, na perspectiva clássica, que os traços dos objetos, dos seres e das coisas presentes no mundo objetivo impõem-se à nossa percepção e que esses traços são apreendidos pelo ser humano via experiência. E se o que julgamos ser a realidade não passar de um produto de nossa percepção cultural? Serão os traços que se imporão a nós ou seremos nós que, licenciados por todo um contexto sócio-histórico-cultural, reelaboramos os dados sensoriais para efeito de compreensão? Tornaremos a essas questões adiante; fiquemos, por hora, apenas com as interrogações.

Além dessa metáfora cujo fim é “traduzir noções e conceitos abstratos por meio de referências aos objetos das nossas percepções sensíveis” (Garcia, 2001, p.106), há outro tipo de metáfora à qual a tradição convencionou chamar de catacrese. Sobre esta lemos:

A catacrese é, portanto, uma espécie de metáfora morta, em que já não se sente nenhum vestígio de inovação, de criação individual e pitoresca. É a *metáfora tornada hábito* lingüístico, já fora do âmbito estilístico. [...] faz-se catacrese quando se diz: enterrar uma agulha na pele (pele não é terra), sacar dinheiro no banco (banco não é saco), braço da cadeira... (grifos do autor) (Garcia, 2001, p.111)

Notamos que, na perspectiva clássica, a metáfora propriamente dita é a que tem função estilística. Desta feita, as que estão incorporadas ao léxico não se prestam a uma funcionalidade; por isso são mortas. E interrogações ficam sem resposta; por que, na linguagem humana, fazem-se notar metáforas sem função estilística, se essa é a razão de ser da metáfora? Se não há função estilística, que função elas teriam?

As questões deixadas em aberto pela teoria clássica assim permanecem enquanto a natureza da metáfora é entendida como puramente lingüística. Nos anos 80, no entanto, com o lançamento da obra *Metaphors we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson, uma nova visão da natureza da metáfora populariza-se. Esta passa a ser entendida como figura do pensamento.

Lakoff e Johnson argumentam que “nosso sistema conceitual, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza metafórica” (Lakoff e Johnson, 1980, p.3). Se o nosso sistema conceitual é metafórico, a metáfora é, portanto, parte do nosso sistema de organização do pensamento; assim, as chamadas “metáforas mortas”, na perspectiva clássica, são evidências de que o uso cotidiano da linguagem está impregnado de metáforas, as quais atuam como mecanismos que permitem ao ser humano fazer sentido no universo. Sob esse novo olhar, o da Teoria da Metáfora Conceitual, a metáfora é definida como o entendimento de um domínio conceptual em termos de outro modelo conceptual; não em termos de similaridades entre características intrínsecas aos objetos, coisas e seres no mundo objetivo.

1. A Teoria da Metáfora Conceitual a Partir das Contribuições de Joseph Grady¹

Segundo Grady (1997), há dois possíveis tipos de relacionamento lógico entre os conceitos; a saber: **a correlação e a percepção de semelhança**. As metáforas conceituais, portanto, ou são geradas por correlação entre domínios experienciais distintos [caso das chamadas *metáforas primárias* e das *metáforas compostas de primárias*] ou por percepção de semelhança entre objetos [caso das chamadas *metáforas de semelhança*; das *metáforas de imagem* e das *metáforas do tipo genérico/específico*].

As metáforas correlacionais são frutos de mapeamentos entre domínios conceituais de níveis distintos, mapeamentos esses licenciados, em princípio, por um modelo cultural. Assim, a metáfora DESEJAR É TER FOME, por exemplo, é gerada a partir da correlação entre um domínio fonte, que

1. A teoria da metáfora conceitual sofreu reestruturação em seus vários conceitos a partir da Hipótese da Metáfora Primária, proposta por Grady (1997). Visto que a referida hipótese está integrada à Teoria da metáfora conceitual na obra *Philosophy in the Flesh* (1999), de Lakoff e Johnson, partimos do entendimento deste paradigma teórico já a partir das contribuições dos trabalhos de Joseph Grady. Para um entendimento da reestruturação pela qual os vários conceitos usados na primeira versão da teoria passaram, sugerimos a leitura do artigo “A nova tipologia da metáfora conceitual”, de Paula Lenz Costa Lima (plenz@uece.br).

é sensorial, no caso, SENTIR FOME, e um domínio alvo, que envolve resposta ao input sensorial da fome, no caso, O DESEJO DE SACIAR A FOME. O fato de sentirmos, recorrentemente, fome e de esta experiência vir acompanhada de um desejo é o que gera a metáfora DESEJAR É TER FOME. Por sua vez, esta licencia expressões metafóricas na língua, tais quais: “Ela tem sede de reconhecimento”, “Ela tem fome de poder”.

Grady (1997), no entanto, percebeu que várias expressões metafóricas recorrentes nas línguas naturais não são geradas por correlações entre domínios experienciais distintos. Uma dessas expressões é a comumente citada como ilustração da clássica teoria da similaridade, a saber: “Aquiles é um leão”.

Tornemos às metáforas geradas por correlação a fim de melhor compreendermos a distinção entre uma metáfora do tipo “Ela tem fome de poder” (correlacional) e uma do tipo “Aquiles é um leão” (não-correlacional). De acordo com Grady (1997), a base da metáfora gerada por correlações é a **cena primária**. Esta é uma representação cognitiva de uma experiência recorrente envolvendo relação estreita entre duas dimensões experienciais. Assim, metáforas como DESEJAR É TER FOME, DIFICULDADES SÃO PESOS e QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL, as quais licenciam, respectivamente, as expressões “Ele tem fome de poder”, “Isso tem sido um fardo em minha vida” e “A população dos países europeus continua baixando”, são adquiridas inconscientemente, automaticamente, via processo de aprendizagem neural.

Voltemos, à luz do que acabamos de expor, à metáfora “Aquiles é um leão”. Se postularmos que essa metáfora é gerada por correlação entre o domínio fonte (leão) e o domínio alvo (homem corajoso), temos de admitir 1. a existência de experiências recorrentes capazes de viabilizar a associação entre uma pessoa brava e um leão, de modo a constituir uma cena primária; 2. a existência do atributo “coragem” na caracterização de leão, o que serviria de motivação para a metáfora PESSOAS BRAVAS SÃO LEÕES. Conforme argumenta Grady (1997), as experiências de um homem ocidental, na contemporaneidade, com o animal leão não são suficientes para a formação de uma cena primária. Além disso, a coragem leonina é uma característica humana que nós, humanos, projetamos na atitude do leão, o qual age instintivamente. Essa característica não é parte dos elementos constitutivos do esquema de leões – aparência, habitat, hábitos noturnos etc.

Com base nessas observações, pondera Grady (1997) que o mapeamento entre leão e homem corajoso “é muito provavelmente baseada na percepção de aspectos comuns em seus comportamentos” (Grady, 1997, p.222).

Em que diferem as chamadas metáforas geradas por percepção de semelhança das clássicas metáforas de similaridade? Analisemos a metáfora “Aquiles é um leão” à luz de ambos os paradigmas – o clássico e o da teoria da metáfora conceitual – a fim de elucidarmos essa questão.

Pelo paradigma clássico, a constituição da supracitada metáfora é assim entendida: no plano real, há uma idéia ou coisa a ser definida ou expressa, no caso, “pessoa corajosa”; no plano imaginário, há uma outra idéia ou coisa, no caso, “leão”, em que a imaginação percebe alguma relação ou semelhança com o plano real. Essa área de semelhança entre “pessoa corajosa” e “leão” é possível porque entre os termos comparante (leão) e comparado (pessoa corajosa) há semas – unidades mínimas de sentido – idênticos. Quanto maior for o número de semas compartilhados entre o termo comparante e o comparado, tanto mais expressiva, tanto mais congruente é a metáfora. Assim, entre “leão” e “pessoa corajosa” haveria, pelo menos, um sema compartilhado que permite a constituição da metáfora.

Pela teoria da metáfora conceitual, as metáforas são entendidas como modelos de associação dentro de redes neurais ativadas. Tem-se, que entre “leão” e “pessoa corajosa” há sobreposição de um traço, a coragem, que eles apenas aparentemente compartilham. A ativação desse traço dá-se por semelhanças percebidas pelo ser humano; entre um comportamento de um ser irracional *versus* um comportamento de um ser racional.

Contrastando as duas análises da metáfora em apreciação, temos que, no paradigma clássico, postula-se um compartilhamento de semas, culturalizados e codificados, entre os termos constitutivos da metáfora. Portanto, é o compartilhamento de traços entre um e outro elemento envolvido na metáfora que viabiliza a construção metafórica. Esses traços, à medida em constituem os sememas de cada elemento envolvido na metáfora, passam a constituir a significação dos lexemas “leão” e “pessoa corajosa”. A questão é: qual a base para a constituição desses traços?

Na perspectiva da teoria da metáfora conceitual, por seu turno, admite-se que não há o compartilhamento de traços entre um e outro elemento envolvido na metáfora; há sobreposição de um traço só aparentemente compartilhado. Como consideramos, segundo a argumentação desenvolvida por Grady (1997), entre “leão” e “pessoas corajosas” não há dimensões correlacionais geradoras de uma conceituação que embase uma metáfora primária; o que ocorre é a ativação de uma sobreposição – um comportamento instintivo em um comportamento humano; o qual passa por um processo de animalização. A base para a constituição dessas percepções de semelhanças encontra-se nos mecanismos cognitivos da percepção e da categorização; incluindo, provavelmente, o papel estruturador dos sistemas imagéticos. Admite Grady (1997) a necessidade de estruturação de uma Teoria de Semelhança, para uma melhor caracterização dessas metáforas a partir da compreensão de nossas habilidades de estabelecer semelhanças.

Em suma, enquanto na perspectiva clássica postula-se a existência de traços inerentes à significação dos componentes de uma metáfora; na perspectiva da teoria da metáfora conceitual postula-se a percepção de alguns aspectos não inerentes aos membros envolvidos na metáfora. Nossa capacidade de percepção não implica similaridade literal.

2. As Metáforas de Semelhança na Construção de Referentes Discursivos

Se a metáfora é parte de nosso sistema de organização do pensamento, a conclusão lógica é a de que o uso da metáfora é inevitável. O fato de ser inevitável, por sua vez, significa que a linguagem cotidiana é repleta de expressões metafóricas, as quais são compreendidas em suas significações mediante análise do co(n)texto e dos propósitos comunicativos dos que as utilizam, haja vista realizarem-se no discurso.

Partindo do entendimento segundo o qual o nosso cérebro não opera como um sistema espelhado do mundo biossocial, nossa maneira de ver e dizer o “real” é, portanto, uma reelaboração, para fins de compreensão, dos dados que nos são apreendidos via sentidos. E essa reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua (Koch e Marcuschi: 1998 *apud* Koch, 2004:57). Nessa acepção, a discursivização do mundo por intermédio da linguagem dá-se como processo de (re)construção interativa do próprio real. Os *referentes* são, portanto, o produto de nossa percepção e o ato de *referenciação* “privilegia a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do

mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores” (Mondada, 2001, p. 09 *apud* Koch, 2004, p.61).

Tendo em vista que as metáforas de semelhança são geradas pela percepção humana de semelhanças entre objetos; tendo em vista, também, que é a percepção humana a responsável pela escolha do material conceitual mapeado entre os elementos que entram na composição da metafórica de semelhança, postulamos que esse tipo metafórico é bastante produtivo na construção de referentes discursivos. Acreditamos, assim, que a análise das metáforas de semelhança no âmbito do discurso permite-nos flagrar os aspectos avaliativos e afetivos na constituição dos referentes discursivos, assim possibilitando-nos uma compreensão dos valores subjacentes às representações de “objetos” sociais como *situações, interações, grupos, instituições, indivíduos* em dado momento sócio-histórico.

No que concerne à orientação argumentativa na construção dos referentes discursivos via expressões metafóricas de semelhança, registramos nosso embasamento numa perspectiva dialética da argumentação. Nessa perspectiva, compreende-se que para que a argumentação aflore, é preciso um tema passível de debate, uma idéia a ser defendida, proposições que justifiquem um ponto de vista e a existência de um antagonista. A argumentação é, portanto, sempre dialógica, pois a presença do interlocutor, mesmo que virtualmente, é constante.

3. Dados da Pesquisa – Exercício de Análise e Reflexão

Partindo da hipótese de que as expressões metafóricas geradas por semelhança, recorrentes no uso lingüístico cotidiano, são expressões que se prestam à construção de referentes discursivos, e que o estudo de tais nos permite flagrar os aspectos avaliativos e afetivos na constituição de tais referentes, empreendemos análise das expressões metafóricas mediante as quais usuários de *blogs* representaram os “objetos” sociais envolvidos no chamado caso policial Isabella Nardoni.

Em nossa análise, constatamos que, ao deixar um comentário registrado no blog, o leitor do blog não o faz simplesmente para o blogueiro; ele interage, dialoga, com os demais leitores desta instância digital de interlocução, no sentido de refutar uma linha de raciocínio instaurada por outro leitor, visando à defesa de seu ponto de vista sobre o assunto em discussão. Assim, instauram-se discursos nos quais as expressões metafóricas utilizadas atuam como instrumento de defesa de um ponto de vista. Em linhas gerais, especificamente quanto à discussão envolvendo o caso Isabella Nardoni, percebemos que alguns leitores do blog apontaram o casal acusado do crime como, realmente, os culpados; enquanto outros procuraram discutir a hipótese de uma terceira pessoa adulta estar realmente na cena do crime e ser a culpada. Nesse embate, foram objetos de questionamentos a atuação da polícia, da promotoria, das testemunhas; enfim, dos envolvidos, direta ou indiretamente no caso.

O caso Isabella Nardoni refere-se à morte da menina brasileira Isabella de Oliveira Nardoni, de cinco anos de idade, que foi jogada do apartamento de seu pai, localizado no sexto andar do *Edifício London*, em São Paulo, na noite do dia 29 de março de 2008. O caso gerou grande repercussão nacional e, em função das evidências deixadas no local do crime, Alexandre Alves Nardoni e Anna Carolina Trotta Peixoto Jatobá, respectivamente pai e madrasta da criança, passam a réus de ação penal e respondem por homicídio. O pai e a madrasta de Isabella afirmam que o prédio onde residem foi assaltado e que a menina foi jogada por quem assaltou o prédio. Até o momento, os laudos

periciais não registram indícios de uma possível terceira pessoa adulta na cena do crime, além do pai e da madrasta.

Compondo esta cena, tem-se, portanto, de um lado, um casal jovem de classe média alta – Alexandre, de 29 anos, e Anna Carolina, de 24 anos; os quais são pais de duas crianças; Pietro, de 03 anos, e Cauã, de 01 ano. A família reside em um apartamento da Zona Norte de São Paulo, avaliado, segundo divulgado pela mídia, em 250.000 reais, o qual teria sido um presente do pai de Alexandre, o advogado tributarista Antonio Nardoni. Do outro lado, tem-se a também jovem Ana Carolina Cunha Oliveira, de 24 anos, de classe média, a qual engravidara do namorado, Alexandre Nardoni, aos 17 anos. Alexandre separou-se de Ana Carolina quando Isabella tinha onze meses. Em acordo jurídico, foi definida pensão alimentícia de 250 reais, paga pelo pai de Alexandre, e o direito a duas visitas mensais, quinzenalmente. Foi em uma dessas visitas que a menina Isabella veio a óbito.

Durante os meses de abril e maio de 2008, a imprensa brasileira volta-se para a divulgação do caso Isabella Nardoni. Ao longo de toda a grade da programação televisiva dos canais abertos, e amplamente via internet, informações acerca do caso são divulgadas – inclusive com interrupções da programação corrente, no caso das emissoras de TV, com o fim de propiciar ao telespectador flechas, ao vivo, da entrada do apartamento do casal Alexandre e Anna, da casa dos pais de Alexandre Nardoni, da casa da mãe de Isabella, da porta da delegacia onde o casal prestaria depoimento etc. Blogs também sofreram modificações em suas linhas usuais de debate. Exemplo disso, foi a visibilidade dada ao caso por *blogs* que, tradicionalmente, versam sobre a cena política do país. O blog do jornalista Ricardo Noblat [<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>], por exemplo, em um só dia, destinou o espaço de seis postagens ao caso Isabella, inclusive sendo este o tema da enquete e da charge do dia. A cada postagem do blogueiro, os leitores do *blog* entram em cena com seus comentários.

Ao longo de abril e maio de 2008, portanto, acompanhamos as discussões travadas pelos leitores do *blog* do jornalista Ricardo Noblat e coletamos várias expressões metafóricas por eles utilizadas na representação dos “objetos” sociais envolvidos no chamado caso policial Isabella Nardoni.

Mediante análise dos dados, observamos, nas expressões metafóricas utilizadas nos comentários analisados, associações recorrentes entre **seres humanos e animais irracionais**, como modo de representação dos indivíduos envolvidos no caso [pai, mãe, porteiro do prédio, tia], na divulgação do caso [repórteres], no desvendamento do caso [promotor] e na “contemplação” do caso [grande público] e **entre seres humanos/instituições e personagens ficcionais**, como modo de representar atitudes dos envolvidos no caso [pai, mãe, suposta terceira pessoa] e atitudes dos envolvidos no desvendamento do caso [promotor; polícia]. Passemos, portanto, à apresentação e discussão das expressões metafóricas nas quais flagramos as referidas associações.

3.1. Associações entre Seres Humanos e Animais Irracionais

Embasados nas ponderações de Grady (1997), sobre as quais versamos, hipotetizamos que as associações entre seres humanos e animais irracionais são motivadas pela metáfora conceitual de semelhança PESSOAS SÃO ANIMAIS². Observemos as expressões metafóricas nas quais essa associação faz-se presente; juntamente com a análise dos valores afetivos e avaliativos.

3.1.1. Nome: Jorge Luiz de Oliveira - 11/4/2008 - 19:19

Esse *promotor late* muito em “conversa reservada”, mas não passa de um bobalhão!

3.1.2. Apelido: DomPixote - 11/4/2008 - 12:50

O promotor desse caso *parece um pavão*, mereceu levar esculacho do juiz e agora do desembargador. Menos falatório e mais trabalho.

A análise co(n)textual da primeira expressão revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento de traços de *impotência* e *inaptidão* do domínio conceitual de cão que late para o de homem que muito fala. A relação de semelhança entre os dois conceitos é estabelecida pela percepção segundo a qual os cães que atacam eficientemente o fazem sem aviso prévio, sem latidos; o que está cristalizado na expressão proverbial “Cão que ladra não morde”; enquanto os que latem, muitas vezes, apenas latem. Assim, o autor desse comentário assemelha a atitude do promotor, que muito se expôs à mídia, à atitude do cão que ladra; chamativa de atenção, porém não resolutiva.

A análise co(n)textual da segunda expressão revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento do traço *exibicionismo* do domínio conceitual de pavão para o de homem. A relação de semelhança entre os dois conceitos é estabelecida pela percepção segundo a qual os pavões, em virtude de sua exuberante plumagem, são ostentosos, o que é mapeado para o domínio conceitual de homem. O autor desse comentário, portanto, assemelha a atitude do promotor, de muita exposição na mídia, ao exibicionismo do pavão.

É interessante notarmos que tanto o latir dos cães quanto a plumagem dos pavões são interpretados por nós, seres humanos, respectivamente, como representações de *ineficiência* e de *exibicionismo* e encontramos, assim, semelhanças entre atos humanos e a nossa representação do que são características de animais irracionais.

3.1.3. Apelido: DomPixote - 10/4/2008 - 17:18

Observe as cenas da cobertura, os repórteres e fotógrafos se degladiam³, parecem mais *hienas famintas a procura de sangue* e menos preocupados em passar a informação correta.

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento do traço *oportunismo* do domínio conceitual de hiena para o de homem. A relação de semelhança entre os dois conceitos é estabelecida pela percepção segundo a qual as hienas, ao invés de caçarem para saciar a fome, aproveitam-se das carcaças deixadas por outros animais a fim de satisfazerem-se. O autor desse comentário, portanto, assemelha a atitude dos repórteres e fotógrafos, em busca da projeção que lhes dará noticiar algo em torno do caso Isabella Nardoni, à

2. A pesquisadora e professora da Universidade Estadual do Piauí, Silvana Maria Calixto de Lima, em seu artigo “A metáfora de semelhança”, analisa a produtividade da metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS no gênero canção. Recomendamos a leitura do referido artigo na obra *Faces da metáfora*. MACEDO, Ana Cristina Pelosi; BUSSONS, Aline Freitas (orgs). *Faces da metáfora*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

3. De acordo com a ortografia vigente, o correto é “digladiam”. Visando à manutenção da integridade dos comentários tais quais estes foram a público no *blog*, não procedemos a modificações nos comentários analisados neste artigo.

das hienas famintas. Estes – repórteres e fotógrafos – estariam, assim, à espreita a fim de aproveitarem-se das mazelas causadas por outros (carcaças) para efeito de tirar vantagem pessoal. A expressão “hienas famintas a procura de sangue”, aqui compreendida como metáfora de “repórteres e fotógrafos na cobertura de um caso policial”, configura uma avaliação negativa do comportamento desses profissionais.

3.1.4. Apelido: Caminhando - 10/5/2008 - 11:52

Dois fatos se tornam estarrecedores após esse crime: a postura pétrea do Sr. Antonio Nardoni e a *aparência camaleônica* de Cristiane Nardoni.

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento do traço *adaptação* do domínio conceitual de camaleão para o de homem. A relação de semelhança entre os dois conceitos é estabelecida pela percepção segundo a qual os camaleões modificam a coloração de sua pele em consonância com o ambiente, a fim de se protegerem contra predadores, o que é mapeado para o domínio conceitual de ser humano – este, à semelhança dos camaleões, modifica seus discursos, suas atitudes a fim de se proteger ou de proteger outros. Assim, o autor desse comentário assemelha a atitude da irmã de Alexandre Nardoni, em suas declarações, à mídia, sobre o irmão, à atitude do camaleão; que seria adaptativa às circunstâncias.

Percebemos que a metáfora *peessoas são animais* licenciou, respectivamente, nas representações do promotor do caso Isabella Nardoni, dos profissionais que cobriram o referido caso policial e da irmã de um dos acusados do crime as expressões metafóricas “promotor late” e “parece um pavão”, “hienas famintas à procura de sangue” e “aparência camaleônica”. Em nossa cultura, são recorrentes as expressões lingüísticas nas quais flagramos relações entre o homem e outras espécies animais; há, portanto, campo fértil para os estudos dessas metáforas de semelhança.

3.2. Associações entre seres Humanos/Instituições e Personagens Ficcionalis.

Hipotetizamos que as associações entre seres humanos e personagens ficcionais e entre instituições e personagens ficcionais são motivadas, respectivamente, pelas metáforas de semelhança PESSOAS SÃO PERSONAGENS FICCIONAIS e INSTITUIÇÕES SÃO PERSONAGENS FICCIONAIS. Observemos as expressões metafóricas nas quais essas associações fazem-se presente; juntamente com a análise dos valores afetivos e avaliativos.

3.2.1. Nome: Bianca Ferreira lemos - 10/4/2008 - 17:36

E eu acredito que *Silvias* (personagem de Alinne Moraes, na novela *Duas Caras*, da Rede Globo) existam. São muitas evidências, muitas coincidências.

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento dos traços *obsessão, falta de escrúpulos, paranóia* do domínio conceitual de personagem do mundo da ficção para o de pessoas na vida real. A relação de semelhança entre os dois conceitos é estabelecida pela percepção segundo a qual a personagem ficcional era fria, dissimulada, capaz de atentar contra a vida de quem atrapalhasse seus planos, obcecada pelo namorado, mimada, o que é mapeado para o domínio conceitual de pessoas na vida real – a acusada, Anna Jatobá, à semelhança da vilã ficcional Sílvia, parece dissimular, estar disposta a matar, ter

ciúme doentio tanto da enteada quanto do esposo etc. Assim, a expressão “Sílvia”, aqui compreendida como metáfora de “Anna Jatobá”, configura uma avaliação negativa do comportamento de Anna. Como em um mapeamento metafórico tem-se que apenas alguns aspectos são evocados, notamos que, neste mapeamento entre Sílvia e Anna Jatobá, não são mapeáveis os traços de sensualidade e requinte que compunha a personagem ficcional.

Um ponto que nos chamou atenção nessa associação concerne à condução, por parte da própria mídia, dessa associação. A mídia construiu uma imagem da acusada, Anna Jatobá, no sentido de mostrá-la como ciumenta, calculista, irresponsável; o que vinha a calhar com vários traços da vilã do folhetim mais assistido pelo país, à época do da cobertura do caso policial. Na trama ficcional, Sílvia tenta matar o filho de seu namorado, por ciúmes; na vida real, uma jovem madrasta é acusada de matar sua enteada. Acreditamos, portanto, que um trabalho cuja proposta seja elucidar os mecanismos cognitivos de associação; deva discutir a influência da mídia nessas construções associativas.

3.2.2. Apelido: calcutaHilton - 19/4/2008 - 15:33

Quem não é aprovado pela OAB é considerado como se tivesse completado a sua Formação Superior? ou é apenas um teste seletivo para admissão em um clube? Esta Lei Fleuri é boazinha mesmo, hein? Basta comprar o canudo, para sair matando. Nem o 007 tem tal poder.

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento do traço *licença para matar* do domínio conceitual de personagem do mundo da ficção para o de pessoas na vida real. A relação de semelhança entre os dois conceitos é estabelecida pela percepção segundo a qual a personagem ficcional, o agente James Bond, mais conhecido pela numeração que indica sua penalidade em caso de executar um “inimigo do governo” – 00 – e sua matrícula no serviço britânico – 7, é licenciado para matar em nome da defesa dos interesses do Governo Britânico, para o qual trabalha; o que é mapeado para o domínio conceitual de pessoa na vida real. O acusado, Alexandre Nardoni, à semelhança do agente James Bond, também está licenciado para matar. No caso de Alexandre, a licença lhe foi concedida pelo Estado brasileiro em função de um diploma universitário que atesta ser Alexandre Bacharel em Direito. Assim, a expressão “007”, aqui compreendida como metáfora de “Alexandre Nardoni”, configura uma avaliação negativa da legislação brasileira; a qual, segundo o autor do comentário, licencia quem tiver concluído um curso superior a matar; pois este já sabe que sua condição de encarceramento não será tão penosa, pois não ficará em cela comum. Ao correlacionar a personagem 007 a Alexandre Nardoni, o autor do comentário adota como pressuposto que este é culpado.

3.2.3. Apelido: Jocasa - 21/4/2008 - 15:39

Eu acho que essa terceira pessoa era *um ET*, e daqueles *tipo Superman*, rápido por demais. Só rindo desses dois palermas, e cadeia para eles.

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento dos traços *não-humano* e *com superpoderes* do domínio conceitual de personagem do mundo da ficção para o de pessoas na vida real. Tem-se aqui uma ironia. Tendo em vista a inexistência de vestígios de um suposto terceiro adulto na cena do crime, estabelece a autora do comentário uma associação entre características de seres ficcionais e a suposta terceira pessoa. Para

ter adentrado o lar da família Alexandre e Anna, encontrado uma tesoura, rasgado a proteção da janela e jogado a menina Isabella no espaço de tempo alegado pelo casal de acusados, ironiza a comentarista: este teria de ter características não-humanas (um ET) e este não seria qualquer ET, tinha de ser do tipo que tem superpoderes (Superman). Assim, as expressões “um ET” e “tipo Superman”, aqui compreendidas como metáforas de “terceiro adulto na cena do crime”, configura uma avaliação negativa da versão contata pelos acusados Alexandre e Anna.

Essa construção associativa chama-nos atenção por um aspecto que, a nosso ver, a difere das duas anteriores associações comentadas. Enquanto a metáfora “Sílvia” para “Anna Jatobá” e “007” para “Alexandre” são afirmativas; ou seja, estabelecidas pela sobreposição de traços – *obsessão, falta de escrúpulos, paranóia; licença para matar* – entre as pessoas reais, Alexandre e Anna, e as personagens ficcionais, as metáforas “um ET” e “tipo Superman”, no contexto, estão evocando o absurdo; daí serem lidas como ironia à versão propagada pelo casal acusado do crime.

3.2.4. Nome: Carlos Alberto Dias Saraiva - 2/4/2008 - 17:11

Eu não disse? A polícia brasileira é formada por um *cruzamento do Inspetor Clouseau com Chuck Norris*. Viram como se investiga no Brasil? É assim: o delegado escolhe um suspeito-de preferência um envolvido na história, nesse caso o pai- joga uma suspeita na frente dos jornalistas - que como os delegados, preferem uma declaração já pronta a investigar-que colocam na manchete a suspeita. Aí o delegado escolhe as provas e evidências que encaixam naquele suspeito e coage testemunhas para criar uma clima de culpa, ajudado pela nossa imprensa.

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento dos traços *atrapalhado e aguerrido* do domínio conceitual de personagem do mundo da ficção para o de instituição. A personagem Jacques Clouseau é um inspetor conhecido por ser absolutamente atrapalhado. Por sua vez, o ator Chuck Norris acabou por se tornar sinônimo de valentia em decorrência de seus papéis heróicos em filmes de ação. São várias as brincadeiras na internet que satirizam o espírito belicoso das personagens interpretadas por Chuck Norris, entre as chamadas “verdades sobre Chuck Norris”, lemos “Uma vez o amor encarou *Chuck Norris*. Desde então o amor é cego.” [www.chucknorris.com.br]. Esses dois estereótipos são postos em cruzamento na expressão formulada; cruzamento esse que, na percepção do autor do comentário, define a instituição “polícia brasileira”. A polícia brasileira, portanto, mostra-se, na investigação do caso Isabella Nardoni, com uma índole combativa absolutamente atrapalhada. Assim, a expressão “cruzamento do Inspetor Clouseau com Chuk Norris”, aqui compreendida como metáfora de “polícia brasileira”, configura uma avaliação negativa dos métodos empreendidos pela polícia brasileira.

Percebemos que as metáforas *pessoas/instituições são personagens ficcionais* licenciou, respectivamente, nas representações da irmã de Alexandre Nardoni, do próprio Alexandre, do suposto terceiro adulto na cena do crime e da instituição que investiga o crime, as expressões metafóricas “Sílvia”, “007”, “ET/ tipo Superman” e “cruzamento do Inspetor Clouseau com Chuck Norris”. Em nossa cultura, são recorrentes as expressões linguísticas nas quais flagramos relações entre o homem e personagens ficcionais. Assim, à medida que a arte reelabora os objetos sociais; estes são reelaborados via arte.

No que tange à orientação argumentativa presente nas expressões metafóricas acima consideradas, notamos que tanto as geradas por associações entre seres humanos e animais quanto

as geradas por associações entre seres humanos/instituições e personagens ficcionais configuraram avaliações negativas dos objetos sociais representados. Essas avaliações negativas estiveram a serviço da defesa de dois pontos de vista distintos; o dos que asseveram a culpa do casal acusado do crime e o dos que questionam essa culpa por mostrarem as falhas da cobertura feita pela mídia e os erros no processo de investigação; erros estes que desabonariam as provas contra o casal Alexandre e Anna.

Assim, os que defendem a culpa do casal representaram a ambos como homicidas [ele “007”; ela “Sílvia”]; representaram a versão contada pelo casal como absurda [daí o suposto terceiro adulto na cena do crime ser “um ET”, “tipo Superman”]; e desabonaram a testemunha de defesa de Alexandre por considerá-la dissimulada [daí a “aparência camaleônica” de Cristiane Nardoni]. Por seu turno, os que questionam a culpa do casal em função da condução do processo investigativo e do modo como a mídia transmite o caso, representaram os agentes da lei como desqualificados [daí “promotor late” e “parece um pavão”]; representaram os profissionais da mídia como oportunistas [daí “hienas famintas a procura de sangue”] e a própria instituição policial como despreparada [daí “um cruzamento do Inspetor Closeau com Chuck Norris”].

Considerações Finais

Como parte do sistema humano de organização do pensamento, a metáfora é um meio de reelaboração, para fins de compreensão, dos dados que nos são apreendidos via sentidos. Assim, as expressões lingüísticas geradas por percepções de semelhanças entre objetos por meio das quais representamos os “objetos” sociais não são facultativas no discurso. Tais expressões, além de se prestarem à tradução de um conceito abstrato por meio de referências a objetos sensíveis por nossas percepções, como já preceituava a teoria clássica, não se restringem à seara dos recursos expressivos. Por isso mesmo, a análise dessas expressões, na construção de referentes discursivos, permite-nos flagrar os valores afetivos, avaliativos e argumentativos constitutivos de um dado discursivo.

Na investigação que fizemos das representações metafóricas dos “objetos” sociais constitutivos do caso policial Isabella Nardoni, notamos quão ricas são as expressões lingüísticas geradas por associações que se prestaram à representação das atitudes humanas, quer por meio da percepção de semelhança entre tais atitudes e características de animais irracionais, ou entre tais atitudes e a das personagens ficcionais. Tendo em vista a variedade infinita de pares de conceitos passíveis de entrarem em relação na constituição das metáforas de semelhança, o estudo desse tipo metafórico é campo profícuo à pesquisa.

Referências

GARCIA, O.M. **Comunicação em prosa moderna**: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 20.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

GRADY, J.E. **Foundations of meaning**: primary metaphors and primary scenes. PhD Dissertation, University of California, Berkeley, 1997.

_____. A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. Resemblance. In G. STEEN & R. GIBBS (eds.) **Metaphor in cognitive linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, 1999, pp. 79-100.

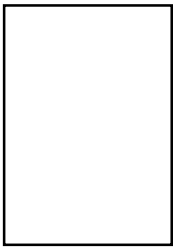
KOCH, I.G.V. **Introdução à lingüística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980.

_____. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LIMA, P.L.C. **Desejar é ter fome**: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Tese de Doutorado, 1999.

MACEDO, A.C.P. & BUSSONS, A.F. (orgs.) **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.



METÁFORA E TRADIÇÃO DISCURSIVA

Maria do Socorro de Oliveira Brandão

RESUMO

Para além das discussões entre oralidade e escrita, as tradições discursivas nos textos das cantigas medievais galego-portuguesas apresentam-se como mais um desafio para os estudiosos da história do Português do Brasil, dado à distância no tempo entre a tradição manuscrita e o fato comunicativo. O objetivo deste trabalho é observar a recorrência de metáforas relativas ao paradigma do amor cortês no contexto medieval que se traduzem como tradições discursivas no canto nordestino. Nesse sentido, pretendemos demonstrar que muito embora sejam distintas as contingências históricas, as motivações que condicionam o uso de tradições discursivas na obra dos trovadores medievais e dos cantadores modernos são as mesmas.

Palavras-chave: Metáfora, Tradições discursivas, Amor cortês.

ABSTRACT

Further on the discussions between orality and writing, the discursive traditions in the texts of portuguese-galician medieval songs report one more challenge to students of the history of Brazilian portuguese, because of the time distance between the manuscript tradition and the communicative fact. The main goal of this work is to observe the recurrence of metaphors relative to the paradigm of courteous love in the medieval context that can be translated as discursive traditions on the northeast regional songs. In this regard, we intend to show that, though the historical contingencies are very much different, the motivation that condition the use of discursive traditions on the medieval troubadours' and the modern folk singers' works are the same.

Keywords: Metaphor, Discursive traditions, Courteous love.

1. Tradições discursivas

Dentro do que se entende por pragmática universal, o conceito de tradições discursivas estabelecido pelos romanistas alemães no final deste século passado tende a dar continuidade às teorias da linguagem segundo Coseriu (1981b) e Labov (1996). Em nível histórico, as condições pragmáticas de produção e realização de ações comunicativas abarcam as técnicas lingüísticas e discursivas próprias da linguagem e sustentam as bases daquilo que vem sendo observado como linguagem de proximidade e de distância ao alcance da compreensão de traços de escrita e fala. Deste modo, pode-se perceber as tradições discursivas como “moldes histórico-normativos, socialmente estabelecidos que se respetan en la producción del discurso”, de acordo com Jacob/ Kabatek (2001). Para esses teóricos, as tradições discursivas (textos históricos, discursos) formam parte de uma ou de várias línguas em que se encontra filiadas ou intertextualizadas e incluem as constelações situacionais, mediais e institucionais no plano do entorno, também percebidas na superfície do texto, em fórmulas, língua, construções, passagens textuais. etc (JACOB / KABATEK, 2001).

A historicidade das línguas passa a determinar novos conceitos da elaboração lingüística apreendidos no âmbito da comunicação, situando a língua histórica como língua de cultura, “capaz de produzir cualquier género textual o tradición discursiva”. Neste sentido, as línguas românicas na Idade Média apresentam-se particularmente interessantes enquanto lugar de fortalecimento e de mudanças lingüísticas bastante significativas, considerando o acesso à escrita, introduzindo novas tradições discursivas a partir da recepção dos discursos orais. Retome-se, a título de exemplo, o célebre *Poema de Mio Cid* (manuscrito de Madrid) no contexto do medievo peninsular, comparado à não menos célebre canção de gesta francesa, *Le Chanson de Roland* (manuscrito de Oxford), repetindo fórmulas da poesia oral, como prática do falar e do escrever.

De acordo com Oesterreicher,

Estas epopeyas se basan, en esencia, en breves canciones épicas anónimas que fueran recitadas e presentadas, en determinadas ocasiones, al público. Éstas fueron generalmente un eco o, mejor dicho, una memoria de las grandes migraciones de los pueblos germánicos, de los godos, alamanes, vándalos, longobardos, borgondas, etc. En los siglos de la transición de la antigüedad a la Edad Media. Son formas de literatura oral, es decir, de poesía oral... (OESTERREICHER, 2001, p.208).

Noutros contextos, tanto lingüísticos quanto literários, estas tradições discursivas se inscrevem como práticas sociais do falar e do escrever, ou formas de cristalização do discurso mais amplas do que o espaço de uma língua natural. Enquanto práticas discursivas também podem ser entendidas como Tradições Discursivas o mesmo que gênero discursivo ou textual.

Desde uma perspectiva de gênero, *La chanson de Roland* francesa, que já intertextualizava “canciones épicas anônimas”, serviu de modelo para a paródia de Afonso Lopez de Baian, *Sedia-xi Don Belpellho en ûa sa maison*. De acordo com Brandão,

Nesta cantiga, a rubrica “Aquí se começa a gesta que fez Don Afonso Lopez a don Meendo e a seus vassalos, de maldizer” (LPGP, 1996: I, 90-91; Lagares, 2000: 171), além de fazer referência ao gênero, sugere a intenção parodística do autor, o que a faz suscetível de ser analisada e classificada sob vários pontos de vista pela crítica, tal como sucede com aqueles textos considerados paródia do amor cortês (BRANDÃO, 2006, p. 37).

Mas não apenas a célebre Chanson de Roland passaria a fazer eco na lírica profana galego-portuguesa. Dentro da retórica cortês, toda uma metáfora feudal utilizada na lírica occitana passaria às práticas discursivas das cantigas medievais galego-portuguesas. O pacto de união entre o senhor e o seu vassalo era celebrado dentro da lírica cortês de alguma forma aproveitando-se não só do ritual, mas do código lingüístico: Segundo Cropp “Dans la chanson courtoise, les rapports qui lient la dame et le poète-amoureux sont évoqués, l’aide de certains termes qui, dans la langue féodale, désignaient le pacte unissant le seigneur et son vassal” (CROPP, 1975, p. 472).

Pode-se dizer que a terminologia feudal constitui a metáfora do canto cortês da França do Midi e será a base temático-discursiva das cantigas medievais galego-portuguesas. O paralelo entre o código feudal e o código amoroso acabou manifestando-se igualmente por outros pontos de interesse relativo à vassalagem, tais como fidelidade, generosidade, cultura, boa educação, juventude e beleza (BRANDÃO, 2006, p.147).

Com efeito, a erótica cortês exprime a relação amorosa entre a dama/senhor e o poeta/vassalo, adotando a linguagem e os conceitos do direito feudal. Tal como acontecia na justa homenagem entre senhor e vassalo, na poesia feudal prestava-se um serviço de amor em troca do ben ou galardón. Nesta homenagem, o poeta amante-vassalo recupera a imagem do vassalo junto ao senhor feudal acatando os termos das obrigações e deveres de submeter-se até a morte por amor do seu amo e senhor remanescentes do lendário reino de Artur, da Távola Redonda (BRANDÃO, 2006, p.144-150). Já, em relação à terminologia feudal transposta para o canto cortês, Cropp assinala:

Nous avons déjà signalé çà des mots mais employés dans leur acception féodale ou des termes dont le sens courtois dérive du sens qu’ont eu ces termes dans les textes fédaux. Certains de ces mots appartiennent à vrai dire à la langue usuelle; d’autres, assimilés de bone heure, passent presque inaperçus dans l’ouvre des plus anciens troubadours. D’autres encore constituent des métaphores empruntées à l’origine pour enrichir la rhétorique courtoise; intégrés ensuite parfaitement à l’expression de l’amour courtois (CROPP, 1975, p 472).

O feudalismo forneceu ao canto trovadoresco um amor de cortesia ou de vassalagem. Na Lírica profana galego-portuguesa a grande metáfora feudal que se define no amor cortês foi levada às últimas conseqüência em nível de desvio, ironia e paródia.

2. Desvio, Ironia e Paródia

De acordo com Pozuelo Yvancos, a noção de desvio está estreitamente associada à especificidade da linguagem; à noção de texto literário e não literário:

La Estilística idealista o genética, buena parte de la poética estructuralista y lo más difundido de la estilística generativa suscriben desde diferentes ópticas y con finalidades y resultados distintos en cada caso la tesis de que a la lengua literaria cabe entenderla como un apartamiento de la lengua llamada estándar o común; este apartamiento o desvío lo es respecto a las normas que rigen el uso cotidiano y comunicativo del lenguaje y supone la existencia de unas estructuras, formas, recursos y procedimientos que convierten a la lengua literaria en un tipo de lenguaje específico y diferenciado de lenguaje que excede las posibilidades descriptivas de la gramática (POZUELO YVANCOS, 1988, p.18).

Em princípio, o desvio textual pressupõe um padrão normativo, um paradigma de texto, de forma, de gênero, de linguagem, etc., sendo, pois, antes de tudo, um elemento operativo da plurissignificação da palavra. A metáfora feudal assume os esquemas teóricos da escola trovadoresca e se reveste da cortesia para prestar homenagem à mulher medieval, *donat/ senhor*, no topo da hierarquia feudal transposta para a poesia lírica no medievo peninsular, seguindo a matriz provençal, conforme D. Dinis em *Quer'eu em maneira de proença* (25,99), primeira estrofe:

Quer'eu em maneira de proença
fazer agora un cantar d'amor
e querrei muit' i loar mha senhor,
a que prez nem fremsura nom fal,
nem bondade, e mais vos direi em:
tanto a fez Deus comprida de bem
que mais que todas las do mundo val.

No âmbito da poesia lírica galego-portuguesa, é possível que desde o início o esquema teórico importado da matriz provençal sofresse pressões socioculturais durante o processo de aclimação de uma série de normas que, segundo Tavani, seus próprios produtores contribuíram a “criar e a consolidar”. Esse modelo preexistente, em teoria, desenvolveu-se dentro de ambientes cortesões, controlado por um grupo social privilegiado e restrito que premiava sobretudo “aqueles produtores que souberon e quixeron adecuarse a isso” (1991, p. 98)

Segundo Tavani, “na *cantiga d' amor* semella presente unha rigidez temático- estilística máis intensa ca na *cantiga d' amigo* e na poesía satírica, onde a máis ampla gama de escollas suxire máis ben unha articulación normativa máis dúctil” (1991, p. 98). Esta afirmação é sustentável para ambas as escolas, de além e aquém Pirineus. Mas ainda se discute até que ponto os fatores condicionantes da rigidez normativa imposta pelo modelo provençal e implícito na tradição de cada gênero mais manifestamente compreensível se fixou na *cantiga de amor*, o texto lírico galego-português dos gêneros dos cancioneros, pelo menos como de maior prestígio social, tal a importância dada ao modelo importado, a cansó provençal.

Com efeito, pode-se encontrar abundantes metáforas, fórmulas e expressões circunscrita a linguagem dos trovadores de além Pirineus e à terminologia feudal. Termos como *senhor*, por exemplo, podem ser encontrados na lírica profana galego-portuguesa pelo menos 1672 vezes, sendo que só nas *cantigas de amor* verificam-se mais de 1500 ocorrências. Além disso, *aver por senhor*, *servirço*, *servir*, *ben*, *gallardon*, etc., entre outras ocorrências computadas em menor escala, são apenas alguns desses termos, usados com frequência não só nas cantigas de amor, mas nos demais gêneros medievais galego-portugueses. A vassalagem amorosa será, pois, o *lei-motiv* do canto trovadoresco e o seu contra-texto ou contracanto dos textos paródicos do gênero *de amor* tanto na lírica occitana ou provençal quanto como no âmbito da lírica profana galego-portuguesa. Desde o íncipit, tanto no texto, em *B 1066-V 657 A dona que eu am'e tenho por senhor* (22,3)¹ como no contratexto ou *escárnio de amor*, de acordo com Brandão (2002; 2006), em *A 282-B 1219-V 824 Non est'a de Nogueyra a freyra que me ten en poder* (117,6)², metáfora do feudalismo é uma constante.

1. Bernal de Bonaval, (LPGP, 1996, v.I, p. 164-165)

2. Pedr' Eanes Solaz, (LPGP, 1996, v.II, p. 755)

A título de exemplo da terminologia feudal, Brandão (2006, p. 452) observa em Fernan Rodriguez Calheiros “conferimos e vale a pena revisão, por uma aproximação ao contratexto da *cantiga de amor* galego portuguesa, B 58 *Ora faz a min mia senhor* (47,19):

Ora faz a min mia senhor,
 como senhor pode fazer
 a vassalo, que defender
 non se pode, nen á u lh' ir.
 E faz mi-a mercee vir
 d' Amor, com' ome preso ven.
 ¡Nostro Senhor mi-o sabe ben!

Em relação à metáfora do amor cortês, nos moldes do direito feudal (CROPP, 1975, p.472), teoriza Riquer, com propriedade,

Que en la manera de expresar y sentir el amor los trovadores hay un traslado, como una constante metáfora, de las situaciones entre señor y vasallo y de la terminología juridico feudal a las situaciones entre hombre y mujer y el lenguaje sentimental, es un fenómeno que ha quedado perfectamente argumentado desde un memorable trabajo de Wechessler... (RIQUER, 1975, v.I, 82-83).³

Entre o amor e a sátira, o amor cortês tem sido objeto de muita discussão enquanto metáfora feudal, suscitando dúvidas, alimentando formas do dizer o não dito muitas vezes entre ironias, comparações, fórmulas e formas de expressão de um sentimento que, de acordo com a tradição poética pode ser ou não verdadeiro ou falso. No entanto, como tradição discursiva, a linguagem metafórica cristalizou estas formas e fórmulas do amor cortês de maneira textual e contratextual pura e simplesmente. Com efeito, a variabilidade das cantigas satíricas denuncia flexibilidade ou o desrigor na obediência às normas e convenções. Mas não apenas a cantiga satírica.

3. Textos desviantes: tradição discursiva e metáfora

Em princípio, desde os primeiros momentos da tradição, o modelo “importado” sofreu rechaço dos nossos trovadores. O conceito de *cortesía*⁴, foi substituído pelo termo *mesura* e suas variantes *desmesura*, *desmesurada* e *sen mesura* podem muito bem explicar essas peculiaridades do processo de recepção da estética cortês modelo importação (TAVANI, 199, p. 119).

Com efeito, constatando a infração dos fatores normativos do paradigma da *cantiga de amor* canônica, Tavani faz um apanhado de alguns textos desviantes – “alguns profundamente anómalos” – que analisa, contudo dentro dos limites das *cantigas de amor*. Segundo Tavani, temos vários exemplos de textos desviantes – que rompem com a uniformidade do gênero *cantiga de amor* canônico, apresentando irregularidades ou desvios das normas estabelecidas pela rigidez da escola –, os quais Tavani considera “excepcionais desenvolvimentos atípicos” contrários a determinados tópicos, como o da *descriptio*, por exemplo, na cantiga de Roi Paez de Ribela, A 198 B 349 *Por Deus, ay Dona*

3. Ver mais em Riquer, 1975, v.I, p.77-96.

4. Cropp (1975, p. 101:102).

Leonor (147,12), em que o poeta compara a dama a um rubi e, completamente exasperado por sua beleza “textual”, grita o seu nome. Observe-se a última estrofe:

Com' antr' as pedras bon roby
sodes, antre quantas eu vi,
e Deus vos fez por mal de mi,
que á comigo desamor.
Por Deus, ay dona Leonor,
Gram bem vos fez Nostro Senhor!

O símile empregado na *cantiga de amor* de Roi Paez de Ribela permite duas linhas de interpretação. Por um prisma, o ideal de beleza, mas uma beleza atribuída ao poder do Criador Divino; exaltação do feminino através da beleza da mulher privilegiada pela Graça Divina, que tem poderes exclusivos sobre ela; por outro, revela a posição social da *senhor*, na maioria das vezes inacessível ao poeta; pelo menos para alguns poetas, uma belíssima jóia rara, cara, de difícil “aquisição”. Estas duas linhas de leitura permitem supor a inacessibilidade da *senhor* segundo dois ângulos de visão: a sua posição social e a sua condição ideal, no sentido textual, ideal poético. Por um lado o caráter abstratizante contido na relação da mulher-criatura / criação (um modelo criado para ser adorado, venerado) com o seu criador (Deus / Senhor / poeta?) que lhe concedia o estatuto de *senhor* em relação ao *vassalo*. Por outro a transferência de valor da mulher para uma pedra preciosa. Esta, parece uma metáfora perfeitamente compatível com a inacessibilidade da *senhor*, sua natureza indiferente ao mundo pessoal do poeta-amante, certamente passível de comprovação nas bases sociológicas que determinavam esse trovar de amor, mas sobretudo, sugeria a negação do *ben* ou *gallardon*.

4. Metáforas Intertextualizadas

Jogo de linguagem, desvio, ironias e metáforas estão presentes em todas as seções dos cancioneros medievais galego-portugueses. Em termos do uso metafórico da linguagem, porém, destacamos a *cantiga* de Afonso Lopez de Baian⁵ que privilegia uma terminologia erótica completamente velada. O nome deste poeta pode ser encontrado nas três seções dos cancioneros, sendo autor de quatro *cantigas de amigo* e quatro satíricas. Entre estas, destacam-se uma paródia da *chanson de geste* francesa B 1470 V 1080 *Sedi-xi don Belpelho em hûa sa mayson* (6,9)⁶ e uma *cantiga de escárnio*.

Corretamente inserida na seção das *cantigas de escárnio e de maldizer* dos apógrafos, a metáfora da casa será facilmente captada em B 1471, V 1081 *En Arouca ûa casa faria* (6,3):

5. Afonso Lopez de Baian, de acordo com C, poder-se-ia localizar entre Fernan Gonçalvis de Seavra (737) e Johan de Guilhade (741) na seção *de amigo*, sendo omitido o seu nome e o deste último na seção *de amor*, em contradição com os apógrafos, pois, em B, Lopes de Baian encontra-se entre Sancho Sanchez e Afonso Fernandez de Cebolilha –ambos cronologicamente deslocados nesta zona do cancionero– com apenas duas *cantigas de amor* (B 395-396).

6. Para Tavani, a expressão *Eoy* utilizada por Baian entre outros elementos característicos da *chanson de geste* “é unha referencia explícita à *Chanson de Roland* oxoniense; igual ca referencias explícitas á xesta son o ton heroico (asinado ironicamente a un suxeito que nin chega a mediocre) e os artifícios técnicos usados polo poeta portugués” (1991, p. 229). Ver também Lorenzo-Gradín (706 -716).

En Arouca ûa casa faria;
 atant' ei gran sabor de a fazer,
 que já mais custa non recearia
 nen ar daria ren por meu aver,
 ca ei pedreiros e pedra e cal;
 e desta casa non mi míngua al
 se non madeira nova, que queria.

E quen mi a desse, sempr' o serviria,
 ca mi faria i mui gran prazer
 de mi fazer madeira nova aver,
 en que lavrass' a peça do dia,
 e pois ir logo a casa madeirar
 e telhá-la; e, pois que a telhar,
 dormir en ela de noit' e de dia.

E, meus amigos, par Santa Maria,
 se madeira nova podess' aver,
 logu' esta casa iria fazer
 e cobri-la; e descubri-la-ia
 e revolvê-la, se fosse mester;
 e se mi a mi a abadessa der
 madeira nova, esto lhi faria.

Esta cantiga de Baian foi composta sob o signo da *equivocatio* e, mesmo numa leitura linear, seria perfeitamente compreensível o campo do obsceno que se amplia, no entanto, para além do escárnio pessoal puro e simples, pelo nível burlesco da composição.

O exigente trovador, nesta cantiga, parece transferir o escárnio contra as religiosas – aqui no papel da abadessa, famosa no meio trovadoresco por sua generosidade sexual, que teria motivado cantigas e paródias até bastante picantes – para os motivos cortesões que regiam a *cantiga de amor*. Segundo Tavani, o lexema *madeira* seria suficiente para a captação do sentido nada ingênuo da cantiga de Baian. Mais que isso, este termo serviria para indicar o sentido de toda a cantiga, assinalada pelo equívoco que caracteriza as *cantigas de escárnio e de maldizer*, ainda que “imprecisa e incompleta definição do campo sémico do ‘obsceno’, ó que deberán ser reconducidos, tamén *pedreiros, pedra, cal, telhar* e, ¿por que non? o mesmo *casa*” (1991, p. 197-198).

Observa-se ainda, nesta cantiga de Baian, a disponibilidade do poeta para amar e servir – referência alusiva ao serviço amoroso – a quem lhe dê “madeira nova” pode estar associada, contratextualmente, ao motivo das *doas*, que neste caso ultrapassa a metáfora da “casa” e da “madeira nova”. Como é sabido, Fernando Esquio teria oferecido algumas *doas*, originais e extravagantes, provavelmente à Dona abadessa, acusada nas entrelinhas de receber donativos de natureza sexual. No caso de Afonso Lopez de Baian, o erotismo desta alusão combinado com o poder da abadessa⁷ subentende o trânsito de favores entre ricos-homens e a tal religiosa, mas também supõe o serviço amoroso por parte do poeta em troca de “madeira nova”.

Considerando que a proposta de Lopez de Baian vai para uma destinatária famosa por receber donativos incomuns e especiais⁸, Pai Gomez Charinho apressa-se em oferecer a sua experiência pessoal ao poeta. A fim de que não se perca esta oportunidade e Baian leve a fama de “mao lavrador”, Charinho solidariza-se, fornecendo-lhe algumas recomendações relativas à construção da casa em Arouca em *B 1625, V 1159 Don Affonssó López de Baiám quer* (114,9).

Esta última composição está diretamente relacionada com a cantiga de Don Afonso Lopes de Baian, *B 1471 V 1081 En Arouca ûa casa faria* (6,3), que tem como tema o motivo das doas e real contraponto com a mulher arquetípica da *cantiga de amor*. Nesta cantiga, Pai Gomes Charinho trata de orientar a construção da “casa”, idealizada por Lopez de Baian, que também parece ser o ideal de Pai Gomez, tal a seriedade com que reafirma as bases da construção desta “casa”:

Don Affonssso López de Baiám quer
fazer sa casa se el pod’ aver
madeyra nova; e sse mi creer,
fará bon siso, tanto que ouver
madeyra, logo punh’ ena cobrir
o fundamento ben alt’, e guarir
pode lavor por hy, se o fezer.

E quand’ el a madeyra adusser
guárdea ben, e fâçaa iazer
en logar que non chovha, ca torcer
ss’ ya mui tost’ e non ar á mester,
e, sse o lavor non quer escarnir,
âbralh’ o fundament’ alt’ e ferir
e muyto batelo quanto poder.

E poys o fundamento aberto for,
alt’ e ben batudo, polo lavor
en salvo sobr’ el, e poys s’ acabar
estará da madeyra sen pavor.
E do que diz que a revolverá
ant’ esto faça, se non matarss’ á,
ca est’ é o começo do lavor.

E Don Affonso, poys á tal sabor
de fazer bõa casa, começar
a dev’ [el] assy, e des y folgar
e iazer quand’ e quando mester for
descobri-la e cobri-la poderá
e revolver-la, ca todo sofrerá
a madeyra, e seer aly en melhor.

E don Affonso tod’ esto fará
que lh’ eu conselho, se non, perderss’ á
esta casa, por mao lavrador.

Se a despeito dos cânones o poeta não fornece elementos suficientes para enquadrá-la nos limites da *cantiga de amor* e *de escânio*, tem-se na intertextualidade do tópico e do tema um possível contratexto da *cantiga de amor*, já que intrinsecamente se volta contra a mulher da cantiga pelo erotismo recorrente sob o duplo sentido da terminologia empregada nas metáforas intertextualizadas. Tanto em Baian como em Gomez Charinho o erotismo das cantigas fica por conta da linguagem metafórica utilizada pelos trovadores, num contexto de tradições discursivas veladas.

De acordo com J. L. Rodríguez (1976, p. 39-40), o agenciamento da “casa” de Lopez de Baian se sustenta no equívoco também da expressão “madeira nova”:

La poesía ofrece también un doble sentido similar al de la anterior⁹; la “madeira” alude ya al sexo masculino, ya a la fuerza viril; la “casa” es el cuerpo joven de la abadesa de Arouca –que gozaba de mala reputación–, o, más concretamente, su sexo. La coincidencia entre Lopez de Baian y Gomez Charinho acerca de la conveniencia de “cobri-la e descubri-la e revolve-la” y de “madeirar”, por supuesto, la “casa” (= lugar que se hace con la “madeira”), no deja lugar a dudas”.

Em nível metafórico ao mesmo tempo em que “madeira nova” e “casa” ressignificam o sexo masculino e feminino, também sugerem a troca das prendas entre os namorados, por uma aproximação ao contratexto da *cantiga de amor*. Na última estrofe, efetivamente, a interpretação dos lexemas “casa” e “madeira” parecem ajustados a interpretação do autor em relação ao equívoco nas *cantigas de escárnio*, sem eliminar outras possíveis interpretações.

Para concluir, seria oportuno retomar o texto da cantiga do Rei Afonso X, o Sábio, que trata metaforicamente da “midida da Espanha”, intertextualizando metáforas comuns dos textos de Baian e Gomez Charinho (“madeira”), mas sob a perspectiva da memória e identidade, em *B 481-V64 Joan Rodríguez foi osmar a Balteira* (18,21), conforme se observa nos dois primeiros versos das estrofes I e IV:

Joan Rodríguez foi osmar a Balteira
sa midida, per que colha sa madeira;
e dissé[le]: -Se ben queredes fazer,
de tal midid’ a devedes a colher,
[assi] e non meor, per nulha maneira.
(...)
(...)
E diss’: -Esta é a midida d’Espanha,
ca non de Lombardia nen d’Alemanha;
e, por que é grossa, non vos seja mal,
ca delgada pera gata ren non val;
e desto mui mais sei eu ca Abondanha

Em relação ao campo semântico do obsceno nas cantigas satíricas, Tavani (1991) distingue pelo menos duas terminologias utilizadas pelos trovadores galego-portugueses: uma que faz referência explícita ou metafórica aos órgãos sexuais e outra relativa às práticas eróticas hetero e homossexuais. O teórico observa ainda que uma parte do campo do *obsceno* está constituída por palavras inócuas ou substitutos eufemísticos advindos de outros campos. Afonso X, por exemplo, apresentou literalmente “a midida da Espanha” de forma tão imaginativa que não se pode esperar nenhuma interpretação ingênua a ponto de negar certo grau de obscenidade implícita na cantiga

Observação final

A recorrência de expressões trazidas do direito feudal ultrapassa os domínios da linguagem trovadoresca num grande número de composições e se transforma para além do momento histórico e lingüístico dos trovadores medievais. Do mesmo modo, o amor cortês, compreendido como um complexo de metáforas, constitui-se em tradição discursiva no contexto medieval no âmbito da

lírica profana galego-portuguesa, passando, desde então, por diversas transformações, sem contudo desfigurar-se completamente. Nesse sentido, ainda podemos encontrar resquícios da poesia feudal nos cantadores nordestinos, em contextos metafóricos vários, algumas vezes ampliando as designações tais como *senhor*, *madeira* e *casa* em termos paródicos. A metáfora do amor cortês, com efeito, ainda se ressentia de pressões da modernidade enaltecendo ou denegrindo a imagem da *mulher*, *dona* ou *senhor* nas cantigas de amor nordestinas, naturalmente transformadas, atualizadas, parodiadas, bem distantes do *Grand Chant Courtois*, mas não tão indiferente ao formulário conceitual-discursivo da tradição.

Referências

BRANDÃO, M.S.O. **Escárnios de amor e de amigo. O contratexto da lírica profana galego-portuguesa**, Universidade de Santiago de Compostela, [inédito], 2002.

_____. **Escárnio de amor. Do texto ao contratexto na lírica galego~portuguesa**. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela, 2006.

BREA, M. (coord.). **Lírica profana galego-portuguesa**. Corpus completo das cantigas medievais, con estudio biográfico, análise retórica e bibliografía específica, traballo realizado por F. Magán Abelleira, I. Rodiño Caramés, M^a.C. Rodríguez Castaño, X.X. Ron Fernández, coa colaboración de A. Fernández Guiadanes e M^a.C. Vázquez Pacho, e coordinados por M. Brea, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia-Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias “Ramón Piñeiro”, 2 vols (=LPGP) (1996a).

COSERIU, E. **Introducción a la lingüística general**, Madrid, Gredos, 1981b.

CROPP, G.M. **Le vocabulaire courtois des troubadours de l'époque classique**, Genève: Droz, 1975.

JACOB, D. & KABATEK, J. Lengua, texto y cambio lingüístico en la Edad Media iberorrománica. **Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica**. Frankfurt am main: Veuert; Madrid: Iberoroamericana, 2001.

JAUSS, H.R. Littérature médiévale et expérience esthétique. **Poétique**, V. 31, pp. 322-336, 1977.

LABOV, W. **Principios del cambio lingüístico: factores internos (tomo 1)**. Madrid: Gredos, (1996 [1994]).

LORENZO GRADÍN, P. Don Afonso Lopez de Bayão y la épica francesa. **Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas (Santiago de Compostela, 1989), publicadas por Ramón Lorenzo**, A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, VII, pp. 707-716, 1989.

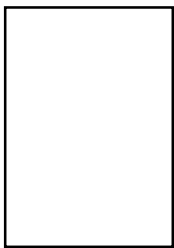
OESTERREICHER. La ‘recontextualización’ de los géneros medievales como tarea hermenéutica. **Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica**. Frankfurt am main: Veuert; Madrid: Iberoroamericana, 2001.

Pozuelo Yvancos, J.M. **Teoría del lenguaje literario**, Madrid: Cátedra. 1988.

RIQUER, M. **Los trovadores**. Historia literaria y textos, Barcelona: Planeta, vol. I, 1975.

RODRÍGUEZ, J.L. La cantiga de escarnio y su estructura histórico-literaria. El equívoco como recurso estilístico nuclear en la cantiga d'escarnho de los cancioneros. **Liceo Franciscano**, Segunda Época, 29, pp. 33-46, 1976.

TAVANI, G. **A poesía lírica galego-portuguesa**, Vigo: Galaxia, [1ª ed., 1986], 1991.



METÁFORAS CONCEPTUAIS EM GÊNEROS CONVENCIONAIS E EMERGENTES

Maria Margarete Fernandes de Sousa*
Flávia Cristina Candido de Oliveira*

RESUMO

O uso de metáforas é visto por muitos como, apenas, um recurso estilístico encontrado nos gêneros literários, mas esse uso extrapola esses domínios, visto que aparecem em diversos gêneros da fala e da escrita. Por essa razão, este trabalho se propõe a fazer uma discussão, baseado na teoria de Lakoff; Johnson (1980), sobre Metáforas Conceptuais, e Fauconnier e Turner (2002) sobre a teoria de Integração Conceptual, demonstrando em outros gêneros escritos, como essas metáforas são construídas. Através da análise de um corpus de sete balões e dois poemas, observamos como se apresentam as metáforas conceptuais e a construção mental presente nelas. Ou seja, verificamos que em ambos os gêneros há uso de metáfora conceptual com o propósito de construir os sentidos do texto.

Palavras-chave: Metáfora conceptual, Integração conceptual, Gênero emergente.

ABSTRACT

The use of metaphors is seen by many people just as an ornamental resource found in literary genres, but such concept is not accepted anymore, since they appear in many genres of speech and writing. For this reason, based on Lakoff; Johnson's (1980), the Conceptual Metaphor Theory and Fauconnier; Turner (2002) Conceptual Integration Theory, this paper aims to discuss how metaphors are built in other writing genres. Through the analysis of a corpus composed of seven little bubbles and two poems, we observed how conceptual metaphors are realized and how the mental images found in them are constructed. It was, thus, evident that the use of metaphors is present in both genres with the purpose of building the senses of the text.

Keywords: Conceptual metaphor, Conceptual integration, Emerging genre.

* Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará – PPGL/UFC

Introdução

As metáforas são consideradas como um recurso estilístico encontrado em gêneros literários. De acordo com as pesquisas realizadas a partir de Lakoff e Johnson (1980), observamos que essas expressões linguísticas licenciadas por mapeamentos metafóricos apresentam-se em diversos gêneros da fala e da escrita cotidiana.

As análises apresentadas complementam-se com a teoria de Integração Conceptual por essa orientar-nos para uma compreensão do sentido que subjaz às metáforas encontradas nos “balõezinhos” da revista Mundo Estranho e em versos de dois poemas de Mário Quintana: *Inscrição para uma lareira* e *Os poemas*, sendo esses apenas um complemento para compararmos o texto poético com outro gênero denominado “balãozinho”. Esses balõezinhos são preenchidos pelos leitores da revista, já citada, que traz em suas publicações uma imagem seguida de um balão em branco para o leitor enviar um texto referindo-se, de forma bem-humorada, àquela imagem.

A análise dar-se-á através da teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980); Johnson e a teoria da Integração Conceptual de Fauconnier; Turner (2002), para levantarmos os pontos relevantes em ambas as teorias em relação ao objeto de estudo.

1. Metáfora: Considerações Preliminares

A propósito do status da linguagem metafórica, Furlanetto (2006) lembra que, no passado, muitos estudiosos como VICO, NIETZSCHE, RICHARDS (s/d) advogavam em favor da primazia do metafórico como fundamento da linguagem. Todavia, ela questiona sobre o que seria metafórico e se o metafórico se explica pelo literal. Ou seja, só entendemos o que é metafórico, porque estabelecemos relação com o sentido da linguagem literal, haja vista que a mudança de “tom” não descaracteriza o sentido original rigorosamente.

Furlanetto, assim como outros autores (SILVA, 2003), acredita que é conveniente se reportar a Aristóteles, que representa os estudos tradicionais sobre sentido metafórico. Aristóteles define metáfora em sua *Arte Poética*. Para ele, a metáfora possui “uso desviante” da linguagem em contraposição ao uso original/literal. Entretanto, adverte a autora que o sentido de “desviante” não, necessariamente, deve ser entendido como contrário ao “normal”. O que Aristóteles enfatiza, com isso, é que a metáfora é uma qualidade de estilo e “deve pressupor clareza para que o discurso cumpra sua missão: o ser utilizado por todos (que se) coaduna com o critério da clareza, apesar da qualidade de ‘enigma’ que resulta de uma transposição bem definida” (FURLANETTO, 2006, s/p.).

É de Furlanetto o exemplo: “um homem honesto como um quadrado” (2006, s/p.), essa metáfora, como podemos constatar, remete à *perfeição*. Isso reforça, também, que a metáfora é encontrada nas coisas próximas, porém sem ser demasiado evidentes.

Vale destacar que, a despeito do que se pensava, no passado, que a metáfora não representava inovação semântica, isto é, não forneceria qualquer informação nova sobre a realidade, Ricouer (*apud* FURLANETTO, 2006) se insurge, pois, para ele, o sentido conotativo, implícito, conduziria ao explícito de valor cognitivo. Ponto de vista com o qual concordamos. Embora não altere sobremaneira o conteúdo, há um processamento/ interpretação dos enunciados que mostra mudança de significação. Podemos encarar a metáfora como “um acontecimento semântico que se produz no ponto de intersecção entre vários campos semânticos” (RICOEUR, *apud* FURLANETTO, 2006, s/p.).

Ainda a propósito da dicotomia metafórico-literal, é importante frisar que muitos estudiosos colocam-se contrários a isso (ORLANDI, 1984; FURLANETTO, 2006; BAHKTIN, 1992), pois, para eles, e nós concordamos também, a literalidade é produzida pelo uso, logo, é efeito do discurso. Isso quer dizer que o sentido não se constrói sozinho, isoladamente; ele é fruto de um conjunto de relações que se estabelecem entre os elementos responsáveis pela comunicação.

Tomemos um exemplo de Furlanetto (2006, s/p.) que ilustra tal afirmação:

- I- A disparada de Orestes Quércia nas pesquisas oxigenou o PMDB e cimentou (grifos da autora) a idéia de candidato próprio à presidente.

Com isso, ela mostra que, para compreendermos o deslocamento semântico de oxigenou e o efeito de sentido que o termo provoca (deu vida, fortaleceu), precisamos saber seu significado literal¹. O mesmo se dá com cimentar, cujo sentido, no texto, é fortaleceu, sedimentou, que conserva as “propriedades” do sentido literal². Esses deslocamentos, procedimentos, podemos ver, são resultado de derivação metafórica.

Assim como a maioria dos autores (citados), também concebemos uso metafórico e literal da linguagem de forma interdependentes, pois são indissociáveis. Todavia, podemos, perfeitamente, distingui-los nos diferentes usos apesar de haver diferenças entre essa explicação e a teoria de Lakoff; Johnson (1980) que é mais aprofundada.

1.1. Teoria da Metáfora Conceptual

Segundo Silva (2003), a metáfora, anteriormente, era associada à linguagem literária como um recurso de ornamentação. Com o advento dos estudos da Linguística Cognitiva, observou-se que esse mecanismo retórico é um fenômeno encontrado em expressões da linguagem corrente e considerado como um instrumento cognitivo do cotidiano.

A teoria da metáfora conceptual surgiu a partir dos estudos de Reddy (1993 *apud* CHAVES 2004, p. 51), inferindo que as metáforas mortas pareciam envolver a pressuposição figurativa de que a linguagem transfere os pensamentos e os sentimentos. Seus estudos deram início à teoria da Metáfora de Canal³. Lakoff e Johnson (1980) deram continuidade a essa pesquisa, corroborando a idéia de uma metáfora conceptual subjacente à linguagem.

Em 1980, os autores lançam o livro *Metaphors we live by* sobre suas descobertas e defendem a idéia de que a metáfora faz parte de nossa vida cotidiana e que nosso sistema conceitual é metafórico.

Segundo Lakoff ; Johnson (1980, p. 207)

A metáfora conceptual é necessária para uma maior compreensão do que acontece em nosso mundo. A teoria científica tenta fornecer uma compreensão de várias

1. Segundo o dicionário Aurélio, a palavra significa (Quím.) tratar (uma substância) pelo oxigênio e fixá-lo em sua molécula; fortalecer, avigorar; combinar-se com o oxigênio.

2. Ligar, unir com cimento; pavimentar com cimento; alicerçar; firmar, consolidar.

3. Teoria em que a linguagem funciona como um canal que transfere pensamentos personificados de uma pessoa para outra.

classes do fenômeno do pensamento numa elaboração consistente de vários grupos de metáfora conceptual. Quando a metáfora básica da teoria científica são extensões da metáfora básica em nosso sistema conceptual cotidiano, então nós sentimos que cada teoria é “intuitiva” ou “natural”.⁴

A definição de metáfora, a partir da teoria de Metáfora Conceptual, remete a uma compreensão de que o homem é possuidor de uma racionalidade e está inserido numa cultura. A teoria introduz a noção de domínios cognitivos divididos em domínio-fonte (*source domain*) e domínio-alvo (*target domain*). O domínio-fonte tende a ser motivado por conceitos mais concretos, de fácil compreensão e de uso cotidiano; enquanto o domínio-alvo tende a ser esquematizado por conceitos mais abstratos.

Entre o domínio-fonte e o domínio-alvo deve haver uma correlação, resultando no mapeamento para uma determinada metáfora conceptual, esse mapeamento diz respeito ao princípio da direcionalidade. De acordo com Lakoff (1980), o mapeamento do domínio-fonte no domínio-alvo é unidirecional, isto é, são mapeamentos assimétricos, vão de um conceito mais concreto e melhor delineado para um conceito mais abstrato.

Feltes (2007) caracteriza os modelos cognitivos metafóricos de Lakoff e Johnson como segue: (1) há um domínio conceitual **A** bem estruturado (diretamente significativo) que chamamos de Domínio-Fonte; (2) há um domínio conceitual **B** que carece de estruturação para efeitos de sua compreensão – que chamamos de Domínio-Alvo; (3) há um mapeamento que liga o domínio-fonte ao domínio-alvo que chamamos Projeção Metafórica; (4) a projeção metafórica de **A** para **B** é motivada naturalmente por uma correlação estrutural regular que associa **A** a **B**; (5) os detalhes do mapeamento entre **A** e **B** são motivados pelos detalhes da correlação estrutural entre **A** e **B**; (6) um modelo metafórico é um modelo em **A** e **B** estão relacionados numa estrutura conceitual, sendo especificada de **A** para **B**.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), as metáforas conceptuais podem se apresentar em três tipos:

- **Metáforas Orientacionais:** estruturam os conceitos linearmente, orientando-se por referências a orientações lineares não-metafóricas;
- **Metáforas Ontológicas:** projetam características de entidade (seres) ou substâncias sobre algo que não apresenta essas características.
- **Metáforas Estruturais:** estruturaram um tipo de experiência ou atividade em termos de outro tipo de experiência ou atividade.

As Metáforas Conceptuais, segundo o mesmo teórico, podem se apresentar também como básicas – ontológicas e orientacionais; metáforas mais elaboradas a partir das metáforas básicas – estruturais; metáforas de esquema de imagem e metáforas de imagem. Essas metáforas apresentam uma característica em comum que é a unidirecionalidade, isto é, o mapeamento sempre ocorre de um domínio mais físico, mais concreto (domínio fonte) para um domínio menos físico, mais abstrato (domínio alvo).

4. Metaphorical concepts are necessary for understanding most of what goes on in our world a Scientific Theory attempts to provide an understanding of some class phenomena through the consistent elaboration of some set of metaphorical concepts. When the basic metaphors of a scientific theory are extensions of basic metaphors in our everyday conceptual system, then we feel that such a theory is “intuitive” or “natural”. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

1.2. Teoria de Integração Conceptual (Mesclagem)

A teoria de Integração Conceptual é uma extensão dos estudos de Fauconnier sobre espaços mentais iniciados na década de 80, juntamente com Turner e seus colaboradores⁵, desenvolveram esse estudo da integração conceptual que consiste, segundo os autores, em “uma operação básica sobre espaços mentais”⁶ (FAUCONNIER; TURNER 2002, p.225). De acordo com Silva (2003), pretende-se explicar com essa teoria como os falantes e ouvintes registram correspondências conceptuais e constroem novas inferências durante o processo do discurso. A idéia central da teoria é de que a projeção conceptual, domínios origem e alvo ou espaço *input*, é projetada num espaço integrado (*blend*), cuja estrutura não deriva, inteiramente, dos espaços *input*.

Segundo Fauconnier; Turner (2002, p. 40), “eles (espaços mentais) contêm elementos e são tipicamente estruturados por *frames*. Eles são interconectados, e podem ser modificados à medida que o pensamento e o discurso se desenvolvem”⁷. Um exemplo de Fauconnier; Turner (2002) é de um espaço mental formado pela cena “Julie compra café no *Peet’s coffee*”. Os elementos estruturais que são organizados pelo *frame* “transação comercial” também pelo *subframe* “comprando café no *Peet’s* é relevante para Julie. O conjunto de domínios conceptuais é formado por “comer e beber”, “comprar e vender” e “conversa social em lugares públicos”.

Os espaços mentais, de acordo com o exemplo supracitado, demonstram o conceito de que as representações mentais discursivas e temporárias são construídas pelo falante quando esse pensa e fala acerca de uma determinada situação passada, presente ou futura, vivida ou imaginada, recrutando informações de vários domínios ao mesmo tempo e do contexto, tendo como função responder às necessidades de conceptualização. Para uma compreensão acerca dos conceitos de espaço mental e de *frame* Coulson (2002 *apud* LIMA, 2003, p. 67) afirma:

Espaços mentais podem ser imaginados como um recipiente temporário para informações relevantes sobre um domínio em particular. Um espaço mental contém uma representação parcial de entidades e relações de um cenário particular conforme entendido por um falante. Os espaços são estruturados por elementos os quais representam cada uma das entidades do discurso, e por *frames* simples para representar as relações que existem entre eles. *Frames* são pares de valor-atributo estruturados hierarquicamente que podem ser integrados com informações perceptuais, ou usados para ativar o conhecimento genérico sobre pessoas e objetos assumidos por *default*⁸.

5. Grady, Oakley, Coulson, Brandt.

6. Conceptual Integration is a basic mental operation over mental spaces.

7. They contain elements and are typically structured by frames. They are interconnected, and can be modified as thought and discourse unfold.

8. Mental spaces (Fauconnier, 1994) can be thought of as temporary containers for relevant information about a particular domain. A mental space contains a partial representation of the entities and relations of a particular scenario as construed by a speaker. Spaces are structure by elements wich represent each of discourse entities, and simple frames to represent the relationships that exist between them. Frames are hierarchidcally generic knowledge about people and objects assumed by default.

Fauconnier; Turner (2002) utilizam diagramas para abordagem sobre os espaços mentais e integração conceptual. Nesses diagramas, os círculos representam os espaços mentais, os pontos (os ícones) dentro dos círculos, os elementos, e as linhas representam os mapeamentos entre elementos nos diferentes espaços. As linhas sólidas indicam o mapeamento entre os espaços de entrada, o espaço genérico⁹ e o espaço mesclado¹⁰. Já a interpretação neural dos processos cognitivos em que se inserem os espaços mentais, segundo Fauconnier; Turner (2002 p.40) são vistos como “conjuntos de organizações neuronais ativadas e as linhas entre os elementos correspondem à co-ativação de ligações de um certo tipo”¹¹.

O diagrama obedece a uma estrutura mínima, formada por quatro espaços mentais: dois espaços de entrada (*input*), o espaço genérico e o espaço mesclado (*blend*). Para uma compreensão de como se dá esse processamento mental, iniciaremos a explicação pelo espaço *blend*, que herda alguns elementos de cada um dos espaços *input*. Do *input* alvo herda a identidade, do *input* origem herda o papel. Os dois espaços partilham elementos representados no espaço genérico. Além de herdar elementos do espaço *input*, o espaço *blend* constrói o seu próprio conteúdo ‘emergente’ e este resulta da sobreposição de elementos dos espaços *input*. Para que a estrutura emergente surja dentro do espaço mesclado, ela pode ser gerada de três maneiras: por composição de projeções dos espaços de entrada; complementação baseada em *frames* e cenários arrolados independentemente; e por elaboração (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Fauconnier; Turner (2002, p.49) acrescentam que “as possibilidades criativas da mesclagem conceptual provêm da natureza irrestrita da composição e da elaboração. Elas recrutam e desenvolvem novas estruturas de modos que são fundamentados, mas efetivamente ilimitados”.¹²

A teoria de Integração Conceptual dá-nos respaldo para uma análise mais aprofundada acerca dos processos mentais, porque, diferente da teoria de Metáfora Conceptual, amplia a possibilidade de um sentido acerca das idéias contidas no “balãozinho”, nosso objeto de estudo, que vem de universos diferentes, mas que se completam. A metáfora conceptual não daria conta desse sentido, restringir-se-ia, pois, somente ao domínio-fonte e ao domínio alvo. Analisaremos os “balãozinhos” à luz da teoria já citada, juntamente, com os princípios da teoria de Metáfora Conceptual. Vejamos como esta teoria se evidencia nos gêneros selecionados.

2. Análise de Dados

O *corpus* é constituído de sete “balãozinhos”, retirados de uma seção da revista Mundo Estranho, publicação mensal da editora Abril, e dois poemas de Mário Quintana (2003), do livro Nariz de Vidro. As “construções” são denominadas “balãozinhos” por não apresentarem, na revista, um nome específico para esse gênero, conforme dito chamamos de balão. Esses “balãozinhos” aparecem seguidos de uma imagem, geralmente, cena de filme ou foto, para que o leitor construa o texto no espaço do balão, de forma bem-humorada, referindo-se àquela imagem. A construção do texto é

9. São espaços que apresentam elementos comuns aos espaços de entrada.

10. São espaços que apresentam elementos dos dois espaços de entrada projetando um novo espaço, a mesclagem.

11. Sets of activated neuronal assemblies and the lines between correspond to coactivation-bindings of a certain kind.

12. The creative possibilities of blending stem from the open-ended nature structure for the blend in ways that are principled but effectively unlimited.

feita pelos leitores e escolhida pelos organizadores da seção. A escolha dessa publicação mensal deu-se pelo fato de haver humor, ser um gênero emergente em que o texto é elaborado com a colaboração do leitor e relacionar à imagem a linguagem, já os dois poemas fazem um contraponto com os “balõeszinhos”

Esses “balõeszinhos” foram divididos por assunto: sociedade, sexo e política. Para análise das expressões linguísticas licenciadas por mapeamentos metafóricos dos “balõeszinhos”, tomamos como base a teoria de Metáfora Conceptual de Lakoff; Johnson (1980), por aprofundar as noções de domínio-fonte e o domínio-alvo nas construções analisadas e para uma complementação da análise, utilizamos a teoria de Integração Conceptual (Mesclagem) de Fauconnier; Turner (2002) que dá conta de uma explicação mais detalhada do sentido das expressões metafóricas presentes na imagem e na linguagem que se complementam nesse tipo de texto. Apresentaremos a análise de três “balõeszinhos” dos sete que foram analisados, para que tenhamos uma visão do que ocorre quanto ao tema abordado.



Fig. (01) (Fonte¹³)

Verificamos na construção do texto acima dois Espaços-Fonte, de acordo com a teoria de Integração Conceptual, no primeiro espaço o papel é de vítima e no segundo espaço o papel é de agressor. No decorrer da análise, a identidade de ambos é trocada: ora o agressor passa à condição de vítima, ora a vítima passa à condição de agressor. O objeto utilizado, a espada, apresenta-se no espaço-fonte 1 como o objeto em si, instrumento cortante, enquanto no espaço-fonte 2, assume a condição de uma reação física por parte de quem está sendo agredido. A finalidade no espaço-fonte 1 é a de matar, literalmente, assumida pelo meio que é degolar a cabeça, aparecendo no espaço-fonte 2 como agressão verbal utilizando o meio: palavras. O espaço genérico apresenta-se entre agressor (agente) e vítima (paciente) e a finalidade e o meio como já foi citado. Para haver a compreensão da expressão linguística metafórica, a mesclagem entre a finalidade (matar) do espaço-fonte 1, mesclada ao meio (palavras) do espaço-fonte 2, resultando em agressão verbal – raiva – sendo esse domínio-alvo. Para uma melhor visualização das explicações acima, vejamos o esquema para chegarmos a mesclagem ou *blending*.

13. Todas as figuras que compuseram o *corpus* desta pesquisa e que foram objeto de análise fora retiradas da Revista Mundo Estranho e do site da revista www.mundoestranho.com.br Acesso em: 24 jul. 2008.

Espaço Genérico		
	Agressor (agente)	
	Vítima (paciente)	
	Finalidade	
	Meio	
Entrada de espaço 1 (Fonte)		Entrada de espaço 2 (Fonte)
Papel: vítima	→	Papel: agressor
Identidade de vítima (agredido)	→	Identidade de agressor (agente)
Papel: agressor	→	Papel: vítima
Identidade de agressor (ação/ agressor)	→	Identidade de vítima (paciente)
Espada (objeto/concreto)	→	Reação física (concreto)
Finalidade: matar	→	Finalidade: agressão (verbal)
Meios: cortar a cabeça (degolar)	→	Meios: palavras
Identidade de vítima	→	Identidade agres
Identidade de agressor	→	Identidade de vítima
Espada		Reação física

Finalidade: matar → Meios: palavras
 Agressão verbal: RAIVA
Espaço alvo (mesclagem)

O segundo balãozinho analisado:



Fig. (02)

A segunda expressão linguística metafórica apresenta-se no espaço-fonte 1, assumindo o papel vendedor de pastéis com a identidade pasteleiro. E, no espaço-fonte 2, no papel político com a identidade político corrupto. O “objeto” apresenta-se como pastel para o vendedor e dinheiro para o político com a finalidade de vender pastéis para o primeiro e ganhar dinheiro ilícito para o segundo através do meio pastelaria e de desvio de verbas. O espaço genérico forma-se entre o vendedor de pastéis e o político, ambos agentes, com instrumentos, finalidades e meios citados acima. A mesclagem consiste em fazer o cruzamento entre a finalidade de vender pastéis de sabores variados, incluindo o sabor pizza, e o meio desvio de verbas que resulta em impunidade, a palavra pizza no texto remete à expressão “Tudo termina em pizza”, ou seja, não há punição para os políticos corruptos de maneira a formar o domínio-alvo.

Espaço Genérico

Vendedor (agente)

Governo (agente)

Instrumento – pastel/ dinheiro

Finalidade - vender pastel/ ganhar dinheiro ilícito

Meios – pastelaria/desvio de verbas

Entrada de espaço 1 (Fonte)

Papel: vendedor de pastéis

Identidade: pasteleiro

Pastel

Finalidade: vender pastéis variados

Meios: pastelaria

Identidade: vendedor

Pastel

Entrada de espaço 2 (Fonte)

Papel: políticos

Identidade: político corrupto (Brasília)

Dinheiro

Finalidade: ganhar dinheiro ilegal

Meios: desvio de verbas

Papel: político corrupto

Dinheiro

Finalidade: vender pastéis variados (pizza) → Meios: desvio de verbas

IMPUNIDADE

Espaço alvo (mesclagem)

O terceiro balãozinho:



Fig.(03)

Na última análise dos “balãozinhos”, o espaço-fonte 1 apresenta o papel homem na identidade de companheiro em um jantar e, no espaço-fonte 2, no papel mulher na identidade de amante. O “objeto” entre ambos é língua, sendo um apresentado sob a forma de alimento e o outro órgão com a finalidade, no espaço-fonte 1, de fazer uma refeição em que o prato principal seria língua e, no espaço-fonte 2, fazer carícias íntimas. O meio destaca-se no espaço-fonte 1 na preparação do alimento pela mulher e, no espaço-fonte 2, a sedução também partindo da mulher, ora língua é visto como órgão, relacionado ao alimento, ora como sedução. No espaço de mesclagem a finalidade de “preparar a língua” é relacionado ao meio sedução, resultando em preliminares de uma relação sexual. O domínio-alvo apresenta-se sob a forma de preliminares, juntamente, com a imagem de uma mulher puxando o lábio inferior de um homem, motivo pelo qual causa humor.

Espaço Genérico

Homem (paciente)

Mulher (agente)

Instrumento: língua (alimento/ órgão)

Meios: preparação (alimento/ sedução)

Entrada de espaço 1 (Fonte)

Papel: homem (paciente)

Identidade: companheiro (companhia)

Língua (alimento)

Finalidade: fazer a refeição

Meios: preparação do alimento

Identidade: companheiro

Companhia

→

→

→

→

→

→

→

Entrada de espaço 2 (Fonte)

Papel: mulher (agente)

Identidade: amante

Língua (órgão)

Finalidade: fazer carícias

Meios: sedução

Papel: mulher

amante

Finalidade: fazer refeição → Meio: sedução

As preliminares da RELAÇÃO SEXUAL

Espaço alvo (mesclagem)

Num segundo momento, analisamos um poema de Mário Quintana intitulado **Inscrição para uma lareira** conforme podemos observar abaixo.

**A vida é um incêndio: nela¹⁴
dançamos, salamandras mágicas.**

Que importa restarem cinzas

se a chama foi bela e alta?

Em meio aos toros que desabam,

cantemos a canção das chamas!

Cantemos a cação da vida,

Na própria luz consumida...

Nessa análise, priorizamos dois versos destacados no poema, a fim de compreendermos o sentido de uma parte do texto. Para efeito de análise, observamos no espaço fonte 1, papel vida (existência terrena) e, no espaço-fonte 2, papel fogo (chama); a identidade aparece em espaço-fonte 1 como vida humana e no espaço-fonte 2 incêndio; os objetos são representados por chama da vida no primeiro espaço fonte, enquanto no espaço fonte 2 chama de incêndio; finalidade no primeiro é viver bem e no segundo queimar; meio no primeiro espaço-fonte 1 aproveitar a vida e no espaço-fonte 2 matéria (chama). Quando fizemos o cruzamento das ideias, através da mesclagem, identificamos a finalidade de viver bem relacionada ao meio matéria que significa, de acordo com a nossa compreensão, efemeridade da vida conforme a chama que representa essa expressão metafórica licenciada. Abaixo, podemos ver o esquema para compreendermos o sentido dos dois versos do texto analisados.

14. Grifos nossos.

Espaço Genérico

Papel: vida/ fogo

Chama da vida/ chama de incêndio

Finalidade: viver bem/ queimar

Meio: aproveitar cada momento/ matéria

Entrada de espaço 1 (fonte)

Papel: vida (existência)

Identidade: vida humana

Chama da vida

Finalidade: viver bem

Meio: aproveitar cada momento

Identidade: vida humana → Papel: fogo

Chama (vida) → Chama (incêndio)

Entrada de espaço 2 (fonte)

Papel: fogo (chama)

Identidade: incêndio

Chama do incêndio

Finalidade: queimar

Meio: matéria

Finalidade: viver bem → Meio: matéria

EFEMERIDADE

Espaço alvo (mesclagem)**Considerações Finais**

O objetivo pretendido por este trabalho foi demonstrar que a Metáfora Conceptual apresenta-se também em textos emergentes conforme estes denominados de “balõezinhos” bem como em textos poéticos. Geralmente, essas metáforas são consideradas nos poemas como um recurso de ornamentação e criação abstrata por estar relacionada somente a imagem mental enquanto nos “balõezinhos” a imagem influencia na construção do texto pelo leitor bem como na leitura e compreensão da metáfora. Além disso, a teoria de Integração Conceptual, que complementou nossa análise, apontava os espaços de entrada (espaço 1 e espaço 2) e como esses espaços mesclavam-se de maneira a nos levar a uma compreensão acerca da crítica presente em determinados comportamentos que resultava em humor quando relacionávamos à imagem a linguagem.

Referências

CHAVES, C.N.M. **Metáfora e humor**: humorísticas peripécias de um macaco sabido. Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará (UFC), 2004.

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. **The way we think**. Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities, New York: Basic Books, 2002.

FELTES, H.P.M. **Semântica Cognitiva e Modelos Culturais**: perspectivas de pesquisa. In Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, 2007. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tp1POSletras/posgraduação/strictosensu/letras/professores/heloisa_feltes. Acesso em 10 jun. 2008.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

FURLANETTO, M.M. Literal metafórico: um percurso discursivo. **Geocities**, 2006. Disponível em: <http://br.geocities.com/agatha_7031/metafora.html> Acesso em 05 set. 2008.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. The Metaphorical Structure of the Human Conceptual System. **Cognitive Science** 4, 1980. Disponível em: <[www.cogsci.rpi.edu/cogworks/CSJarchive/1980 v 4/i02/p0195 p0208/MAIN.PDF](http://www.cogsci.rpi.edu/cogworks/CSJarchive/1980_v4/i02/p0195_p0208/MAIN.PDF)> Acesso em 05 set. 2008.

LIMA, S.M.C. **(Re) categorização metafórica e humor**: trabalhando a construção dos sentidos. Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará (UFC), 2003.

QUINTANA, M. **Nariz de Vidro**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

REVISTA MUNDO ESTRANHO. São Paulo: Abril, n. 57, nov. 2006.

REVISTA MUNDO ESTRANHO. Disponível em: <www.mundoestranho.com.br> Acesso em: 24 jul. 2008.

SILVA, A.S. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades** 7. Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, pp.13-75, 2003.

METÁFORA, REPRESENTAÇÃO E TEXTUALIDADE NAS FORMAS DA LÍNGUA NACIONAL

Mariângela P. Galli Joanilho*
André Luiz Joanilho*

RESUMO

Este trabalho visa por um lado, contribuir para a História das Idéias Lingüísticas, da qual fazem parte, em diferentes momentos e abordagens, conceitos de metáfora e textualidade. Pretende ainda, contribuir para a reflexão sobre os conceitos operados pela Semântica do Acontecimento. Em particular, interessa-nos refletir sobre o que seja "língua" em uma semântica histórica da enunciação. Mostraremos, assim, enunciados em que a metáfora aparece enquanto suporte material dos processos discursivos que constituem o conceito de língua, em artigos publicados no jornal O Estado de São Paulo, no Brasil, durante 1907. A condensação semântica da expressão metafórica permite que se revelem efeitos de sentido não negligenciáveis que trabalham a organização da memória e a representação de um imaginário sobre a língua.

Palavras-chave: Metáfora, Enunciação, Textualidade, Língua nacional.

ABSTRACT

This work aims on one hand, to contribute to the History of Linguistic Ideas which, at different moments and from different approaches, encompasses the concepts of metaphor and text. It also intends to reflect about concepts operated by Event Semantics. In particular, to reflect on what is "language" in a historical semantics of enunciation. We, thus, analyze some constructions in which metaphor appears as material support of the discourse processes that constitute the concept of language in newspaper articles published in "O Estado de São Paulo", during 1907. The semantic condensation of the metaphorical expression promotes relevant meaning effects which contribute to the organization of memory and the representation of language imaginary.

Keywords: Metaphor, Articulation, Textuality, National language.

* Universidade Estadual de Londrina - UEL

Introdução

As pesquisas em história das ideias lingüísticas têm nos mostrado que a linguagem pode ser explicada na base das descrições e representações da construção do saber lingüístico em suas relações com os saberes sociais, desde um ponto de vista histórico. A compreensão do funcionamento do processo metafórico pode ser uma das formas de se atingir a historicidade da língua e os saberes sociais que se construíram sobre ela. Este é o nosso propósito, isto é, refletir acerca dos efeitos de sentido relativos aos enunciados em que aparecem construções metafóricas que, em um movimento constante de retomadas e reconfigurações, constroem, para o conceito de língua nacional, uma modalidade de existência particularizante, que opera a sua institucionalização.

Retomaremos assim, o parágrafo que aparece no resumo deste artigo para escandi-lo e, com isso, ampliar os contornos da definição de nosso objeto. Para nós, então, a expressão “língua nacional” traz em sua enunciação uma especificidade política e territorial que configura um conjunto de significações para o conceito de língua. A partir de uma análise semântico-contextual, apresentaremos algumas questões formuladas com base em construções metafóricas desta expressão. Veremos que a metáfora é uma memória que se manifesta em vários textos sobre a língua. Deste modo, a condensação semântica da construção metafórica permite que se revelem efeitos de sentido não negligenciáveis que trabalham a organização da memória e operam a representação de um imaginário sobre a língua.

Para compreender esta relação – entre imaginário e memória – abordaremos dois aspectos do processo: a metáfora e a subjetivação, ou seja, para nós, interessa ver como a metáfora compõe o sujeito no discurso.

A partir disso, podemos pensar na seguinte questão: como ficariam então todas estas reflexões sobre o sentido metafórico trazidas agora para a produção das singularidades, quando se pensa a discussão da língua nacional no Brasil do início do século XX?

1. Língua, Metáfora e Memória

Na perspectiva teórica da Semântica do Acontecimento ou dos estudos históricos da enunciação, perspectiva na qual nos colocamos para refletir sobre a questão da significação na linguagem, *não há como falar de sentido sem falar de memória, ou falar de memória, sem falar de sentido*. Trabalhar essa espessura do sentido na constituição de um saber sobre a linguagem é organizar, interpretar o passado, mesmo porque a linguagem pode ser explicada na base das descrições e representações de sua própria construção em suas relações com os saberes sociais, desde um ponto de vista histórico. Esse movimento de trazer a memória para os estudos da linguagem não se faz de maneira automática e imediata, mas aponta para uma compreensão e um estudo da constituição de saberes sociais, no processo de gramatização das línguas

A linguagem se reconhece então pelo estatuto das línguas e pelos saberes lingüísticos, e a alteridade, ou seja, (re)conhecimento da presença do outro na e pela linguagem acontece, inicialmente, a partir de um estatuto filológico e lexicográfico.

Deste modo, para alcançar uma compreensão dos saberes sobre a língua, sem que a linguagem seja reduzida meramente a um meio de expressão de uma estrutura global das relações sociais e sim, como realidade histórica é preciso ter em conta o processo da gramatização das línguas, isto é,

é preciso compreender que: “As causas que agem sobre o desenvolvimento dos saberes lingüísticos são extremamente complexas. Pode-se notar conjuntamente: a administração dos grandes Estados, a literalização dos idiomas e sua relação com a identidade nacional, a expansão colonial, o proselitismo religioso, as viagens, o comércio, os contactos entre línguas, ou o desenvolvimento dos conhecimentos conexos como a medida, a anatomia ou a psicologia.” (AUROUX 1992: 28)

Pretendemos tomar esse assunto em sua dimensão histórica, ou seja, tentar compreender que práticas fizeram com que o sujeito, que não deixava sua identidade (de brasileiro) transparecer pela língua, passasse a se marcar no interior dos enunciados, por meio de inovações lingüísticas, como o aumento do uso de certas estruturas, que eram aceitas pela comunidade. Para isso, a compreensão do funcionamento do sentido metafórico é fundamental.

Passaremos então a destacar algumas metáforas que apareceram em textos jornalísticos para verificar a construção da textualidade. De certo modo, perceberemos que, para os autores dos artigos jornalísticos do início do século XX, pertencer à mesma língua seria, nesse momento, a marca da extensão de uma mesma civilidade, significando que uma só língua seria compartilhada em terras diferentes.

2. A Língua no Jornal

O jornal *O Estado de São Paulo* era, inicialmente, um periódico produzido pela elite letrada brasileira. Foi fundado em 1875, por um grupo de republicanos, liderados por Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos. Nessa época, chamava-se *A Província de São Paulo* e, só passou a ter a outra nomeação a partir de 1889, com a Proclamação da República.

Entre o final do século XIX e início do XX, o periódico era apresentado na forma de um caderno de seis a oito páginas, dividido em várias seções em que circulavam desde anúncios sobre temas variados, até traduções de romances franceses e artigos científicos. Ainda naquele momento, principalmente em fins do século XIX, havia toda uma ordem positivista que orientava as discussões dos articulistas e colaboradores menos frequentes. Os enunciados apresentados em seguida foram extraídos de artigos escritos por Oliveira Lima (um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, diplomata e, por vários anos, professor em Washington) e Silvio de Almeida (professor de língua portuguesa na Escola Normal, em São Paulo, e colaborador no jornal *O Estado de São Paulo*, por mais de uma década e meia).

A análise dos artigos nos permitiu verificar que a discussão sobre a língua nacional está posta, em um primeiro momento, pela ordem de uma naturalização, isto é, há um conjunto de metáforas que predicam a língua portuguesa no Brasil como um **corpo** que sustenta a nacionalidade daquele que aqui nasceu.

Apresentaremos, em seguida, a análise de algumas seqüências¹ extraídas de um artigo escrito por Oliveira Lima e de dois artigos assinados por Silvio de Almeida. O texto produzido pelo primeiro autor foi publicado em uma seção do jornal intitulada “Coisas Nacionais”, na qual ele escrevia regularmente; já Silvio de Almeida publicou seus textos na coluna “Divagações” por mais de uma década. Um estudo da designação dos nomes nas colunas diárias do jornal mostraria uma compreensão

1. Uma análise mais detalhada destas e de outras seqüências encontra-se em: JOANILHO, M.P.G. (2005) *As metáforas da língua nacional*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp. (inédita)

bastante interessante da linguagem e da significação, que, como bem sabem aqueles que trabalham as discursividades da língua, não é nem neutra nem transparente...

(1) O período de transição que atravessa no Brasil o português transplantado, é certamente o que mais influe na geral imperfeição grammatical do momento actual: porquanto é curioso observar que **as questões da língua assumem proporções nacionais** e um carácter grave, numa terra em que de ordinario se não escreve bem. (...) Por isto mesmo, para que taes **imperfeições externas** á não convertam numa **deformação essencial**, é que mais necessario se torna ter sempre presente o que Gonçalves Dias denominava o respeito devido ao genio da lingua (...).

(2) As alterações, assim, operarão superficialmente, mesmo sensivelmente, mas sem tocar nas **fontes vivas** e na **estructura intima** do idioma. **A transformação inevitavel tem aliás de ser regrada para se não tornar anarchica, de ser paulatina para não se desmanchar na precipitação.** Ao cabo poderá bem acontecer que affecte o fundo, naquelle genio da lingua. Traduzindo este como traduz o carácter do povo, há de modificar-se afinal se o carácter, apresentar differenciação notavel.

(3) **A relação entre a lingua e o carácter nacional é uma coisa innegavel**, tanto que se conhece logo o escriptor que, escolhendo outro idioma para meio de transmissão dos seus pensamentos, deixa de lado o instrumento proprio e adequado á communicação intellectual com o seu publico. **A's linguas correspondem pois certos predicados de raça ou de povo**, ou por outra, estas qualidades refletem-se na expressão idiomática.

(OLIVEIRA LIMA, A lingua portugueza no Brasil - coisas nacionaes, **O Estado de São Paulo**, Quinta-feira, 23/05/1907)

As considerações de Oliveira Lima sobre a mudança imposta pelo Acordo Ortográfico traziam a questão da modificação do corpo da língua como a não-aceitação da diferença, sob pena de condenarmos a sua estrutura. Da seqüência 1, podemos extrair as seguintes expressões, todas relativas às transformações no “corpo” da língua: “imperfeição grammatical”, “imperfeições externas á não convertam numa deformação essencial”, ou ainda, “(...) produziremos uma deformação essencial se tocarmos as fontes vivas e a estrutura íntima do idioma.” Para o autor, a mudança deve ser “regrada para se não tornar anarchica, de ser paulatina para não se desmanchar na precipitação.” Ele ainda formula a previsão do que, para ele, parece inevitável, como aparece no trecho final da seqüência 2: “Ao cabo poderá bem acontecer que affecte o fundo, naquelle genio da lingua. Traduzindo este como traduz o carácter do povo, há de modificar-se afinal se o carácter, apresentar differenciação notavel.”

Ao contrário de Oliveira Lima, que em suas considerações sobre a língua nacional apresentava um tom mais brando, Silvio de Almeida era mais ácido. Para ele, as simplificações, produto do Acordo Ortográfico, eram: “aleijões” (seqüência 5) ou “fruto pêco” (seqüência 5); e, a própria Reforma era uma “cacografia” (seqüência 4) ou um “parto perdido” (seqüência 6) da Academia Brasileira de Letras (seqüência 6).

Vemos, então, como Silvio de Almeida, afetado pelos sentidos impostos pela reforma, se coloca em uma posição em que observa que a língua, nessa sua nova ordem, torna-se “fruto pêco”, que não vingou. Para o autor, uma língua define-se pelo uso, pela “força assimiladora dos povos que a falam”, e não por imposições, “por movimentos intempestivos” feitos pelos “imortais”.

Estas questões, embora se inscrevam a partir da epígrafe de “Divagações”, servem para situar o trabalho de S. de Almeida na sua época e apresentar o problema de linguagem a que ele responde: a constituição de uma forma de pensar sobre a língua nacional em que a questão da unidade se mantém: pois ao mesmo tempo em que põe um modo de pensar sobre a língua que está constituído pela sua historicização em um outro território, em um novo espaço e em um novo tempo, está fortemente significado pelo desejo de manutenção de uma unidade com Portugal, pelo desejo de pertencer à mesma língua.

De certo modo, pertencer à mesma língua seria, nesse momento, a marca da extensão de uma mesma civilidade, significando que uma só língua seria compartilhada em terras diferentes. Como os filhos se estendem aos pais, a nação é então “corpo jovem” – “rebento da nacionalidade portuguesa, plantado e crescido noutra continente”, e a reforma, que fabrica as regras “em separado ou distintas das que prevalecem em uso corrente na antiga metrópole”, produz o corpo deformado, o “fruto pêco”, que não vingou. Efeitos dos jogos de identidade e representação numa política de línguas.

Mas há uma contradição fundamental em Silvio de Almeida: ao mesmo tempo em que não aceita a mudança, inclui a diferença pelo uso, quando incorpora em seu texto termos de línguas indígenas, como “pajés” e “tanga” (seqüência 4):

(4) Ninguém nega que – de parte uma ou outra assinalada exceção – **na Academia Brasileira de Letras se reúne a fina flor da nossa mentalidade.** Alli, como em solenne floresta, vivem, longe de profanos olhares, os insignes **pagés** da brava gente que a sabida Europa já considera – homens de frak e de chapéu de cocó, que não mais selvagens de tanga, de arco e flecha, e comedores de carne humana...(...)

Mas, seja qual for – e já reconheci que é muita – a autoridade de Academia de Letras, certamente que essa autoridade não acoberta, nem pôde acobertar, a sua recente reforma orthographica, que do sempre caustico sr. Carlos de Laet mereceu o carregado nome de **cacographia**.(...)

(5) As simplificações se confundem com **aleijões**, que feramente maltratam os nossos habitos visuaes; e **não só reformam, mas tambem deformam a graphia do portuguez. Fruto pêco** de tantas locubrações doutoraes foi a substituição de umas por outras incongruencias. Mas então é natural que a estas, **novas e anomalas**, prefiramos aquellas que o uso tolera e até consagra.

Exemplo dá-nos, eloquente, a propria natureza da conservação de certos orgams que perderam a sua primitiva função: elles não desaparecem de chofre; e o mesmo se pudera dizer de algumas letras, que ficam attestando na palavra o seu anterior **esqueleto**, mais complicado e possante.”

(6) Á refórma intempestiva que em má hora recebeu a consagração dos brahmanes academicos (pouco menos repulsiva, porém, mais illogica, do que a dos positivistas ou do barbeiro Nunes) mal pôde servir para augmentar a nossa désordem graphica, sob o especioso pretexto só agóra lembrado, de se pôr a escripta ao alcance dos ignorantes... Fundada, há tantos annos, **a nossa academia, como certos animaes, perdeu o seu primeiro parto serodio**, pois que se metteu a ensinar o povo como é que elle deve escrever errado...

(ALMEIDA, S. Divagações. **O Estado de São Paulo**, Segunda-feira, 15/07/1907)

Em um artigo que foi publicado em 23 de setembro de 1907, Almeida produz uma divisão entre poder político e poder/saber filológico, a partir de elementos que fazem a particularização de seus sentidos num movimento que traz a inversão da metáfora do “corpo deformado”, trata-se então de metáforas que fazem uma passagem do corpo à língua, da língua ao corpo: a designação formula para a língua um sentido mais espiritual do que orgânico, como podemos verificar pelas considerações que o autor tece no penúltimo parágrafo de seu texto, transcrito pela seguinte seqüência:

(7) Foi, em grande parte, a conservação da **estrutura vocabular**, com as suas “superfluidades”, que permitiu achar no **tesouro da linguagem, como em um sacrário, a alma das velhas gerações, essa alma que não morreu porque a escripta, principalmente, a perpetuou!**

Esta questão da divisão do corpo, ora mutilado, ora sacralizado retorna em seus textos, às vezes de maneira velada, às vezes de forma veemente, oferecendo-nos interessantes metáforas sobre a língua nacional, como se vê, por exemplo, nos segmentos que finalizam o artigo:

(8) Eu espero (alegrem-se os leitores!) não ter mais necessidade de ativar outra pá da terra sobre **esse Monstro philologico que, já morto, saiu das entranhas primiparas da Academica.**

Do **necroterio scientifico**, foi elle, **em pedaços**, para o cemiterio do passado, donde sairá talvez em alguma revista de anno ou nas allegorias do carnaval...”

(ALMEIDA, S. Divagações. **O Estado de São Paulo**, Segunda-feira, 23/09/1907)

De tão adulterado, modificado, deformado, o corpo torna-se “monstro”! Essa não aceitação da mudança imposta e a insistência, por um lado pela unidade e, por outro, pela evolução natural da língua, marcam as discussões que perpassaram o ano de 1907. O que elas nos mostram é que, no movimento dos sentidos, a metáfora local traz a possibilidade de compreender as oscilações entre o mesmo e o diferente, na discussão sobre os sentidos da língua nacional. A escola, o solo, a terra funcionam na construção da referência no acontecimento (GUIMARÃES, 2002) para os sentidos da língua nacional. O povo, em todas as suas articulações com outros nomes (“almas”, “selvagem”, “estrangeiro”), reescreve o sujeito nacional. Portanto, é através de um jogo entre metáforas locais (*a língua é esteio, é corpo que sustenta e/ou deforma a nacionalidade*), no processo metafórico, que se funda um espaço próprio para significação na/da língua. É através do duplo jogo – entre metáfora local e processo metafórico – que encontramos um sujeito efeito da linguagem, um sujeito que significa pela divisão, pela desestabilidade na ordem do acontecimento.

Conclusão

Na última década, vários estudos sobre a gramatização brasileira do português mostraram como as questões que envolvem a língua colocam fortemente o problema da unidade nacional e o da diversidade regional.

A retomada das metáforas construídas nos textos dos escritores no jornal republicano produz um efeito de memória que consiste em reescrever o discurso da unidade nacional (e trans-nacional)

em um momento histórico no qual a identidade é colocada pelo mesmo movimento que suspende a diversidade. E isso é o jogo da língua que opera; um jogo político e não etimológico.

Trata-se de uma guerra velada entre “estar no mesmo” e “significar o diferente”, cujo horizonte é a política: uma política de línguas que suspende a diversidade para significar na unidade. Trata-se de um corte fundamental que inaugura a nacionalidade, cujos sentidos não escapam aos contemporâneos, os jornalistas republicanos, em um momento e em um lugar particulares: um jornal paulista do início do século XX.

Assim, a análise dos textos publicados no jornal põe em evidência o gesto de escrita desses autores que ultrapassa as reflexões dos discursos legitimados sobre a língua. O gesto de escrita no jornal marca a forma de inaugurar um pensamento sobre a língua que a relaciona não só com seus movimentos internos, mas com a exterioridade: a língua no jornal vem “carregada de exterioridade”.

Finalmente, é interessante notar como a constituição das metáforas de referência nos textos produzidos/publicados no jornal produz uma forma compreensão para esse período da gramatização brasileira do português, pois mostra a inauguração de um gesto de escrita que ultrapassa as evidências das reflexões nas falas estabilizadas sobre a língua: um gesto que marca a história cotidiana desses atores ordinários e a sua relação com a língua em uma lógica do texto que produz um pensamento sobre esse conceito em um momento e em um espaço em que a idéia de nação se estabelece. Neste sentido, o Acordo Ortográfico de 1907 apresenta certo número de pontos significativos com relação à língua em sua unidade: mostra como a elaboração de um movimento de reforma coincide com um momento de engajamento teórico e de crise de legitimidade, pois sublinha como as decisões teóricas fundamentais sobre a língua tomadas por uma comissão marcam a elaboração de uma metalinguagem concebida como instrumento decisivo na história da constituição do sujeito nacional.

Referências

AUROUX, S. **La sémiotique des encyclopédistes**. Paris: PUF, 1979.

_____. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

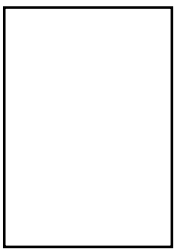
DÉTRIE, C. **Du sens dans le processus métaphorique**. Paris: Honoré Champion, 2001.

DUMARSAIS, C. **Des tropes ou des différents sens**. Présentation, notes et traduction: Françoise Douay – Soublin. Paris: Flammarion, 1988.

GUIMARÃES, E. **Os Limites do Sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas: Pontes, 1995.

_____. Sinopse dos Estudos do Português no Brasil. A Gramatização Brasileira. **Língua e cidadania**. Campinas: Pontes, 1996.

JOANILHO, M.P.G. **As metáforas da língua nacional**. Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP: Campinas. Tese de doutorado (inérita), 2005.



**DOURADO METÁFORA DE UM GRUPO:
UM ESTUDO SOBRE O CÔMICO E O AMBÍGUO NA
FALA DE UMA COMUNIDADE MINEIRA**

Ormezinda Maria Ribeiro

RESUMO

Apresentamos uma pesquisa sobre um grupo de falantes do município mineiro de Patrocínio e egressos dessa região. O aspecto cômico provocado pela ambigüidade nas construções desse grupo é determinado pela relação metafórica e metonímica e pelos efeitos da projeção de imagens, localizando a metáfora no modo de conceptualizar um domínio mental em termos de outro. Constitui-se em uma investigação de variação lingüística com abordagem da Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1998) e os mapeamentos metafóricos de Lakoff e Johnson (2002).

Palavras-chave: Metáfora, Ambigüidade.

ABSTRACT

We present a research about a group of speakers in the city of Patrocínio, state of Minas Gerais, Brazil. The comic aspect brought by the ambiguity in the constructions produced by this group is determined, in most cases, by the metaphoric and metonymic relation and by the effects of image projection, locating metaphor in the way of conceptualizing a mental domain in terms of another. This work, thus, constitutes an investigation of a linguistic variety based on Fauconnier's Mental Space Theory (1998) approach, and Lakoff and Johnson (2002 metaphoric mappings).

Keywords: Metaphor, Ambiguity.

Introdução

Este trabalho apresenta uma investigação de variação lingüística que, passando pela abordagem da Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1998), caracteriza-se como um estudo nos campos da Lingüística Cognitiva e tem uma relação com o quadro da Sociolingüística e da Antropologia Lingüística. Nessa medida, trata da análise de um grupo de falantes de uma região rural de Patrocínio, MG, e egressos dessa região, residentes nessa cidade.

O modelo dos “espaços mentais” proposto por Fauconnier (1998) e os mapeamentos metafóricos de Lakoff e Johnson (2002) constituem nosso aporte teórico para tentar explicar os processos cognitivos que se estabelecem na mente dos falantes da comunidade pesquisada, quando se envolvem em um evento de fala.

Assim, reportar-nos-emos aos pressupostos teóricos da Lingüística Cognitiva com foco na teoria de Lakoff e Johnson (2002), Fauconnier e Sweetser (1996), Fauconnier e Turner (1996) e Fauconnier (1998).

A teoria dos Espaços Mentais, defendida por esses autores, explicita que a construção de domínios cognitivos ou Espaços Mentais se dá a partir de expressões lingüísticas apropriadas, que pressupõem operações sintáticas e semânticas necessárias à construção de sentido. A cada novo espaço mental, uma nova referência é construída, com a instalação de um enunciador, num determinado tempo e lugar e isso é marcado por mecanismos lingüísticos, aos quais Fauconnier chama de construtores de Espaço (*space builders*), que são formas lingüísticas ativadoras do processo de referência.

Propomo-nos a analisar as expressões lingüísticas desse grupo de falantes, considerando esses mecanismos lingüísticos, e partindo da hipótese de que o aspecto cômico provocado pela ambigüidade nas construções realizadas pelo grupo pesquisado é determinado, na maioria dos casos, pela relação metafórica e metonímica e pelos efeitos da projeção de imagens, ou seja, localizando a metáfora no modo de conceptualizar um domínio mental em termos de outro.

Admitimos, neste estudo, que a teoria das metáforas não pode separar o cognitivo do social, assumindo que toda e qualquer consideração teórica que procure propor uma abordagem puramente cognitiva, ou puramente sócio-cultural não conseguirá fornecer uma visão satisfatória da linguagem, razão pela qual, antes das análises, dedicamos um tempo à pesquisa histórica e antropológica, com a intenção de apresentar o grupo em seu contexto histórico-social.

Essas considerações se fazem necessárias, pois nos remetem à necessidade imperiosa de pesquisarmos a língua em uso, e mostrar que a interação entre o cognitivo e o social nos permite efetivamente abordar a linguagem sob uma ótica que nos revele toda a sua riqueza de formulações sócio-históricas, sem, contudo, perdemos o foco da análise lingüística.

Assim, estamos levando em consideração, neste estudo, três aspectos imprescindíveis: os recursos lingüísticos e cognitivos dos falantes/ouvintes, a contextualização dos enunciados analisados e os resultados das projeções realizadas pela comunidade lingüística pesquisada.

1. Retratos do Grupo

Em Ferreira (1999, p. 706), a palavra dourado figura como:

(adj.) 1 da cor do ouro; 2 Revestido de camada ou folha de ouro; 3 enfeitado ou bordado a ouro; 4 feliz, alegre, despreocupado; (s.m.) 5 douradura; 6 a cor dourada; peixe actinopterigeo, cacaciforme, caracídeo (*Salminus brevidens* do Rio São Francisco, *S. maxilosus* da bacia do Paraná), carnívoros, de grande porte, de coloração dourada endente ao vermelho, muito apreciado para pesca esportiva e cuja carne e de primeira qualidade, alcança 1 m de comprimento e 20 kg de peso.

Todavia, no linguajar da região de Patrocínio, “dourado” tem outra conotação. Designa, em termos gerais, as pessoas oriundas da região rural próxima ao Rio Dourados e, por extensão metonímica, todas as pessoas que gostam de pão doce, ou ainda as que possuem traços físicos característicos daquele grupo, quais sejam, pele muito clara, olhos bem azuis, cabelos extremamente loiros e finos e um falar característico.

O grupo pesquisado, chamado popularmente de “Dourados”, é composto por pessoas de tez clara, olhos verdes ou azuis, compleição física pequena e cabelos geralmente loiros, o que faz com que pessoas de outras comunidades associem o nome “dourado” ao tipo físico predominante no grupo. Como é comum a prática de casamentos endogâmicos, o fenótipo dos membros do grupo não varia muito.

O grupo, em sua maioria, reside na cidade de Patrocínio, em maior concentração nos bairros próximos à região rural de onde vieram: a região do Rio Dourados, a poucos quilômetros da zona urbana. Contudo, vários membros do grupo residem na zona rural e só se deslocam até a cidade para atividades comerciais ou para participar de eventos sociais e muitos deles, mesmo residindo na cidade, possuem propriedades rurais na região de origem.

Registramos as falas de homens e mulheres de faixas etárias definidas previamente de modo a contemplar o linguajar de pessoas residentes tanto na zona rural, quanto daquelas que residem na zona urbana.

Eles são geralmente identificados pelos traços físicos característicos, pelos sobrenomes comuns, além do aspecto peculiar da linguagem tanto no nível fonológico, quanto lexical e sintático. O aspecto lingüístico, quase sempre alvo de brincadeiras dos demais grupos, paradoxalmente, os une e os separa, conforme tivemos a oportunidade de constatar pelas conversas informais e entrevistas com seus representantes e confirmar com aqueles que convivem com o grupo. Devido às troças que são feitas com relação ao falar característico do grupo, muitos, embora oriundos daquela região rural, não gostam de ser identificados como seus membros.

2. Sobre metáforas

Tradicionalmente, a metáfora tem sido conceitualizada com uma figura de palavra em que um termo substitui o outro, em vista de uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam.

Em uma tradução literal do vocábulo, teremos: *Metaphorá* (metáfora), do grego, META = trans + PHÉREIN, o que equivale a levar, ou seja: uma mudança do sentido próprio para o figurado.

Aristóteles, (1959, p.62), definiu a *metaphora* como um conjunto genérico–analógico, um cruzamento de figuras, de mudança de sentido. Para esse filósofo, a metáfora é uma transferência de um nome estranho, estrangeiro (*altrios*) de uma coisa para outra, transferência do gênero, da espécie para a espécie e por fim pela relação de analogia.

O texto literário, cheio de imagens por natureza, provoca o “ar estrangeiro” a que se refere Aristóteles. Esse efeito inesperado é provocado pela relação poética entre elementos conhecidos e desconhecidos.

Atualmente, a metáfora deixou de ser considerada um simples “adorno” para o texto, como acontecia no passado, e não é mais vista tão somente como uma mera figura de estilo, mas considerada como elemento indispensável para a constante revitalização da linguagem humana, num processo de enriquecimento e transformação da língua. Ela faz parte da vida diária, na linguagem, no pensamento e na ação. As metáforas são reveladoras de elementos ocultos que apenas o inconsciente pode perceber e utilizar. Elas comunicam indiretamente, num processo de linguagem que consiste em fazer uma substituição analógica.

Esse entendimento da metáfora como uma operação cognitiva fundamental, constitutiva da linguagem e do pensamento, pode ser atribuído a Lakoff & Johnson (2002). Esses autores, ao romperem com a visão tradicional da metáfora, na qual ela é considerada simples figura de linguagem, sem valor cognitivo, devendo ser apenas reconhecida e classificada, enfatizaram a sua interpretação, por envolver o desenvolvimento do raciocínio analógico e a capacidade interpretativa do interlocutor.

Assim, a seguir, reportar-nos-emos à teoria de Lakoff e Johnson (2002), considerando o tratamento dado ao estudo da metáfora. Esses autores constataram que a maioria das concepções filosóficas tradicionais atribuía à metáfora um diminuto papel, colocando-a num plano periférico para a compreensão do mundo e do modo de expressar sobre esse mundo, além do fato de terem encontrado uma evidência lingüística de que a metáfora desempenha um papel essencial na linguagem cotidiana e no pensamento.

3. A Teoria de Lakoff & Johnson

Se, como diz Bachelard (1984, p. 245), “a metáfora vem dar um corpo concreto a uma impressão difícil de exprimir, a metáfora é relativa a um ser psíquico diferente dela”, o sentido de um enunciado metafórico é suscitado pelo fracasso da interpretação literal do enunciado. E, diferentemente do que imagina a maioria das pessoas, a metáfora não é apenas um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico. Mais do que uma questão de linguagem extraordinária, a metáfora é uma questão da linguagem ordinária, asseguram-nos Lakoff e Johnson (2002, p. 45). Ela está infiltrada no nosso cotidiano não somente na linguagem, mas no pensamento e na ação, embora a maioria das pessoas entenda que pode viver sem ela. Nosso sistema conceptual ordinário é fundamentalmente metafórico, garantem esses dois autores, para quem os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Lakoff e Johnson (2002, p. 45, 46) defendem a tese de que esses conceitos governam também a nossa atividade cotidiana até mesmo nos detalhes mais corriqueiros e definem o modo como nos comportamos no mundo e como nos relacionamos com os outros.

Todavia, nosso sistema conceptual não é algo do qual temos consciência normalmente, uma vez que, nos pequenos atos do cotidiano, pensamos e agimos mais ou menos de forma automatizada. Um dos meios de descobrir nossas linhas de conduta, desautomatizando-a, é considerar a linguagem, já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e para agir. Portanto, asseveram Lakoff e Johnson (2002, p. 46), a linguagem “é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema”.

Lakoff e Johnson (2002, p. 46, 47), ao desenvolverem a tese de que as metáforas sustentam nossa forma de pensar e agir no e sobre o mundo, e de que elas também influenciam nossa vida, apóiam-se no conceito de discussão e na metáfora conceptual: “discussão é guerra”. Assim, comprovam que os conceitos formulados no cotidiano empregando-se as metáforas não são de forma alguma transcendentais ou racionais, todavia surgem de nossas experiências corporais com o meio em que vivemos.

Lakoff e Johnson desconstroem o dualismo cartesiano entre corpo e mente e o famoso adágio de Heideger, lembrado por Ricouer (2002, p. 433): “o metafórico só existe no interior da metafísica”.

Assim como Fauconnier (1998, p. 2), Lakoff e Johnson afirmam que a mente é inerentemente corporificada, que o pensamento é essencialmente inconsciente e que os conceitos abstratos são basicamente metafóricos. Três dos principais pilares da ciência cognitiva, fundada nos anos 70, antagônicos, a priori, às bases da filosofia ocidental.

Ao contrário do que apresenta a tradição platônico-aristotélica, as metáforas, do ponto de vista das ciências cognitivas, não são figuras de natureza retórica ou poética, mas um recurso do pensamento, que não pode ser manifesto a não ser pelo concurso dos signos, já dizia Saussure (1979).

Há, portanto, uma relação mútua entre língua e pensamento, posto que o pensamento, para se materializar, não pode dispensar a língua. Não há como pensar sem palavras, pois as palavras não são puramente a tradução de um pensamento já constituído, mas a sua própria condição de realização.

Para toda atividade autônoma do espírito, uma autonomia verbal se faz acompanhar. E é a linguagem que estende o poder do pensamento, conferindo-lhe uma mobilidade e uma generalidade que ele não poderia atingir por si mesmo.

O pensamento, assim como a linguagem, é essencialmente simbólico e é essa identidade de natureza que permite ao homem exprimir-se e comunicar-se com seus semelhantes. A língua é uma instituição social a que todo indivíduo pertencente a uma mesma comunidade se submete para se fazer entender. Assim, para que seu pensamento seja conhecido por outros, ele é levado a moldá-lo na forma já convencionalizada por uma mentalidade coletiva.

Para Aristóteles (1959, p. 42), a metáfora é uma “criação lingüística”, pois a língua não é apenas veículo comum, ela é também um meio de despertar emoções e de fazê-las surgir nos outros. A linguagem metafórica é, sem dúvida, uma das principais estratégias expressivas disponíveis na língua.

Nesses termos, as metáforas lingüísticas constituem manifestações verbais de metáforas conceituais, pois um mesmo conceito metafórico pode ser expresso por meio de diferentes enunciados lingüísticos, conforme a escolha lingüística do enunciador. Isso implica dizer que a metáfora é uma expressão do pensamento, e sua representação lingüística é uma manifestação dessa expressão do pensamento nas formas da língua.

Para Lakoff e Johnson (2002, p. 323-327), a visão equivocada da metáfora como simples ornamento, como figura de linguagem, ou retórica sem função informativa, pode ser explicada pelo que eles denominam mito do objetivismo, que abrangeria todas as correntes da filosofia ocidental na qual houve a hegemonia da razão, além do medo do sentimento e da imaginação.

Na tradição objetivista, afirmam Lakoff e Johnson (2002, p. 324), a metáfora “é vista como apenas marginalmente relevante para uma explicação da verdade”.

Todavia, esses autores garantem que a metáfora está presente, não só em nossa linguagem, mas em nosso sistema conceptual, sendo um dos mecanismos mais básicos para a compreendermos nossa experiência, o que não combina com a visão objetivista pela qual a metáfora é de interesse apenas periférico na explicação do sentido e da verdade, desempenhando apenas um papel marginal na compreensão. Para Lakoff e Johnson, a metáfora pode criar sentidos novos, criar similaridades e, assim, definir uma nova realidade.

Baseando-se, principalmente, na evidência lingüística, esses autores constataram que a maior parte de nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica.

Assim, buscando explorar o caráter cognitivo metafórico que envolve a linguagem cotidiana e rege nossa fala, pensamento e ações; e que são, na verdade, conceitos metafóricos que se manifestam de diferentes maneiras na língua, descreveram as metáforas da linguagem cotidiana e preocuparam-se em explicar o aspecto cognitivo da metáfora.

Para Lakoff e Johnson (2002, p. 45-48), a percepção humana é construída com base nos conceitos, nas ações e nas relações com outras pessoas, apesar de agirmos e pensarmos mais ou menos automaticamente.

A grande contribuição de Lakoff e Johnson reside no fato de derrubarem uma série de dicotomias objetivistas, quando enfatizaram em seus estudos que a grande parte dos enunciados do cotidiano são metafóricos e que a metáfora é a regra, não a exceção, levando a desestabilização do conceito de que a linguagem figurada é um desvio da linguagem usual. Essa abordagem desestabiliza também a concepção de que ciência se faz com a linguagem literal e poesia, ou literatura, com a linguagem metafórica. O que se estabelece é a idéia de que essa figura se encontra presente em todos os tipos de linguagem como algo central e não periférico, quer no discurso da ciência, do cotidiano ou literário.

Também Fauconnier (1998, p. 3, 4) afirma que a razão surge da natureza de nossos cérebros, corpos e de nossa experiência e revoga o que a tradição filosófica tem sustentado. A razão não é, pois, uma forma transcendente de nosso corpo, mas moldada pela peculiaridades de nossos corpos e pelo nosso modo de viver e de sentir o mundo. Ela não é parte da estrutura do universo, mas uma capacidade compartilhada universalmente por todos os seres humanos. Ela não é imparcial, mas emocionalmente comprometida.

Assim, considerando que a razão é moldada pelo corpo, ela não é radicalmente isenta, porque os possíveis sistemas conceptuais humanos a limitam. Fauconnier (1998, p. 5) assegura que a mente não somente é corporificada como corporificou nosso sistema conceitual que se utiliza de nossos corpos e dos ambientes nos quais vivemos de tal forma que o sistema conceitual de uma pessoa torna-se universal, ou difundido pelo idioma e pela cultura. O pensamento não está expulso do corpo.

A estrutura neurológica de nossos cérebros produz sistemas conceituais e estruturas lingüísticas que não podem ser consideradas somente por sistemas formais que manipulam símbolos.

Para Lakoff e Johnson (2002), metáforas não ligam apenas sistemas conceituais, ao serem processadas, mas, de uma forma inerentemente básica, constroem, motivam e restringem tais sistemas conceituais.

A palavra “metáfora” pode ser entendida, no sistema conceptual, como uma projeção (no sentido matemático do termo) entre um domínio de origem, que serve como ponto de referência e onde se buscam conceitos, definições e terminologia, e um domínio alvo, explorado e expresso com os elementos fornecidos pelo domínio de origem.

As metáforas são projeções entre domínios conceptuais, provenientes do processamento cognitivo chamado Espaços Mentais, que surgem quando falamos ou pensamos, produzidos como funções da expressão lingüística que os suscitam e do contexto que se configuram. São, portanto, dinâmicos.

Nos espaços mentais, os sentidos são pré-organizados na mente e, quando ativados, podem projetar padrões de inferência do domínio de origem em padrões de inferência no domínio alvo.

Essas projeções não são arbitrárias, mas assentam no corpo e na experiência e conhecimento cotidianos. O nosso sistema metafórico é fundamental para a nossa compreensão da experiência e para o modo de agir com essa compreensão. A metáfora é essencialmente baseada em correspondências com as nossas experiências, mais do que na similaridade. O sistema metafórico desempenha um papel importante tanto na gramática como no léxico duma língua e é constante, ainda que de forma inconsciente. Assim, podemos compreender que o modo pelo qual o falante recebe e encara a realidade depende da própria língua, ou seja, entre a visão do mundo e a linguagem existe uma relação de interdependência.

As projeções metafóricas variam em universalidade. Algumas parecem ser universais, outras estão muito difundidas, ou constitutivas de determinada cultura, podendo ser consideradas um fenômeno central na linguagem e no pensamento e não apenas uma figura de estilo, sendo presente em todos os tipos de linguagem, na cotidiana e científica e não apenas na linguagem poética.

Todavia, conforme garantem Lakoff e Johnson (2002), na maior parte dos casos, a metáfora poética é uma extensão do nosso sistema convencional de pensamento metafórico cotidiano.

4. Sobre Metonímias

Assim como a metáfora, tradicionalmente, também a metonímia tem sido considerada como “figura de palavra”, apenas mecanismo retórico de ornamentação, típicos da linguagem literária. Contudo, essa figura não é exclusividade da linguagem poética, nem tão somente reforço para a argumentação e a retórica. Assim como ilustra a epígrafe extraída do filme “O carteiro e o poeta”, Lakoff e Johnson (2002, p. 48) garantem que a linguagem cotidiana também está repleta de expressões metonímicas. Segundo esses autores, tanto metáfora como metonímia são instrumentos cognitivos, o que, para a Lingüística Cognitiva, constituem fenômenos verdadeiramente conceituais.

A diferença entre metáfora e metonímia, com efeito, não é uma diferença de operação, como entre semelhança e relação extrínseca, afirma Ricoeur (2002, p. 255). Na metonímia, um termo substitui outro não porque a nossa sensibilidade estabeleça uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam, mas pela relação de proximidade, de vizinhança entre um termo e outro. Essa relação não é inquestionável, mas pode ser verificada na realidade externa ao sujeito que estabelece tal relação.

Ao compararem metáfora e metonímia, Lakoff e Johnson (2002, p. 92, 93) afirmam que são processos de natureza diferente: a metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em

termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra. Mas metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento.

Enquanto a metáfora envolve domínios cognitivos diferentes, relativos à experiência, como uma projeção da estrutura de um domínio-origem numa estrutura correspondente a um domínio-alvo, a metonímia fica circunscrita a um mesmo domínio, afirmam Lakoff e Johnson (2002).

Para demonstrarem que as metáforas não são meras extensões, ou transferências semânticas de uma categoria para outra de domínio diferente, mas envolvem uma analogia entre a estrutura interna de dois domínios da experiência, Lakoff e Johnson (2002, p. 46) servem-se do exemplo “Discussão é guerra”. Por meio dessa metáfora, esses autores afirmam que a conceitualização de categorias abstratas se fundamenta na nossa experiência cotidiana.

Mesmo que não tenhamos uma experiência pessoal de guerra, mas imagens mentais sobre essa situação provocada entre homens, e, por extensão, entre povos e nações, conceitualizamos uma discussão pela metáfora da guerra. Assim, entre os dois domínios são estabelecidas analogias estruturais, quais sejam: há uma correspondência entre os participantes de uma guerra e os participantes de uma discussão, as opiniões divergentes correspondem às diferentes posições dos adversários na guerra, manter uma opinião corresponde a defender-se e fazer objeções corresponde a atacar, enquanto abster-se de opinar, ou retirar a palavra, corresponde à rendição.

A metáfora se baseia na semelhança. A sinédoque e metonímia se baseiam na contigüidade, não na semelhança. Há autores que não distinguem sinédoque de metonímia, embora alguns afirmem que a diferença entre as duas reside em que a metonímia estabelece uma relação geral de causa e efeito e a sinédoque uma relação geral do todo com a parte. Na metonímia haveria uma dependência externa, uma correspondência causal. Na sinédoque uma dependência interna, inclusão, conexão.

Lakoff e Johnson (2002, p. 93) asseveram que a metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo emprego que a metáfora, no entanto ela permite que focalizemos mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo e, assim como a metáfora, faz parte do nosso cotidiano, pois estão intrinsecamente ligadas ao nosso agir e pensar no dia-a-dia. Lakoff e Johnson (2002, p. 97) garantem que os conceitos metonímicos são responsáveis não só pela estruturação de nossa linguagem, mas também organizam nossos pensamentos, atitudes e ações e estão intimamente entrelaçados às nossas experiências.

Para Lakoff e Johnson (2002, p. 97) os conceitos metonímicos se baseiam em relações de contigüidade e nos permitem conceitualizar uma coisa por sua relação com outra. Assim como a metáfora, esses conceitos estruturam não só a nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e baseiam-se em nossa experiência.

5. Sobre histórias e parábolas

Conforme sugere Turner (1996) em sua obra *The literary mind*, nós interpretamos todo nível de nossa experiência por meio de parábolas, entendendo a parábola como a projeção de história, não da forma convencional como é empregada na literatura, mas para destacar que a mente cotidiana é essencialmente literária.

A essência da parábola, na concepção de Turner (1996, p. 5), é a combinação de história com projeção: uma história é projetada sobre outra, um princípio cognitivo básico. A maioria de nossa experiência, nosso conhecimento e nosso pensamento é organizada por histórias. O âmbito mental de história pela projeção, em nosso cotidiano ajuda a fazer relações de sentido.

Para Turner (1996, p. 12), é próprio do homem criar histórias e, pelas histórias, nós imaginamos realidades e construímos significados. A mente cotidiana executa esses feitos por meio de processos mentais que são considerados processos literários.

A mente humana sempre está em trabalho constante, construindo histórias pequenas e as projetando, tornando a vida cotidiana possível, pois são a raiz do pensamento humano, assegura Turner (1996, p. 12). As histórias são tão essenciais à vida, que nosso domínio delas se mostra quase completamente inconsciente, de um ponto de vista biológico; mas se manifesta no cotidiano como um mecanismo tão consciente que não nos apercebemos de sua inevitável essencialidade. Quando nos apoiamos em outras histórias, quando contamos e repassamos histórias, e quando empregamos pequenas histórias em nosso dia-a-dia, para dar forma e sentido ao nosso pensamento, às nossas concepções de mundo, nós distinguimos objetos de eventos, objetos de outros objetos, e eventos de outros eventos. Desse modo, estamos fazendo nossas projeções e realimentando nosso cotidiano com uma linguagem que não nasce de nosso pensamento abstrato e singular, mas que vem de uma história geral: a existência humana, guardada em nosso inconsciente e projetada por outras histórias. É a história de como nós usamos história, a parábola para pensar, que nos acompanha desde a história geral da humanidade, projetada em nossas pequenas histórias do cotidiano, ao nível de histórias do cotidiano.

Toda a realidade humana é simbólica e esses símbolos que usamos para dar nomes às coisas do “mundo” nos cercam e nos envolvem como um cenário perceptível por meio de alguns, muitos ou mesmo uma infinidade de sinais, que são traduzidos por nossas metáforas, nossas formas conceituais de apreensão dos sentidos.

Assim, ao apresentarmos uma história, projetamos outra história, com a principal intenção de dar a entender uma possível mensagem. Essa projeção de uma história sobre outra pode parecer didatizadora, mas se constitui de esquemas, que se organizam e, num processo de deslocamento, a parábola combina história e projeção convenientemente, como um laboratório onde são condensadas grandes coisas em um espaço pequeno. Assim, entender uma parábola é acionar uma série de dados armazenados que são ativados inicialmente com imagem narrativa até a compreensão de um complexo de objetos, eventos e atores que remontam ao nosso conhecimento de história.

Combina história, então, com projeção: uma história é projetada sobre outro. A essência de parábola é, portanto, a combinação de duas de nossas formas básicas de conhecimento -projeção e história- que produzem um de nossos processos mentais mais agudos porque significam construir outra história, atualizada, dada a natureza de nossos sistemas conceituais.

6. A opção teórica

A Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1998) pareceu-nos bastante lúcida e inovadora para emprendermos esta análise, uma vez que reconhece que as ferramentas da lógica formal assumidas pelas teorias tradicionais não dão conta da sistematização necessária ao trabalho de análise do

idioma natural. A teoria, defendida por Fauconnier, inova no sentido de separar as estruturas referentes, dentro de uma semântica cognitiva, indicada nos espaços mentais que funcionam como conectores capazes de estabelecer o elo de sentido entre o que se diz e o que se tem em mente, não realizado pela enunciação e passível de mais de uma leitura.

Na perspectiva teórica defendida por Fauconnier (1998), Turner (1996) e Fauconnier e Sweetser (1996), os significados são entendidos como construções mentais processados a partir de instruções fornecidas pelos sinais lingüísticos – as formas da língua. Entendendo os diferentes níveis de estruturação da gramática como partes integrantes do conhecimento que os sujeitos têm arquivado na mente, partimos do pressuposto de que as formas lingüísticas não são portadoras de significados, mas orientadoras para a construção de significações em domínios mentais.

Ainda, tomando como guia os estudos de Lakoff e Johnson (2002), que realizaram uma ampla análise de enunciados da linguagem cotidiana com a descoberta de que a nossa linguagem revela um imenso sistema conceitual metafórico, que rege nosso pensamento e nossa ação, realizaremos nossas análises, alicerçadas também no trabalho de Turner “The literary mind”, (1996). Esse trabalho apresenta a concepção da parábola como um princípio cognitivo básico e, como a maioria de nossa experiência, nosso conhecimento e nosso pensamento são organizados por histórias, subsidiando nossas análises situando a projeção e a intermediação pela linguagem de forma a construir as relações de sentido.

Vejamos uma expressão do grupo:

Aquela égua que tava amarrada no pau do Polidório era eu.

Há nessa expressão uma ambigüidade que, em princípio, causa estranheza, comicidade e uma possível interpretação maliciosa, se considerarmos a polissemia do vocábulo “pau” no sentido listado por Preti (1984), associado à concepção vulgar de égua e os sentidos gerados numa primeira interpretação, sem considerar o contexto e a relação entre os interlocutores.

Num primeiro nível de interpretação - o nível da enunciação, podemos aduzir a intenção do falante: comunicar ao seu interlocutor a sua presença em um local notadamente conhecido na comunidade. Nesse episódio, a referência ao animal pertencente ao enunciador estabeleceria a relação de propriedade/presença do proprietário, o que poderia ser caracterizado como uma relação metonímica e não metafórica, considerando que o enunciador não estaria atribuindo a si próprio, características do animal a ele pertencente, mas apontando uma referência ao seu interlocutor, para propiciar a compreensão da mensagem.

Num segundo nível de interpretação- o nível literal- a égua seria interpretada como sendo o enunciador, o que, apesar do efeito cômico, em princípio considerado nessa fala, seria logo descartado, entendendo que nenhuma comunidade lingüística interpretaria, desse modo, essa expressão.

Um terceiro nível- o metafórico- poderia ser explorado, tendo em vista o efeito de sentido alternativo atribuído pelo falante, donde pode se considerar a metarregra de relação proposta por Charolles, lembrada por Abreu (2004, p. 43): “em um texto coerente, seu conteúdo deve estar adequado a um estado de coisas no mundo real ou em mundo possíveis”. Nesse caso, empregando a metarregra de relação há que se chegar à seguinte análise: a relação do animal com seu dono é tomada como relação de referência num mundo real em que a presença da égua, determina a presença do proprietário. A presença da égua no local apontado, nesse sentido, é uma metonímia que sinaliza

a presença do seu condutor, daquele que se estaria servindo dela para estar ali naquele momento. Portanto, um sentido alternativo e possível no mundo real.

Assim, teremos o seguinte esquema para representarmos essa enunciação:



No domínio de origem tem-se égua como referente para a projeção do domínio alvo “eu”, assim, um *blending* é criado levando à interpretação de que na relação entre o animal possuído/ presença do possuidor há uma metonímia em que uma entidade está sendo usada para se referir à outra, provocando uma interpretação possível em nosso sistema conceptual.

De igual modo a relação Polidório/Padaria também pode ser estabelecida nesses termos:



No domínio de origem, tem-se Polidório como referente para padaria, numa relação metonímica inversa à relação do esquema anterior: Polidório é o proprietário da padaria, diante da qual estaria amarrada a égua do enunciador. O pau a que se refere o enunciador estaria localizado do lado de fora da padaria de propriedade do Sr Polidório. Assim, o proprietário empresta o nome à propriedade, lugar de referência para os interlocutores desse evento de fala.

Esses espaços que constituem uma rede e se desenvolvem à medida que pensamento e fala progridem, de modo a possibilitar que as informações importadas de diversos domínios cognitivos, ou da própria situação comunicativa, sejam interpretadas como coerentes e significativas numa dada comunidade lingüística.

Assim, o foco deste trabalho está na linguagem como um conjunto de recursos simbólicos que entra na constituição do sistema social e na representação individual de mundos reais ou possíveis, organizados mentalmente e projetados à medida que a situação de fala exige.

Se aceitarmos que construímos significados a partir de instruções fornecidas pelas formas lingüísticas, as análises que apresentamos, sob a perspectiva sócio-cognitiva, tendo como referência a teoria dos espaços mentais, podem efetivamente mostrar que a função das construções lingüísticas é guiar ou operacionalizar esse “saber” e que a exploração dos fenômenos biológicos, mentais, sócio-histórico-culturais, ligados à língua só tem a acrescentar ao trabalho realizado pelos lingüistas, sem deixar de considerar e respeitar a organicidade e metodologia consagrada dos chamados níveis de análise lingüística, conforme orienta Abreu (2003, p. 18).

Valemo-nos aqui também do processo metonímico para concluir que as construções lingüísticas tradicionalmente rotuladas como figuras de linguagem são apenas a ponta do *iceberg* de um fenômeno muito mais amplo no nível da linguagem e da cognição humana, conforme enfatiza Fauconnier (1998). Nessa perspectiva, entender melhor as metáforas equivale a compreender um pouco mais a respeito do intrincado e misterioso terreno que é o funcionamento da mente humana.

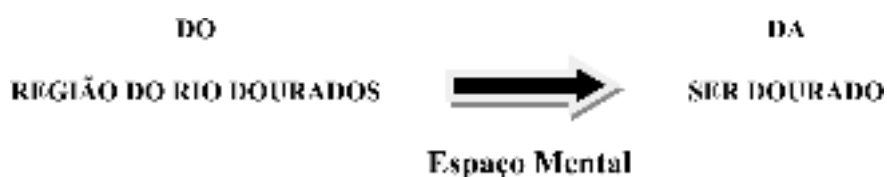
Desse modo, essas projeções metafóricas presentes na linguagem cotidiana nos ajudam a entender as metáforas existentes na fala deste grupo.

Cabe lembrar que, para os membros da comunidade pesquisada e das outras comunidades, existe uma associação entre rosca e os membros da comunidade de Dourados, assim como também a expressão “dourado” tornou-se uma designação genérica para as pessoas da região do rio Dourados e adjacências.

Daí, podemos fazer o seguinte esquema para representar o processo de projeção de imagens:



No domínio de origem temos rosca como referente para a projeção do domínio alvo “dourado”, quando um *blending* é criado, levando à interpretação de que na relação entre a quitanda preferida pelos membros do grupo e o próprio membro do grupo há uma metonímia, decorrente de uma associação entre comida e pessoas, provocando uma interpretação possível em nosso sistema conceptual. Assim, gostar de rosca equivale a ser dourado, que por sua vez é também resultado de um processo metonímico. Nesse caso, numa relação de contigüidade, o nome do lugar é associado às pessoas ali nascidas e pode ser estabelecida nesses termos:



No domínio de origem tem-se “dourado” como referente para os membros da comunidade, numa relação metonímica, similar à relação “rosca/dourado”. Então, o Rio Dourados empresta o nome a quem nasce na região próxima a ele e torna-se um lugar-referência e, assim, mais do que se constituir em uma figura, a metonímia cria símbolos. “Gostar de rosca” passa a ser identificador das pessoas oriundas da Região do Rio Dourados, que também funciona como identificador do grupo de pessoas daí provenientes. Nesse sentido, outras relações metonímicas podem ser acrescentadas: “ser dourado” = “ser bobo”, e ainda, “ser dourado” = “a ser esperto”.

Identificamos essa correlação como uma mesclagem cognitiva que ocorre quando processos mentais envolvem relações conceptuais entre, pelo menos, dois domínios distintos. Assim, eles são ativados e suprem a escassez dos significantes com informações neles arquivadas. Por isso, muitas

vezes, tal qual apresentam esses exemplos, a partir de um único termo, experiências de diferentes naturezas, ativadas na memória, vêm compor o significado das construções lingüísticas que são realizadas cotidianamente, não só por esse grupo, mas por todos os falantes de língua portuguesa e de outras línguas.

Essas relações, que podem soar contraditórias, fora de um contexto, são compreendidas no universo cultural desse grupo, pois quem as conhece separa essas duas características.

A conotação de “bobo” é atribuída àqueles membros com problemas mentais em consequência dos casamentos consangüíneos, comuns entre o grupo. Por outro lado, a conotação de “esperto” é atribuída ao fato de os membros do grupo dos Dourados serem negociantes natos e talentosos. E, reportando-nos à opinião de membros de outras comunidades, “o que eles não podem ser classificados é como bobos, pois em tudo que fazem levam vantagem”.

Referências

ABREU, A.S. Progressos da lingüística cognitiva e níveis de análise lingüística. **Alfa**. São Paulo, V. 47, n. 2, pp. 9-19, 2003.

_____. **Curso de Redação**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ARISTÓTELES. **Retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1959.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: University Press, 1998.

FAUCONNIER, G. **The Way We Think: Conceptual Blending and The Mind's Hidden Complexities**, Cambridge University Press, 2002.

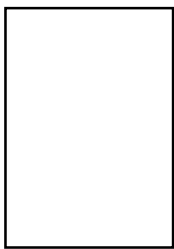
FERREIRA, A.B.H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, São Paulo: EDUC, 2002.

RICOUER, P. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Édition critique par T. de Mauro. Paris: Payot, 1979.

TURNER, M. **The literary mind**. New York: Oxford University Press, 1996.



O ESCÂNDALO POLÍTICO NO GOVERNO LULA E SUA CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA: REPRESENTAÇÃO E METÁFORA

Ruberval Ferreira*

RESUMO

Este trabalho consiste na investigação dos processos lingüísticos envolvidos na construção discursivo-midiática de um episódio ocorrido no governo Lula que ficou conhecido como o “escândalo do mensalão”. Ele traz uma discussão sobre as formas de investimento de sentido que constituem esse evento midiático e suas implicações éticas e políticas. A análise toma como referência a discussão que Fairclough (2001, 2003) propõe sobre os processos metafóricos, a teorização que Thompson (2002) propõe sobre o “escândalo político” enquanto fenômeno midiático e algumas questões postas pela semiótica cultural no que diz respeito à análise da cor como informação.

Palavras-chave: Mídia, Escândalo político, Representação, Metáfora.

ABSTRACT

This paper is about an investigation of the linguistic processes involved in the discourse and media construction of a Lula government episode known as “escândalo do mensalão” (monthly bribery scandal). It discusses the meanings invested in this media event as well as its political and ethical implications. The analysis is based on Fairclough's discussions (2001 and 2002) on metaphorical processes, on Thompson's theory (2002) of a “political scandal” as a media phenomenon, and some issues proposed by cultural semiotics such as the analysis of color as information.

Keywords: Mass-media, Political scandal, Representation, Metaphor.

* Doutor em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP e professor adjunto do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/PosLA do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará.

Introdução

A segunda metade do século XX marca a consolidação de uma sociedade constituída visceralmente pelo poder dos meios de comunicação de massa. Para muitos cientistas políticos e teóricos da comunicação, estamos vivendo numa sociedade essencialmente midiática “que faz do espetáculo sua maneira de ser”. No cenário político contemporâneo, a mídia tem-se mostrado cada vez mais uma instância geradora de sistemas de representação que são utilizados tanto para construir uma compreensão da sociedade como para desencadear formas distintas de ação. As mídias não implicam só transmissão de informação. Seus modos de funcionamento criam formas de ação que mostram como essa instância molda e transforma a vida social e política.

Nesse contexto, um dos espetáculos midiáticos mais recorrentes no cenário político contemporâneo é o chamado “escândalo político”, fenômeno discursivo-midiático que vem provocando inúmeras discussões em diversos domínios, sobretudo na ciência política e nos estudos dos chamados *mass-media*.

As novas tecnologias que surgiram, sobretudo no campo dos meios de comunicação, provocaram transformações sociais e políticas que moldaram as sociedades modernas. Nos últimos anos, acompanhamos a publicização de diversos escândalos políticos, tanto em nível nacional quanto em nível internacional. Seja envolvendo escândalos sexuais, casos de corrupção ou outras ações supostamente questionáveis, a mídia tem demonstrado a força de suas armas simbólicas não apenas na forma como esses “fatos” são construídos, mas, sobretudo, na forma como se dão suas conseqüências. Nesse sentido, o que vem sendo pensado nas recentes discussões de alguns renomados teóricos da mídia como “escândalo político” pode nos ajudar a entender uma parte das transformações pelas quais vem passando essas sociedades.

Nos últimos anos, o cenário político brasileiro foi sacudido por esse fenômeno tão típico das sociedades midiáticas. Em maio de 2005, uma denúncia de corrupção nos correios e no Instituto de Resseguros do Brasil, pela revista *Veja*, gerou uma crise no governo Lula que levou alguns retóricos da grande mídia nacional e até internacional a professar a morte política desse governo. Esta denúncia desencadeou uma outra, que ficou conhecida como o “escândalo do mensalão”, episódio que ocupou por um largo período a mídia brasileira, chegando a ter repercussão internacional.

Este trabalho consiste, assim, na investigação de alguns processos lingüísticos e de alguns recursos visuais que participam da construção discursiva desse “escândalo político”, ou seja, de seu investimento de sentidos, e suas implicações éticas e políticas. O dispositivo midiático analisado é a revista *Veja*. Foram analisadas 13 (treze) edições, que correspondem ao período que se estende da denúncia do caso de corrupção nos Correios, edição 1905, de 18 de maio de 2005, até a edição do dia 17-8-2005, que mostra o que poderia ter sido a conseqüência mais radical desse escândalo, ou seja, o possível *impeachment* do presidente Lula. Neste trabalho, estão sendo considerados os recursos lingüísticos e visuais apenas das capas das referidas edições. Veremos mais a frente que o conjunto dessas edições caracteriza um *crescendum* de denúncias que culmina com a edição que coloca o *impeachment* do presidente como uma possibilidade concreta.

O conceito de “escândalo político” está sendo tomado neste trabalho a partir da teorização que Thompson propõe sobre este fenômeno, segundo ele, típico das sociedades midiáticas.

Escândalos são lutas sociais que são travadas no espaço público e que são constituídas por ações e atos de fala de indivíduos e organizações que expõem, afirmam e condenam, bem como pelas ações e atos de fala daqueles que estão no centro das acusações e se vêem presos no drama que se desenrola. (THOMPSON, 2002, p. 296)

O elemento que está em destaque aqui é o aspecto midiático desse tipo de construção. O “escândalo político”, na forma como é teorizado por Thompson, é um fenômeno essencialmente midiático, um evento de mídia.

No rastro deste aspecto, este trabalho traz, assim, considerações sobre alguns dos processos metafóricos por meio dos quais o chamado “escândalo do mensalão” foi construído. Tais considerações tomam como referência elementos lingüísticos e visuais. Em relação aos elementos lingüísticos, estão sendo considerados os títulos e os subtítulos das capas. Quanto aos elementos visuais, estão sendo considerados tipos de imagem, formatos, distribuição dos objetos e cores. O interesse é ver como esses elementos participam do processo de construção ou investimento de sentidos para o evento em questão.

A análise procura chamar a atenção para as implicações do conjunto de estratégias de investimento de sentido que, ao mesmo tempo em que opera uma forma específica de construção ou representação de um episódio, pensado aqui a partir da categoria “escândalo político”, constitui também uma forma específica de estruturação dos significados de uma prática que, como veremos, foi assimilada ao partido do governo e ao próprio governo e seus principais membros, de forma a produzir um efeito geral de sentido de desqualificação.

Como as mídias constituem uma esfera social e discursiva, uma espécie de ator político que, não escapando das contradições e dos conflitos que constituem o social como um todo, em sua dimensão antagônica e agonística, têm um tipo específico de inscrição histórica na luta hegemônica, que é uma luta pelo controle do sentido, a análise volta-se, entre outras coisas, para investigar como os processos de investimento de sentido em questão manifestam essa luta e, assim, as tensões sociais na linguagem. Em termos mais específicos, as tensões entre os *media* e o campo social da política, e, além disso, o que essas tensões implicam em termos ético-políticos.

1. Metáfora, Pensamento e Ação

A significação das coisas por meio de processos metafóricos constitui uma forma específica de estruturação de uma realidade, forma esta que terá inevitavelmente implicações. As metáforas, conforme lembram autores como Fairclough (2001, p. 241), “estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental”.

Embora o pensamento lingüístico ocidental, marcadamente logocêntrico, seja um empreendimento tornado possível pela idéia de sentido literal, sentido este que não passa do que autores como Arrojo e Rajagopalan (1992, p. 48) chamam de metáfora primordial, considero relevante para os propósitos deste trabalho a forma como a Análise de Discurso Crítica, na perspectiva de Fairclough (2001, 2003), concebe os processos metafóricos. O autor define a metáfora como uma forma particular de estruturação da realidade. Essa forma de compreensão da metáfora não deixa de ser interessante para analisarmos o que autores como Paul de Man chama de “uso e abuso da

linguagem”. Para o autor, “o uso e o abuso da linguagem não podem ser separados um do outro” (De MAN, 1992, p. 26).

Nessa perspectiva, e a título de esclarecimento, o que se entende habitualmente por literalidade do sentido está sendo pensado aqui como metáfora primordial, restando, pois, ao conceito de metáfora a idéia de forma específica de arranjo que manifesta, por sua vez, uma forma específica de investimento de sentido, que revela, a seu turno, uma forma específica de representação. Logo, o que estarei chamando de processos metafóricos neste trabalho constitui, no fim das contas, formas específicas de arranjos ou investimentos de sentido, o que constitui a própria atividade da linguagem, o seu modo mesmo de funcionamento.

Assim, embora o conceito de metáfora posto por Fairclough manifeste uma visão de linguagem afinada com o realismo crítico, considero a idéia de metáfora como forma específica de estruturação do mundo relevante para os propósitos deste trabalho, uma vez que este autor chama a atenção para as implicações de todo processo de metaforização do que se entende habitualmente por realidade.

Fairclough lembra que um dos marcos definidores no interior das práticas discursivas, e além delas, é a forma como um domínio particular da experiência é metaforizado. Da mesma forma, mudanças na metaforização do que se entende por realidade constituem, segundo o autor, um aspecto importante da mudança discursiva com implicações culturais e sociais significativas. Ainda sobre a relevância desse tipo de significação, o autor observa que “algumas metáforas são tão profundamente naturalizadas no interior de uma cultura particular que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, como consideram extremamente difícil escapar delas no seu discurso, pensamento ou ação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 241).

2. Mídias e outras esferas sociais: visibilidade, tensão e conflito

Embora sejam historicamente concebidos como lugar de mediação, do ponto de vista ético-político, os meios de comunicação de massa do outros campos sociais. No *campo dos media*, como em toda esfera discursiva, os processos discursivos, embora condicionados pelas regras que comandam o que deve e o que não deve ser enunciado, se dão a partir de escolhas e estratégias, o que evidencia, assim, a inescapável dimensão ética de todo processo de significação. O aspecto político diz respeito ao fato de se tratar de uma esfera discursiva enunciando sobre outras e constituindo com elas o lugar do múltiplo, uma pluralidade de campos que vão configurar o mosaico social. A relação que o campo do media estabelece com outros define um tipo de visibilidade que mostra um grau maior ou menor de tensão.

Enquanto campo social bem definido, com regras próprias de funcionamento, o campo social *dos media*, pela própria simbólica que o constitui, vai manter com os outros campos sociais relações de tensão e conflito permanentes. Com relação ao campo político essa tensão é bastante marcada do ponto de vista discursivo.

De acordo com Rodrigues (1997, p. 155), diferentemente da natureza da legitimidade dos campos sociais pré-modernos, a legitimidade do *campo dos media* tem uma natureza particular: ela é predominantemente vicária ou delegada. Segundo o autor, a fonte de legitimidade desse campo é consequência de um “processo de autonomização de uma parte das funções de mediação dos outros campos sociais, autonomização exigida pelo processo generalizado de disseminação das esferas da experiência no mundo moderno”.

Ao autonomizarem-se nas sociedades modernas, estas funções de mediação constituem-se, no entanto, como uma ordem axiológica própria e, por conseguinte, como esfera legítima autônoma. Corresponde deste modo à exigência estratégica de articulação entre os valores legítimos divergentes e por vezes conflituais dos diferentes campos em concorrência (RODRIGUES, 1997, p. 155).

Nesse sentido, acrescenta o autor, a legitimidade específica do *campo dos media* se dá em função da elaboração, gestão, inculcação e sanção dos valores de representação, transparência e legibilidade do mundo da experiência numa sociedade cujo traço principal é exatamente a natureza fragmentada da experiência do mundo. Para isso, continua Rodrigues, é necessária a elaboração de normas de apagamento cuidadoso e de sistemático silenciamento das dimensões simbólicas que integram o processo de enunciação. Para o autor, essas dimensões simbólicas são suscetíveis de por em xeque “o direito à representação e à transparência universal do campo, assim como de travar ou, pelo menos, de parar o processo de instauração desses valores” (RODRIGUES, 1997, p. 155).

Ao contrário da opacidade e da reserva que define a especificidade simbólica dos outros campos, o princípio que define a simbólica do campo dos media é o da transparência, princípio intimamente relacionado com o processo dessacralizante da modernidade, indispensável à sua pretensão à universalidade e à formação dos consensos (RODRIGUES, 1997, p. 157).

Assim, dessacralização e transparência são, segundo o autor, os mecanismos que comandam o processo de ritualização do campo dos media, um processo que consiste na geração de modalidades estereotipadas de funcionamento desse campo.

Mas, *o campo dos media*, como qualquer outro, não escapa à condição de ator político que se constitui num conjunto de tensões sociais, que tem um tipo específico de inscrição histórica que deve ser visto em função da forma como participa da luta hegemônica ou da luta pelo controle e manutenção do sentido (Ferreira, 2007, p. 19). Embora os *media* reivindiquem para si a tarefa de mostrar os fatos sem neles interferir, como se estes existissem independentemente de uma prática discursiva específica e dos interesses que a regulam, esses dispositivos, por constituírem um campo social como outro qualquer, em termos de inscrição histórica e luta hegemônica, não escapam aos embates e contradições sociais. Isso faz com que a função de mediação dos media na modernidade se torne a principal fonte de tensão entre esse campo e as demais esferas sociais.

Nesta perspectiva este trabalho traz alguns elementos para uma discussão sobre como os *media* agem discursivamente com as armas simbólicas de que dispõem e como essa ação discursiva, em sua materialidade lingüística, pode ser analisada a partir do tipo de embate político-ideológico que caracteriza a sua relação com o campo político, uma relação que é reivindicada como devendo ser pautada pela vigilância.

Enquanto ator social e político, a ação discursiva dos media deve ser vista, em sua dimensão estratégica, a partir dos interesses que comandam a sua forma específica de inscrição histórica no fluxo da luta hegemônica. Enquanto ator político que participa dos embates sociais, sua ação discursiva se dá no sentido de tornar hegemônica uma determinada forma de compreensão das coisas. Para isso, põe em cena um conjunto de regras que mostram como funciona a gramática dos jogos de linguagem que caracterizam esse domínio discursivo.

3. As regras do jogo de linguagem jornalístico

Um dos pressupostos que sustentam a enunciação jornalística é a crença na existência de fatos e na possibilidade de sua objetivação via linguagem. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa são vistos historicamente como constituindo um lugar de mediação que teria como tarefa apresentar os fatos sem qualquer intervenção nesse processo. Temos aqui a idéia clássica de representação como apresentação lingüística da coisa, no caso do “fato”. Para a realização desse trabalho de representação no sentido clássico do termo, duas regras são fundamentais: objetividade e neutralidade.

Embora o conceito de objetividade seja pensado de muitas formas na teoria da comunicação, atendo-me à sua abordagem clássica, ou seja, a que diz respeito à dicotomia informação x opinião. Em síntese, a tudo o que diz respeito à uma narrativa em terceira pessoa livre de qualquer julgamento de valor ou de opinião, como se as próprias escolhas lingüísticas não constituíssem, em si, já um ponto de vista de observação do sujeito que enuncia.

A noção de objetividade remete, assim, à discussão que Rodrigues faz sobre a legitimidade específica do *campo dos media* que, segundo o autor, se dá em função da elaboração, gestão, inculcação e sanção dos valores de representação, transparência e legibilidade do mundo da experiência. Nesse sentido, a objetividade diz respeito ao direito delegado, reconhecido de uma representação no sentido clássico do termo.

Com relação à regra da neutralidade, conforme observa Lima (2002, p.2) não bastam aos *media* a tarefa de narrar ou relatar com transparência os fatos relativos aos diferentes campos sociais. Eles precisam se constituir como um lugar neutro, onde não há tomada de posição, mas apenas a concessão de um espaço para que outros atores sociais possam enunciar. Os *media* funcionam, assim, como um lugar que pertence ao mesmo tempo a todos e a ninguém. A neutralidade seria, portanto, outra especificidade da enunciação jornalística.

Outra especificidade da enunciação jornalística, segundo a autora, é a idéia de atualidade. Ou seja, a seleção do que deve ser notícia se dá em função do tempo em que ocorreu o suposto fato. De maneira geral, é preciso que o fato seja recente para ser transformado em notícia. A temporalidade dos *media* compreende, assim, o que *foi* há pouco, o que *é* agora e o que *será* em breve. Neutralidade, objetividade e atualidade constituem, portanto, algumas das regras fundamentais que não só tornam possível a enunciação jornalística, como mostram porque esse tipo de enunciação comporta um poder simbólico tão grande.

4. O trabalho de investimento de sentido dos *media* e suas estratégias

De acordo com Lima (2002, p. 1-18), como o trabalho de investimento de sentido consiste num processo de modalizar, organizar e referenciar, três estratégias discursivas (hierarquização, referenciação e modalização) atuam no processo de construção de efeitos de sentido, a partir de duas operações que constroem as modalidades de dizer dos *media*: agendamento e auto-referenciação.

Com relação à questão do agendamento, a autora observa que, se se considera que os *media* são atualmente os dispositivos que comandam a publicização dos inúmeros campos sociais, caberia então a esses dispositivos o papel de agendar os fatos sociais de acordo com o que se considera atual. A operação de agendamento consiste na escolha que os *media* fazem dos “fatos” sociais que devem virar notícia. Tal operação remete à teoria dos *agenda-setting*, desenvolvido pela sociologia

da comunicação, segundo a qual se os *media* não dizem *como* devemos pensar, indicam ao menos, *sobre o que* devemos pensar. Logo, todo trabalho de agendamento envolve um trabalho de inclusão e exclusão, de concessão e de negação de voz, de visibilidade e apagamento. Os efeitos de sentido dependem, assim, de como esses elementos serão articulados.

O ato de agendar configura, segundo a autora, duas armas simbólicas: a antecipação dos acontecimentos e a vigilância constante dos *media* sobre as demais instituições e também sobre os dispositivos de comunicação que disputam a notícia. A autora observa que

Ao trazer para a cena pública aquilo que estava oculto nas outras esferas sociais, os *media* não só predizem os acontecimentos, mas também se convertem no próprio olhar vigilante que se subjetiva no olhar do cidadão, invertendo e domesticando a própria ordem vigilante do poder”. A autora lembra ainda que “antecipar e vigiar são duas armas que só se realizam na prática discursiva dos *media* porque eles assumem na modernidade a tarefa de dar visibilidade aos diferentes campos sociais (LIMA, 2002, p.).

Sendo a visibilidade um dos princípios legitimadores dos *media*, o que se traduz na função de relatar o que acontece no espaço público, ela passa a funcionar também como uma poderosa e dissimulada arma simbólica de construção e de produção do controle dos *media* sobre os demais campos sociais. Essa arma simbólica funciona de forma dissimulada, porque se baseia no controle da informação, na supervisão e no monitoramento das atividades dos demais campos sociais. Daí a relação entre mídia e outros campos sociais ser constantemente tensa e conflituosa.

5. O governo Lula na mídia: as primeiras representações

Depois de três tentativas sem sucesso nos anos de 1989, 1994 e 1998, a eleição do presidente Lula, em 2002, foi um marco na história política brasileira, por diversas razões. Pela primeira vez na história política do país, chega à presidência da república um homem cujo perfil inclui, entre outras coisas, ser um ex-retirante nordestino, um ex-torneiro mecânico e um dos fundadores de uma das maiores centrais sindicais do país, a CUT, e do Partido dos Trabalhadores (PT), partido pelo qual se elegeu presidente da república. Por todo o seu perfil e sua trajetória, a figura política de Luiz Inácio Lula da Silva tem rendido os mais diversos objetos de estudo, nos mais variados domínios.

A discussão que segue consiste num apanhado de resultados parciais de uma pesquisa que tem como objeto a análise da forma como a mídia brasileira construiu sentidos para dois episódios que foram significados como dois grandes “escândalos políticos” do governo Lula. Estes episódios ocorreram no primeiro mandato desse governo e ficaram conhecidos como o “escândalo do mensalão” e o “caso do dossiê”. O primeiro episódio veio à tona em 2005, por ocasião de uma denúncia de corrupção envolvendo um funcionário dos Correios e um dos políticos mais importantes da base aliada do governo, o então deputado Roberto Jeferson, do PTB. O segundo envolveu a compra de um dossiê por integrantes do Partido dos Trabalhadores que comprometia José Serra, então candidato ao governo de São Paulo pelo PSDB. Tal episódio, segundo muitos especialistas, na forma como foi construído midiaticamente, acabou gerando o segundo turno da eleição presidencial de 2006.

Neste tópico, apresento algumas considerações a respeito do primeiro episódio e tomo como referência apenas as capas de um dos veículos analisados na pesquisa, a saber, a revista *Veja*. Antes, porém, apresento algumas considerações sobre como o governo Lula foi significado por esta revista,

no início de seu primeiro mandato, e, a título de comparação, como a mesma revista significou as duas primeiras semanas do governo FHC. Vejamos, inicialmente, as capas referentes às duas primeiras semanas do governo Lula:



Figura 1: capas das edições 1784 (08-01-2003) e 1785 (15-01-2003)

Como podemos ver, a capa da edição da revista *Veja* referente à primeira semana do governo Lula traz como título “Lula-de-mel” e como subtítulo “a partir de agora começa a cobrança”. A capa traz uma foto do presidente e de sua esposa, Marisa Letícia, no carro, com a faixa presidencial, acenando para a multidão. Embora Lula e sua esposa estejam no centro da foto, suas figuras misturam-se com o povo ao fundo e com a imagem de papel picado. A imagem, bastante colorida, sugere a idéia de festa, reforçada pelo título Lula-de-mel. Embora o título e a imagem gerem um efeito de sentido de festa, de alegria, de vitória, o subtítulo “a partir de agora começa a cobrança”, mostra que este governo começa então a carregar o peso de ser testado pelas cobranças que serão feitas. O subtítulo mostra a arma simbólica midiática da vigilância firmemente apontada para o governo que se inicia.

A edição seguinte de *Veja*, que corresponde à segunda semana do governo Lula, além de trazer uma imagem jocosa, tem como título, em letras destacadas, “trapalhadas na decolagem” e como subtítulo “o show de factóides no começo do governo Lula”. A imagem da capa, o título e o subtítulo já posicionam o referente discursivo em questão, no caso, o “governo Lula”, no espaço do patético, do jocoso, do burlesco, do caricato. Além do referente discursivo em questão ser posicionado dessa forma, o título “trapalhadas na decolagem” gera a suposição de que outras trapalhadas estariam por vir durante a viagem, que já teria começado mal. A combinação de cores dessa capa reforça a idéia do patético e do jocoso.

Observemos o contraste produzido pela combinação do amarelo com o vermelho. Como se sabe, a combinação das cores primárias, amarelo e vermelho, gera atração e posterior repulsa, recurso semiótico bastante utilizado, por exemplo, na combinação de cores dos *fast-foods*. Um outro elemento que merece destaque nesta capa é a mistura de tons que, neste caso, cria um efeito de desordem. A disposição das figuras apresenta falta de sincronia. A imagem sugere confusão, o que pode produzir um efeito de descrédito em relação aos referentes em questão. Outra informação interessante nestas capas é o fato do governo Lula aparecer rodeado dos membros mais importantes de seu governo, sugerindo a idéia de dependência do governo em relação ao trabalho desses líderes.

Vejam agora, a título de comparação, como foram produzidas as capas da mesma revista referentes às duas primeiras semanas do governo de Fernando Henrique Cardoso.



Figura 2: capas das edições 1373 (04-01-1995) e 1374 (11-01-1995).

A primeira capa apresenta a imagem suntuosa da cadeira presidencial, com duas bandeiras, uma em cada lado, um fundo negro, um tapete vermelho que se estende da cadeira presidencial adiante e os seguintes título e subtítulo: “Presidência: o que é, sua origem, seus poderes, seus limites”. O fundo negro contrastado com o vermelho do tapete cria um efeito de imensidão, de imprecisão, de dificuldade, que o presidente, naturalmente, terá de enfrentar, uma vez ocupando o lugar máximo do poder executivo. O título e o subtítulo, por sua vez, fazem referência ao que é o lugar da presidência, sua origem, seus poderes e seus limites. Ou seja, embora faça referência aos poderes de um presidente, destaca também a idéia de limite desse poder, o que gera o pressuposto de que o presidente não tem condições, sozinho, de resolver todos os problemas de um país por conta da interdependência dos poderes e de uma série de questões.

Na edição seguinte, a revista traz como capa a imagem do presidente Fernando Henrique Cardoso, de pé, com as mãos na cintura, em posição de alguém que encara firmemente um desafio. O fundo da imagem é branco, criando um efeito de transparência. O título, em destaque, acima da imagem do presidente, traz o seguinte texto: “FHC arregança as mangas”. O subtítulo, posto ao lado da figura do presidente traz: “a arrancada do presidente, em meio à chantagem do senado, pressão por cargos, vaidades e o desafio de mudar o Brasil”.

Além da imagem e da combinação de cores gerarem efeitos de sentido como competência, transparência, firmeza, determinação, vontade política, o título “FHC arregança as mangas” gera imediatamente o efeito de sentido de um chefe do executivo que está pronto para trabalhar duramente pelo país. Essa idéia é reforçada pelos sentidos do subtítulo, quais sejam, a arrancada do presidente, sua firmeza em relação à chantagem do senado, à pressão por cargos, às vaidades e em relação à sua própria vontade de mudar o Brasil.

Feitas estas observações sobre a forma como a revista em questão construiu sentidos para os dois governos, no início de seus mandatos, vejamos agora como a referida revista propôs sentidos para o que foi significado como um dos maiores escândalos de corrupção na história do país e como o maior “escândalo político” no governo Lula, o “caso do mensalão”.

Com relação a este episódio, uma observação mais detida dos processos de significação mobilizados para sua construção aponta não só para um efeito de desqualificação e de desmoralização do governo e de seu partido, mas também para uma possível assimilação desse governo com o governo Collor, que renunciou em 1992, por conta de um escândalo de corrupção. Se compararmos o conjunto das edições que abordam o episódio do mensalão (a retórica das capas, das imagens, as escolhas lingüísticas em si) com a edição da mesma revista que saiu na segunda semana do governo Lula, cujo título da capa é “Trapalhadas na decolagem”, percebemos que o processo de desqualificação desse governo começa bem antes do surgimento das primeiras denúncias de corrupção.

Com o episódio do “mensalão”, o espaço simbólico do objeto discursivo “governo Lula”, instaurado inicialmente pelos sentidos do jocoso, do patético, do burlesco, passou a ser também constituído pelo sentido de incompetência moral, política e administrativa. O “escândalo do mensalão” foi construído de forma a mostrar que esse episódio tinha tudo para ser concebido como o corolário lógico da eleição de um governo que, pela própria origem, não tinha condições de ser diferente. Esse governo, desde o início trapalhão e desastroso, agora era visto como moralmente incompetente. A tese da desqualificação estava finalmente provada. Desqualificação aqui consiste na negação da legitimidade de outras vozes que disputam o mesmo espaço discursivo, neste caso, não só relativo ao campo da política, mas também ao governo Lula, à sua administração, aos membros desse governo, que precisariam cair um a um por conta de serem também moralmente desqualificados. Só a título de exemplo, um jornal britânico, no auge do episódio do “mensalão”, chegou a decretar o fim da era Lula no Brasil.

6. O percurso de construção do “escândalo do mensalão” e a retórica das capas: nomeação, imagem e metáfora

No caso do corpus desta pesquisa, o processo de construção do “escândalo do mensalão” envolveu 14 (quatorze) edições da revista *Veja*. A edição que traz o estopim do escândalo é a de número 1905, de 18 de maio de 2005. Esta edição, que tem como reportagem de capa a luta do ator Raul Cortez contra um câncer, traz, acima da imagem do ator, uma foto de Maurício Marinho, funcionário dos Correios, flagrado recebendo propina de dois supostos empresários para permitir sua entrada no seleto rol das empresas fornecedoras de equipamentos para os Correios. Ao lado da foto de Mauricio Marinho aparece o seguinte texto: “Exclusivo: o vídeo da corrupção em Brasília. A incrível seqüência do dinheiro saindo das mãos do corruptor para o bolso do corrupto. Mais: diálogos inesquecíveis”. Neste flagra, Marinho, funcionário dos Correios ligado ao deputado Roberto Jefferson, então presidente do PTB e aliado do governo Lula, revela esquemas de corrupção nos Correios envolvendo a contratação de empresas fornecedoras de equipamentos para a estatal e a ligação entre esses esquemas e a figura de Roberto Jefferson.

O texto que abre a reportagem tem como título “O homem-chave do PTB”. O subtítulo traz o seguinte: “o caso que se vai ler e ver (e ouvir em www.veja.com.br) é um microcosmo da corrupção no Brasil. Dá arrepios pensar que a mesma coisa está ocorrendo agora em milhares de outras repartições, prefeituras, câmaras municipais...”. Curioso é que a reportagem praticamente não faz referência aos supostos empresários que forjaram o flagra. Em nenhum momento da reportagem a revista deixa claro quem são esses empresários, de onde surgiram e a troco de que armaram o esquema para flagrar Mauricio Marinho.

A rigor, a edição que inicia o processo de construção do “escândalo do mensalão” é a de número 1906, de 25 de maio de 2005, em que aparece, pela primeira vez, a expressão “mesadas”. A capa estampa, em letras grandes, o título “Corruptos” e o subtítulo “Estamos perdendo a guerra contra esta praga”. A imagem é a de um homem de paletó e gravata, com um charuto na mão e a cabeça de um rato. O homem-rato aperta a gravata enquanto ri sarcasticamente. A capa tem um fundo vermelho, a cor-símbolo do Partido dos Trabalhadores. Ao lado da imagem do homem-rato aparecem os seguintes textos:

- O PAVOR DA CPI, acompanhado de “Delúbio Soares e Sílvio Pereira, operadores do PT, não escapariam das investigações”,
- AS “MESADAS”, acompanhado de “Só de uma estatal, Roberto Jefferson, do PTB, exigia 400.000,00 reais por mês” e
- MICROCÂMERAS, acompanhado de “Aprenda a flagrar um corrupto”.

A edição seguinte traz na capa a imagem do deputado Roberto Jefferson, o grande mentor do esquema de corrupção nos Correios. O título da reportagem é “O homem bomba”. O subtítulo da reportagem traz: “Se for incriminado pela CPI dos Correios, Jefferson ameaça levar junto Dirceu, Sílvio e Delúbio, do PT”.

A edição seguinte traz como reportagem de capa um caso de corrupção envolvendo a Amazônia. O título e o subtítulo da reportagem são: “Corrupção – Amazônia à venda: petistas presos aceitavam propina de madeireiros que devastavam a floresta”. A edição mostra que a corrupção envolvendo o partido do governo se estende agora a outros órgãos. A edição posterior traz como reportagem de capa as figuras de Roberto Jefferson e de Delúbio Soares, num efeito dominó. A reportagem tem como enfoque a figura de Delúbio Soares, o tesoureiro do PT e a primeira figura-chave do partido a se afastar de seu cargo por conta do escândalo em questão. O título e subtítulo da reportagem são respectivamente “Quem mais? Com uma CPI instalada e outra a caminho, a pergunta agora é qual será o rosto do próximo escândalo”. O fundo da capa é vermelho, novamente em referência à cor-símbolo do Partido dos Trabalhadores. Vejamos a seqüência dessas quatro primeiras capas.



Figura 3: capas das edições, respectivamente: 1906 (25-5-2005), 1907 (01-6-2005), 1908 (8-6-2005), 1909 (15-6-2005).

A capa seguinte traz a imagem do presidente Lula em estado de decrepitude com os seguintes título e subtítulo: “Tem concerto? Com a demissão de José Dirceu, Lula tenta salvar o governo e sua biografia”. A capa traz uma imagem do presidente envelhecida, decrépita e com rachaduras na

cabeça. O fundo é a imagem de um céu cinzento e soturno. O nome da revista aparece em cor amarela, reforçando ainda mais o tom sombrio e medonho da capa. É a imagem de um político em ruínas.

A edição seguinte traz uma curiosidade. No centro da capa aparece o brasão da república com a estrela do PT ao centro e a sigla do partido no meio da estrela. Logo abaixo, o texto: “República Federativa do Zé, 1º de janeiro de 2003”. O texto faz referência ao início do governo Lula. Logo abaixo vem o título em letras destacadas “O grande erro” e o subtítulo em letras minúsculas “Confundir o partido com o governo”. O curioso é que no centro da capa aparece a sigla do PT, em destaque, no centro da estrela vermelha e logo abaixo o título “o grande erro”. A primeira leitura que se faz da capa é: PT: O GRANDE ERRO, e não “O grande erro: confundir o partido com o governo”.

A edição seguinte traz a imagem do empresário Marcos Valério, o homem acusado de ser o operador do mensalão, nome dado ao dinheiro que o PT supostamente distribuía aos deputados do PP e do PL. O título e subtítulo da reportagem são: “O elo se fecha. Documento é a peça que faltava para provar que Marcos Valério e o PT são um só quando o assunto é dinheiro. Ele avalizou um empréstimo milionário para o partido e até pagou uma parcela”. Vejamos a sequência das três capas:



Figura 4: capas das edições 1910 (22-6-2005), 1911 (29-6-2005) e 1912 (6-7-2005).

Nas edições seguintes, o alvo é o presidente Lula. A edição de número 1913, de 13 de julho de 2005 traz uma imagem jocosa do presidente, coçando o canto direito do bigode e com um olhar que sugere cumplicidade. O título da reportagem é “Ele sabia?”. Os textos que seguem este título são: “Pesquisa: 55% dizem que Lula sabia da corrupção” e “48% acham que o PT é um partido desonesto”. Logo abaixo vem a seguinte manchete: “Flagrante no aeroporto: dirigente do PT é preso com 100.000,00 dólares na cueca”. A capa tem um fundo amarelo. Segundo Guimarães (2004, p. 156), o amarelo, além de símbolo de alerta, é relacionado à loucura, à mentira, à traição. De acordo com Michel Pastoureau, citado por Guimarães (idem), o amarelo é “a cor dos traidores, dos cavaleiros desleais, dos falsos moedeiros [...], cor dos fura-greves, dos trabalhadores que atraçoaram em favor do patronato”.

A edição seguinte, a de número 1914, de 20 de julho de 2005, continua enfocando a figura do presidente, que dessa vez aparece de perfil, negra, com o contorno da cabeça arrepiado. A cor predominante é o preto, sugerindo trevas e escuridão. O título e subtítulo da reportagem são:

“Mensalão. Quando e como Lula foi alertado”. A edição seguinte traz novamente a figura de Marcos Valério. A cor predominante é o cinza, que toma parte do rosto pálido do empresário. O título e subtítulo da reportagem são: “A chantagem. 200 milhões para ficar calado”.

O amarelo é novamente a cor que predomina na edição posterior, a de número 1916, de 3 de agosto de 2005, que traz na capa José Dirceu, com um olhar que sugere vergonha e tristeza. Vejamos a seqüência dessas capas:



Figura 5: capas das edições 1913 (13-7-2005), 1914 (20-7-2005), 1915 (27-7-2005) e 1916 (3-8-2005).

As edições vistas até então nos fazem lembrar o percurso de abordagem, pela mesma revista, do esquema de corrupção que levou à renúncia do presidente Collor, em 1992. As edições de número 1917, de 10 de agosto de 2005, e a de número 1918, de 17 de agosto de 2005, mostram que, se houve um esforço de assimilar o governo Lula ao desastroso governo Collor, este processo de assimilação teria chegado ao seu ponto culminante nestas edições. O corolário lógico desse processo de assimilação seria o de que o governo Lula, mesmo tendo a origem que tinha, era tão corrupto e moralmente desqualificado quanto o governo Collor, cassado em 1992, sob a acusação de envolvimento com um dos maiores esquemas de corrupção já noticiados pela mídia brasileira. Vale lembrar que a crise política que levou ao *impeachment* o presidente Collor, em 1992, foi desencadeada pela entrevista que seu irmão, Pedro Collor, concedeu à revista *Veja*. Essa entrevista gerou a CPI PC-Collor, cuja consequência mais radical foi a renúncia do então presidente Fernando Collor de Melo. Vejamos as edições que coroam o processo de construção do “escândalo do mensalão”:



Figura 6: capas das edições 1917 (10-8-2005) e 1918 (17-8-2005).

A edição de número 1917, de 10 de agosto de 2005, traz como título apenas o nome Lulla, com a letra L duplicada em verde e amarelo, em referência ao nome Collor, no mesmo formato em que ficou conhecido na campanha de 1989, com o seguinte texto logo abaixo: “sem ação diante do escândalo que devorou seu partido e paralisou seu governo, Lula está em uma situação que já lembra a agonia da era Collor”. Logo acima do nome Lulla, que aparece em destaque, com letras que tomam boa parte da capa, aparece também uma foto pequena do presidente, de cabeça baixa, sugerindo sentimentos de tristeza e de vergonha em um olhar para baixo. A foto minúscula sugere que o governo restava pequeno e frágil diante do escândalo que, segundo a revista, tinha devorado seu partido e paralisado seu governo. Essa sugestão de pequenez colocada pela imagem pode ser também associada à idéia de incompetência moral, política e administrativa de um governo que, justamente por ter a origem que tinha (ou embora tivesse; vale lembrar que essa origem é, no fim das contas, apropriada pelo dispositivo midiático em questão de forma ambígua), não teria competência suficiente para governar sem esquemas de corrupção, como o que está sendo noticiado.

A edição 1918, de 17 de agosto de 2005, representa o ponto culminante do processo de construção do escândalo político em questão. A capa traz a imagem do presidente sugerindo constrangimento e desolação. O título é bem sintomático de um processo de construção que poderia ter culminado com a aprovação do pedido de *impeachment* para o presidente: “A luta de Lula contra o *impeachment*”. O subtítulo traz o seguinte texto: “A defesa do presidente na televisão não convence e ele perde a chance de explicar o escândalo”. A palavra “*impeachment*” aparece em destaque e na cor amarela, a “cor dos traidores” e dos “cavaleiros desleais”. Na parte superior da capa, também sobre um fundo amarelo, os seguintes textos: (1) “Duda Mendonça diz que a campanha de 2002 foi paga com dinheiro sujo”, (2) “Preso, Toinho da Barcelona, doleiro do PT, quer contar tudo na CPI” e (3) “Hélio Bicudo: ‘Lula é mestre em esconder a sujeira embaixo do tapete’”. A capa dessa edição é peremptória no que diz respeito ao que deveria ser a conclusão lógica de todo esse processo: o *impeachment* do presidente que veio das classes e movimentos populares e que provou não ser moralmente competente para estar à frente do país.

Em termos gerais, o trabalho preliminar de análise sugere que a apropriação do episódio do “mensalão” pela mídia em questão deu-se menos para mostrar o episódio como um exemplo de práticas historicamente viciadas que acontecem na esfera político-administrativa brasileira, desde tempos imemoriais, em grande parte devido ao tipo de sistema político brasileiro ainda em vigor, e mais como uma prova cabal de um estado de deterioração moral e corrupção que havia tomado todo um partido e, conseqüentemente, todo um governo.

Referências

CHOUILIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity**. Edinburg: Edinburg University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

_____. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FERREIRA, R. **Guerra na língua: mídia, poder e terrorismo**. Fortaleza: Eduece, 2007.

GUIMARÃES, L. **A cor como informação**: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores. 3. ed. São Paulo: Anna Blume, 2004.

_____. **As cores na mídia**: a organização da cor-informação no jornalismo. São Paulo: Anna Blume, 2003.

LIMA, R.L.A. **Vozes em cena**: as disputas simbólicas de sentido no espaço público mediatizado. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/handle/1904/18654>>. Acesso em: 20 jan. 2008.

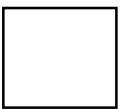
MAN, P. A epistemologia da metáfora. In SACKS, S. (Org.). **Da metáfora**. Trad. Franciscus W. A. M et al. São Paulo: Educ/Pontes, 1992, pp.19-34.

PASTOREAU, M. Couleurs, images, symbols: études d'histoire et d'anthropologie. Paris: Le Léopard d'or, 1989 apud GUIMARÃES, L. **A cor como informação**: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores. 3. ed. São Paulo: Anna Blume, 2004.

RAJAGOPALAN, K. & ARROJO, R. A noção de literalidade: metáfora primordial. In ARROJO, R. (org). **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes Editores, 1992, pp.47-55.

RODRIGUES, A.D. **Estratégias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

THOMPSON, J.B. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.



NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS

1) **LINGUAGEM EM FOCO** é a revista do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, da Universidade Estadual do Ceará e receberá trabalhos relacionados ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, leitura, escrita e novas tecnologias, tradução e terminologia bilíngue, análise do discurso, estudos críticos da linguagem que revelem competência técnico-pedagógica e consciência crítica, com discussões derivadas do estudo interdisciplinar da linguagem, na sua complexidade como atividade interativo-discursiva. Os trabalhos deverão estar relacionados principalmente às suas linhas de pesquisa:

LINHA 1 – Linguagem, Tecnologia e Ensino

LINHA 2 – Multilinguagem, Cognição e Interação

LINHA 3 – Estudos Críticos da Linguagem

2) Serão publicados dois números por ano, sendo um com temática específica e outro com temas miscelâneos relacionados à Linguística Aplicada.

3) As partes em que a revista se estrutura são as seguintes: **conjunto de artigos** (entre 6 e 8) relacionados por uma temática determinada. Para cada número, esta seção monográfica será coordenada pelo responsável da proposta, aceita previamente. A revista publicará **breves sínteses dos projetos de pesquisa** em andamento ou realizados recentemente, **resumos de teses defendidas** e qualquer outra informação relacionada à atividades de pesquisa e **Resenhas e Publicações**.

4) Os trabalhos podem ser apresentados em alguma das seguintes línguas: **português, inglês, espanhol e francês**.

5) Os trabalhos propostos terão que ser necessariamente originais e inéditos. Não poderão ser trabalhos já publicados em outras revistas ou livros, nem estar em processo de revisão em outra revista.

6) Envio de artigos: os artigos serão enviados por email: posla@uece.br (a ser substituído pelo da própria revista em breve).

7) Para a sua aceitação, os trabalhos deverão ajustar-se às normas de edição da revista.

8) Todas as propostas recebidas serão analisadas pelo Conselho Editorial e pela organizadora do número, que analisarão os artigos sem a identificação do autor.

9) A aceitação de originais para publicação será comunicada aos seus autores; Caso necessário, também serão comunicadas as modificações ou revisões necessárias para sua publicação.

10) Os trabalhos que sejam resultados de Projetos de Pesquisa deverão indicar a fonte financiadora. Também deverão fazer referência à metodologia utilizada.

- 11) O autor se compromete a enviar a versão final do artigo, com as devidas correções ou ajustes, no prazo determinado pelo organizador do número da revista.
- 12) O autor receberá 2 exemplares do número em que aparece o seu trabalho.
- 13) A publicação de trabalhos em **LINGUAGEM EM FOCO** não será remunerada.
- 14) A responsabilidade sobre o conteúdo dos trabalhos é dos seus autores, os quais deverão obter a autorização correspondente para a reprodução de qualquer referência (textual ou gráfica) de outros autores e/ou fontes. A revista **LINGUAGEM EM FOCO** não será responsável pela opinião e juízos de valor expostas pelos autores.

NORMAS PARA A EDIÇÃO ESPECIAL No. 2 de 2011

Número temático: Multimodalidade: aplicações à pesquisa e ensino

- 1) Para este número os trabalhos, inéditos, deverão ser enviados eletronicamente para o e-mail da organizadora Profa. Antonia Dilamar Araújo dilamar@gmail.com, que deve estar formatada para uso em PC (de preferência no Word).
- 2) Prazos:
 - o Envio do artigo: Até 30 de janeiro.
 - o Acuse de recebimento do artigo: Até 15 de fevereiro.
 - o Parecer sobre aceitação do artigo: Até 05 de março.
 - o Envio da versão final do artigo: 05 de abril.
 - o Publicação da revista: Até final de junho.
- 04) Os originais terão entre 10 páginas a 20 páginas no máximo (tamanho A4), numeradas, escritas em espaço 1,5, com fonte Times New Roman, 12. Nas 20 páginas devem estar incluídos os resumos e a bibliografia. Não serão aceitos os originais que excedam estes limites.
- 05) Os trabalhos serão apresentados segundo a seguinte estrutura:
 - a) **TÍTULO** (Fonte 16, letra maiúscula); Autor/es (Fonte 12).
 - b) **Resumos em português e inglês** (máximo de 100 palavras cada um).
 - c) **Palavras chave** (máximo 4) em português e inglês.
 - d) **Texto do trabalho** (fonte 12, espaço 1,5cm entre linhas).
 - e) **Referências Bibliográficas**.
 - f) Breve perfil acadêmico e profissional do autor/es e e-mail (3-4 linhas).
 - g) Em folha anexa, Nome e endereço completo do autor/es.

06) As notas estarão no rodapé da página e serão numeradas correlativamente.

07) Os parágrafos citados textualmente dentro do artigo aparecerão sem aspas, com recuo de 4 cm, em fonte 11, espaço simples entre linhas.

08) No corpo do texto, as palavras usadas em outra língua e as abreviaturas latinas (et al.; id.; infra, op.cit. e outras) serão escritas em itálico.

09) As referências a autores e obras que sejam citadas no texto serão indicadas da seguinte forma: como indica Martins (1992: p. 44)... (MARTINS, 1995: p. 14)

10) As tabelas, gráficos ou ilustrações deverão vir já encaixadas no texto, no lugar correspondente.

11) As **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** correspondentes ao trabalho deverão aparecer no final do mesmo, ordenadas alfabeticamente pelo sobrenome do autor, segundo as normas da ABNT.

12) Para a apresentação das **RESENHAS** deverá ser considerado o seguinte:

a) Resenhas informativas: 300 palavras de extensão.

b) Resenhas críticas: Até 1.500 palavras de extensão (até 4 páginas).

Cada resenha estará encabeçada pela ficha bibliográfica completa do trabalho comentado. No corpo do texto serão consideradas as mesmas normas para os artigos.

